



DOMINGO  
**4**  
ABRIL, 76  
DAS 10h. AS 24h.  
MERCADO DO POVO BELEM

HA  
FESTA  
EM  
BELEM!

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DOS INTELLECTUAIS COMUNISTAS AO POVO DE LISBOA

\* FESTA INFANTIL (das 10 às 13 horas, no relvado central da Torre de Belém) \* MERCADO DA REFORMA AGRÁRIA E DOS PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES (a partir das 10 horas, no relvado da Torre de Belém) \* EXPOSIÇÕES (a partir das 15 horas, na galeria de exposições do Mercado do Povo) \* CINEMA (das 14 às 18 horas e das 19 às 21 horas, na sala de cinema da Galeria de Exposições) \* TEATRO (às 15 horas, na Galeria de Exposições) \* FEIRA DO AUTOCOLANTE (a partir das 15 horas, no Mercado do Povo) \* SESSÃO DE ESCLARECIMENTO - PCP, O PARTIDO DA VERDADE E DA ESPERANÇA (das 15 às 18 horas e das 19 às 20 horas, no Mercado do Povo) \* MÚSICA, CANÇÕES, POESIA (das 14 às 18 horas, no Palco 1 do relvado da Torre de Belém) \* COMÍCIO (das 18 às 19 horas, no Palco 1 do relvado da Torre de Belém, com a presença do camarada Álvaro Cunhal) \* STANDS DE VENDAS E DIVERSÕES, COMES E BEBES

## PARA UMA POLÍTICA DE PAZ E AMIZADE

A visita que uma delegação do PCP fez à República Popular de Moçambique e à República Popular de Angola, a convite dos partidos daqueles países, respectivamente a Frelimo e o MPLA, foi motivo de uma conferência de Imprensa no Centro de Trabalho de Alcântara do PCP, onde o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português enunciou aspectos da deslocação respondendo no final às perguntas levantadas pelos representantes dos órgãos de Informação presentes.



PCP O PARTIDO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL



Pág. 9

## COM O PCP NA DEFESA DA REVOLUÇÃO

Álvaro Cunhal em Portimão e Alcácer do Sal



Pág. 6/7

«Estamos plenamente convencidos que nas próximas eleições também se confirmará com uma grande votação no PCP o apoio de massas no Partido e se criarão assim condições mais favoráveis para a formação de uma maioria de esquerda na futura Assembleia legislativa e para a formação de um governo de esquerda»

Joaquim Gomes em Peniche



Pág. 5

«Há um ano atrás nenhum social-democrata, nenhum pseudo-democrata ou mesmo reaccionário tinha a coragem de se pronunciar contra o socialismo. Os mesmos que há um ano faziam discursos inflamados na defesa do socialismo e dos trabalhadores conduzem agora, a partir do Ministério do Trabalho, das Finanças, do Comércio Interno ou de outros, uma encarniçada ofensiva contra os interesses dos trabalhadores».

Sérgio Vilarigues em Estremoz



Pág. 4

«Ganhar as massas para votarem no grande partido da classe operária e dos trabalhadores exige que a campanha eleitoral seja uma autêntica batalha de esclarecimento sobre a situação política e as soluções que o PCP apresenta para resolver os problemas económicos, políticos e sociais com que o país se debate»

Carlos Costa no Porto



Pág. 5

«A lista de candidatos apresentados pelo partido reflecte, de maneira precisa, a imagem do nosso partido, reflecte toda a sua luta e toda a sua política e reflecte o seu carácter de classe e a sua política aberta para a defesa de todos os interesses nacionais, a sua política unitária, essencial para o triunfo da esquerda, condição indispensável para o triunfo da revolução democrática rumo ao socialismo».

## Centenas de comícios e sessões em todo o País

Avante!

### SUPLEMENTO

Sai já na próxima segunda-feira o primeiro número do suplemento diário do «Avante!», cuja publicação se prolongará até ao final da campanha eleitoral.

Aparecendo aos militantes e simpatizantes comunistas e ao público em geral todas as tardes, o suplemento diário do «Avante!» dedicará-se, inteiramente, à actividade dos candidatos comunistas, esclarecendo e informando, procurando levar tão longe quanto possível e todos os dias a política definida pelo Partido Comunista Português, e aprovada na Conferência Nacional, sobre a necessidade de se obter uma maioria democrática na nova Assembleia, para que as grandes conquistas do Povo Português sejam consolidadas e reforçadas.

Auxiliar importante na campanha eleitoral do Partido Comunista Português o suplemento diário do «Avante!» contará também com uma secção de perguntas e respostas que procurará esclarecer as interrogações do eleitorado (comunistas e não só) face a uma campanha onde não faltarão, infelizmente, as tentativas para confundir e desvirtuar o espírito democrático.

O suplemento diário, como já dissemos, começa a sair na segunda-feira próxima. Instrumento de grande importância nos locais onde as liberdades estão ameaçadas pelo desmascaramento da actividade reaccionária contamos com a colaboração de todos para que o suplemento diário do «Avante!» contribua para a concretização, na próxima Assembleia, de uma maioria de esquerda, rumo a uma sociedade justa, a uma sociedade livre, rumo ao socialismo.



- A serenidade dos nossos camaradas neutralizou a reacção em Olhalvo - pág. 2
- O PCP reclama providências do Conselho da Revolução - pág. 2
- A «Luta», a violência e os trabalhadores - pág. 3
- O custo de vida em debate - pág. 4
- Semana da RDA - pág. 8

### Editorial

## A DESESTABILIZAÇÃO SERVE OS INTERESSES DA REACÇÃO

A realização dos objectivos de uma revolução democrática vitoriosa que se propõe libertar o povo das cadeias da exploração e da opressão implica uma luta de todos os dias contra as tentativas de recuperação das forças derrotadas.

Conforme a resistência dos inimigos vencidos, conforme aceitam ou não a derrota, essa luta será mais ou menos pacífica mas não é obrigatório que seja violenta. São as forças derrotadas que, em geral, procuram por métodos não pacíficos reconquistar as posições perdidas, são elas que buscam por meio da violência restabelecer os antigos privilégios.

Pelo contrário, são as massas populares quem estão interessadas que os objectivos da revolução se realizem sem violências. Nesse sentido pode dizer-se que revolução e estabilidade não são incompatíveis.

A História — a nossa e a dos outros — é rica em exemplos desta ordem.

A reacção nunca pode aceitar que um processo democrático saído de uma revolução como a de 25 de Abril, se desenvolva num clima de ordem e de tranquilidade e que leve a cabo de maneira pacífica as reformas sociais de fundo que correspondam às aspirações fundamentais do povo laborioso.

Impedir a estabilização política e social de uma situação revolucionária é, pois, um dos objectivos principais da contra-revolução nos seus esforços para a reconquista do poder.

No Chile, na estratégia do imperialismo para destruir a democracia chilena, este objectivo recebeu mesmo um nome com que passou a ser designada nas actividades conspiratórias dos inimigos da democracia e da liberdade — a «desestabilização».

Na Argentina, a «desestabilização», de há muito posta em prática pelo imperialismo, abriu o caminho a uma nova ditadura fascista; no Peru, onde a mesma táctica tem sido aplicada, só a firme determinação dos militares revolucionários, cada vez mais identificados com o movimento popular, tem permitido derrotar as tentativas de subversão do imperialismo.

Também em Portugal a desestabilização político-social tem sido uma prática contra-revolucionária constante de certas forças e grupos interessados na recuperação capitalista do processo.

(Continua na pág. 2)

Milhares de jovens participam nos Festivais promovidos pela UEC e pela UJC (Pág. 4)



Reportagens sobre os congressos do Partido Comunista Búlgaro e do Partido Comunista Alemão dos enviados especiais do «Avante!» a Sofia e Bonn

Pág. 10/12

Editorial

(Continuação da pag. 1)

Nas vésperas de um novo acto eleitoral de importância muito grande para a institucionalização do regime saído do 25 de Abril, importa discernir e denunciar as formas como actuaem os agentes da desestabilização da revolução portuguesa, quais os terrenos em que actuaem e finalmente onde se acobertam.

O PCP sempre se manifestou contra as tentativas de subversão da ordem democrática, contra o uso da violência, contra as agressões ideológicas praticadas pela direita reacçãoária ou pelos seus lacaios da ultra-esquerda.

Nesta linha de acção o PCP está inteiramente de acordo com aqueles que advogam uma campanha eleitoral sem violências, está de acordo em que não se devem agudizar artificialmente os conflitos sociais umas e outras, susceptíveis de criar no País um clima de instabilidade e desordem só favorável aos desígnios da reacção.

Mas há forças que jogam decididamente na desestabilização político-social quer em estruturas do poder onde estão alojadas, quer nas instituições em que participam, quer na agitação e nas provocações que diariamente levam a cabo contra as organizações populares e as forças democráticas mais progressistas.

A nível do Governo e na Assembleia Constituinte, no movimento sindical e nas empresas; nos campos da Reforma Agrária ou lá onde a Reforma Agrária ainda não chegou, os agentes de "desestabilização" esforçam-se por criar as condições propícias a um golpe de direita, tentam criar um clima de intimidação e terror e semear a confusão entre as massas populares.

As centrais de subversão acobertadas sob a capa legal do PPD e do CDS, do PPM e do PDC ou dos grupelhos provocatórios da ultra-esquerda, mantêm-se activas para impedir a estabilidade político-social indispensável à institucionalização democrática do País.

Não deixa de ser significativa a acção daqueles partidos da direita dentro da fora da Assembleia Constituinte contra as disposições progressistas da Constituição que amanhã vai ser aprovada, e principalmente o ataque a que desde já a submetem a propósito de poderes constituintes da próxima Assembleia da República.

A direita reacçãoária sabe que a Constituição, tal como vai ser apresentada ao País, é um documento valioso para a estabilização da vida política portuguesa, para o desenvolvimento das instituições democráticas, para a defesa dos direitos e conquistas dos trabalhadores. O PPD e o CDS, partidos um com uma larga participação no Governo e ambos com assento na Assembleia Constituinte, não só advogam a revisão imediata da Constituição como pretendiam o alargamento dos poderes constituintes da próxima Assembleia.

Nas declarações em comícios e entrevistas de Sá Carneiro e Freitas do Amaral, dois reacçãoários que só se distinguem um do outro pelas iniciais dos seus partidos, são claros os propósitos que os animam: privar o povo dessa importante arma legal de defesa dos seus direitos que é a Constituição.

Felizmente a conjugação de esforços de todos os deputados da esquerda permitiu para já assegurar uma grande derrota aos intentos revisionistas do PPD e do CDS.

Gracias a essa larga aglutinação de vontades as tentativas de desestabilização constitucional da direita reacçãoária fracassaram.

No plano social as manobras dos partidos da direita e dos ultra-esquerdistas seus apêndices têm por objectivo criar focos de tensão e de violência no mundo do trabalho para justificar depois as confrontações e a repressão.

Os trabalhadores defrontam-se com problemas graves de desemprego, de drástica dignificação do poder de compra dos seus salários motivada pela prolongada congelação das contratações colectivas e pela súbita alta dos preços.

A luta pelas suas justas reivindicações é essencial para o melhoramento das suas condições de vida.

Ao mesmo tempo, no Governo, um ministro do PPD tentou criar situações de irredutibilidade, ameaçou e propôs critérios repressivos e só a sensatez dos trabalhadores de enfermagem permitiu desfazer esta manobra da direita reacçãoária.

Também outro ministro do PPD, Magalhães Mota, que ameaçou os agricultores de Vagos com 8 anos de prisão, atirou agora para a rua 100 trabalhadores da Direcção do Comércio Interno, apenas por participarem numa reunião que o ministro considerou ilegal.

Que se pretende com medidas desta ordem senão agravar artificialmente os conflitos sociais, gerar factores de instabilidade que prejudiquem a realização serena do próximo acto eleitoral e favoreçam as forças de direita?

A direita reacçãoária e os seus servidores da ultra-esquerda procuram fomentar o desespero entre os trabalhadores, arrastá-los para formas de luta extremas e impopulares de maneira a caírem mais facilmente sob a alçada da repressão e a tornarem-se alvo da hostilização do povo como forma de divisão no seio do movimento popular.

O que se passou com o pessoal de enfermagem é elucidativo quanto às táticas provocatórias e divisionistas do PPD, do CDS, do MRPP e dos outros direitistas. A nível sindical, dirigidos por pedras e do MRPP, com mais socialistas à mistura, quiseram impor uma linha aventureira que acabou por ser derrotada pela massa dos trabalhadores de enfermagem.

Perante acções provocatórias dos trabalhadores devam uma vez mais estar vigilantes, discutir e estudar atentamente a situação, decidir das formas de luta mais apropriadas e capazes de levar ao triunfo das suas reivindicações.

Uma vez mais, a justa luta pelas reivindicações operárias — como soberam compreender os trabalhadores da Construção Civil — deve ser regulada pelos objectivos políticos fundamentais da classe operária em cada situação concreta.

Esta ofensiva de desestabilização social da direita reacçãoária é acompanhada por outras acções tendentes ao mesmo objectivo.

Num outro plano os caceteiros do CDS e do MRPP, entre os quais se acobertam mercenários do ELP e do MDLP desencadeiam um novo surto de atentados bombistas, de acções de intimidação contra populações com o objectivo de impedir a livre expressão da vontade popular em largas zonas do País.

Os incidentes no Norte, em Castelo Branco e Olhalvo — nesta última povoação por evidente instigação de fascistas ligados à CAP — junto às acções terroristas dos separatistas dos Açores e Madeira, mostram uma forma de desestabilizar a situação, mostra quem está de facto interessado em alterar a ordem e a legalidade democráticas e a quem aproveitam tais acções.

Disse antecorrem no Pavilhão dos Desportos o Secretário-Geral do PS que o seu partido está interessado na criação de um "clima de serenidade" durante as próximas eleições.

Estamos de acordo, sr. dr. Mário Soares. Mas como conciliar esta afirmação com os gritos de hostilidade ao PCP e aos seus dirigentes mais destacados por muitos dos assistentes ao comício do PS? Como conciliar estes propósitos com a equívoca posição tomada contra os trabalhadores de Coruche e agora com a transferência compulsiva de 18 técnicos agrícolas do CRRA de Santarém por exigências dos reacçãoários da CAP? Como conciliar tais palavras com o chorrilho anticomunista do dr. Marcelo Curto há dias no Mercado do Povo?

As realidades mostram que os comunistas, atacados pelas forças mais reacçãoárias, acusados da prática de violências pelos verdadeiros fautores da violência em Portugal, são de facto os grandes defensores da ordem e da tranquilidade, da legalidade democrática, da liberdade de cada um poder exprimir a sua vontade.

E mostram que os chamados "defensores da ordem" de triste memória, os que no passado defendiam a ordem caetanista e salazarista, a ordem na ponta das espingardas, estão realmente a subvertê-la e a tentar dessa forma abrir por todos os meios o caminho aos Spínolas sedentos de sangue dos portugueses.

Com a serenidade que lhe dá o seu longo passado de luta contra a repressão fascista e de que tem dado provas nestes dois difíceis anos da revolução portuguesa, o PCP lutará pela defesa de condições que permitam de facto a livre expressão do povo português no próximo acto eleitoral esperando que outros o façam, não por palavras mas nos actos.

A SERENIDADE DOS NOSSOS CAMARADAS NEUTRALIZOU A REACÇÃO EM OLHALVO

À manobra provocatória da reacção montada em Olhalvo, responderam os camaradas do nosso Partido com serenidade e firmeza

«De modo algum é intenção dos comunistas fazer uma prova de força com a população. Vimos aqui para reconstituir o nosso Centro de Trabalho, para conviver com a população e expor as nossas ideias — nunca para as impor. Isso não está nos nossos princípios nem na nossa acção.»

Estas palavras da camarada Carlos Brito, proferidas no comício que, apesar do boicote da reacção organizada, se efectuou no passado domingo numa das ruas de Olhalvo, foram escutadas por muitos populares que se encontravam nas janelas e mesmo na estrada. Elas são um testemunho da seriedade, da firmeza com que os nossos camaradas se comportaram perante manobras provocatórias que visavam o desencadear de reencontros violentos.

Efectivamente a reacção desenvolveu um persistente acto de boicote à reabertura do nosso Centro de Trabalho, destinado em Janeiro passado com a complicitade de alguns reacçãoários que voltaram, no domingo, a aparecer dirigindo as operações contra-revolucionárias. Mas se é certo que impediu a inauguração do nosso Centro, não logrou atingir o seu principal intento que consistia em fazer de Olhalvo uma localidade manchada pelo sangue dos comunistas que não usaram a força das armas, que não possuem, mas a força da coragem, da calma, numa palavra a força da legitimidade e da razão que caracteriza os que se batem pelos direitos e interesses do povo.

A serenidade manifestada pelos nossos camaradas, mesmo num momento em que quatro militantes do nosso Partido (entre os quais uma camarada que se encontra grávida) foram atingidos pela violência reacçãoária, não constitui a única causa da frustração dos planos criminosos dos caciques locais. Na verdade, a evidente falta de apoio da população trabalhadora foi um elemento que mais uma vez prova que uma coisa são os grupos minoritários, constituídos por capitalistas, latifundiários e outros ricos senhores, e o conjunto do povo. Por isso a nossa camarada Margarida Tengarrinha saudou o povo de Olhalvo, e denunciou as condições de exploração a que se encontram ainda sujeitos os pequenos e médios agricultores, parte maioritária da população activa da zona, apontando-lhes os acontecimentos a que estavam a assistir como um significativo exemplo de quem destrói e de quem constrói.

Esta a lição a extrair e à seguir pelos camaradas que vêm a acção do nosso Partido sabotada pela reacção. Mesmo nos momentos mais difíceis, os comunistas munidos da dura experiência da luta antifascista, não confundem o inimigo, sabem enfrentar os focos da reacção, conseguem resistir às provocações e impõem-se pela palavra de esclarecimento e tranquilidade.

1. A ofensiva reacçãoária que nos últimos dias se tem abatido sobre todo o país manifestou-se agora na cidade de Castelo Branco. Mais uma vez, à semelhança do que tem acontecido noutras localidades do Continente é ilhas, foram vistos lado a lado em graves ofensas e violações da ordem democrática conhecidos elementos de partidos de extrema-direita e provocadores e arruaceiros de bandos como o MRPP.

Durante toda a última semana, especialmente durante a noite e ao procederem à operação de colagem de cartazes, jovens comunistas de Castelo Branco vinham sendo sistematicamente perseguidos, intimidados e mesmo ameaçados fisicamente por elementos reconhecidamente reacçãoários e fascistas. Ao mesmo tempo, num atentado sistemático ao direito de propagação partidária, quase todas as noites os elementos do grupelho neonazi MRPP vinham insistindo na colagem dos seus cartazes sobre os cartazes recentemente colados na cidade pelo PCP, UEC e UJC. A resposta dos militantes comunistas a estas atitudes provocatórias e antidemocráticas foi sempre marcada pela maior das serenidades e nunca pelo recurso à violência. Na noite de 26 para 27 de Março, ao serem mais uma vez cometidas idênticas atitudes de provocação contra o PCP e a sua propaganda na presença de comunistas, estes tornaram a ter uma acção serena e pacífica. As agressões físicas que se vieram a verificar partiram novamente do bando de arruaceiros. Os nossos camaradas limitaram-se a fazer a sua defesa pessoal ao mesmo tempo que recolhiam ao Centro de Trabalho do PCP nesta cidade.

Foi com pretexto nestes confrontos que os arruaceiros, em

decidir; e convocava a população para uma concentração às 8 horas no Largo do Café a fim de serem tomadas as decisões adequadas.

Os condutores desta provocação são bem conhecidos na zona. Trata-se de Raimundo Pereira, grande intermediário de vinhos, que deve quatro mil contos à Cooperativa de Olhalvo e que expulsou de uma herdade, que adquiriu, cerca de 150 rendeiros que haviam desbravado a terra sem os indemnizar sequer das benfeitorias; Manuel Feliciano Matos, armazenista de vinhos na Mata, Luis Abelha «Caxicha», negociante de farinhas e de vinhos em casa do qual se reuniram os provocadores; o seu irmão António Abelha, negociante de vinho; Francisco Monteiro Góis du Bocage, latifundiário alentejano, que era presidente da Cooperativa de Olhalvo, quando o Raimundo contraiu a dívida e que se distinguia no domingo distribuindo larga quantidade de cajados, barras de ferro e de moças; Henriques São Payer, médico de Olhalvo, João Francisco Velloso, armazenista de vinhos; Francisco Trem Filipe, talhante em Alenquer; João Martins, proprietário em Penafirme da Mata que se encontrava com os filhos; Helder Neto de João Aidum, do Carregado que agrediu um nosso camarada de Alenquer;

Victor Bailão de Matos, filho de Manuel Feliciano de Matos e outros. Na manhã de domingo, dois lacaios, empregados do Raimundo Ferreira e do Fernando Filipe, tocaram os sinos a rebate. Mas apesar do clima que procuram instaurar entre o povo da localidade, apesar de terem distribuído vinho a rodos, não só tiveram de recuar nos seus objectivos que consistiam em bloquear a estrada e deter a caravana do nosso Partido — na qual se incluía uma camioneta de camaradas operários da Construção Civil que levavam portas e janelas e ferramentas para acabarem a reconstrução do Centro, ficando-se pela barragem que impediu o acesso ao Largo da localidade, como não puderam obstar a que os camaradas Carlos Brito e Margarida Tengarrinha, realizassem o comício no interior de Olhalvo.

Uma vitória conseguida graças à serenidade dos camaradas presentes que não deixará de ter reflexos entre a população trabalhadora, cada vez mais alerta quanto ao seu inimigo de classe e quanto à protecção de que este inimigo, os exploradores reacçãoários, é objecto por parte de quem deveria cuidar da ordem do exercício dos direitos democráticos.

PROVOCAÇÕES EM CASTELO BRANCO

Acerca das provocações reacçãoárias contra o Centro de Trabalho do PCP em Castelo Branco e que causaram a destruição de todas as portas e janelas da fronteira do edifício, a Comissão Concelhia do PCP divulgou o seguinte comunicado:

1. A ofensiva reacçãoária que nos últimos dias se tem abatido sobre todo o país manifestou-se agora na cidade de Castelo Branco. Mais uma vez, à semelhança do que tem acontecido noutras localidades do Continente é ilhas, foram vistos lado a lado em graves ofensas e violações da ordem democrática conhecidos elementos de partidos de extrema-direita e provocadores e arruaceiros de bandos como o MRPP.

Durante toda a última semana, especialmente durante a noite e ao procederem à operação de colagem de cartazes, jovens comunistas de Castelo Branco vinham sendo sistematicamente perseguidos, intimidados e mesmo ameaçados fisicamente por elementos reconhecidamente reacçãoários e fascistas. Ao mesmo tempo, num atentado sistemático ao direito de propagação partidária, quase todas as noites os elementos do grupelho neonazi MRPP vinham insistindo na colagem dos seus cartazes sobre os cartazes recentemente colados na cidade pelo PCP, UEC e UJC. A resposta dos militantes comunistas a estas atitudes provocatórias e antidemocráticas foi sempre marcada pela maior das serenidades e nunca pelo recurso à violência. Na noite de 26 para 27 de Março, ao serem mais uma vez cometidas idênticas atitudes de provocação contra o PCP e a sua propaganda na presença de comunistas, estes tornaram a ter uma acção serena e pacífica. As agressões físicas que se vieram a verificar partiram novamente do bando de arruaceiros. Os nossos camaradas limitaram-se a fazer a sua defesa pessoal ao mesmo tempo que recolhiam ao Centro de Trabalho do PCP nesta cidade.

Foi com pretexto nestes confrontos que os arruaceiros, em

número pouco superior a meia dúzia, vieram apedrejar pouco depois as janelas do Centro de Trabalho do PCP, chegando mesmo a arrombar a porta do edifício e manifestando o claro propósito de o invadir. A chegada pronta de agentes da PSP não impediu que mais tarde, cerca das três horas da madrugada, se verificasse uma segunda e selvática investida contra o Centro de Trabalho do PCP e contra os automóveis de militantes seus mais destacados, nos quais também foram feitos danos de grande monta. De notar que nesta segunda investida era ainda o mesmo reduzidíssimo número de reacçãoários que encabeçavam o ataque e que foi por eles feita, apesar da presença dos agentes da ordem, uma profusa exibição de facas, catanas, moças e cacetes.

Com nitida intenção homicida, chegaram a ser atiradas facas contra membros do PCP e, nalguns casos, só por acidente não se vieram a verificar feridos ou mesmo mortos. Não contentes com estas acções antidemocráticas, os mesmos reacçãoários e provocadores tentaram ainda por diversas vezes boicotar várias iniciativas do PCP programadas para este fim-de-semana, designadamente a efectivação de um colóquio sobre "A droga" no último sábado, na Escola do Magistério Primário, e a promoção do "Festival da Juventude", no domingo, no Pavilhão da Devesa.

Ambas as iniciativas foram integralmente realizadas, a elas tendo assistido grande número de pessoas e tendo desportado vivo interesse e simpatia em largas camadas da população. A sua realização, apesar das tentativas de boicote e intimidações da reacção, deve ser considerada uma importante vitória das forças políticas que em Castelo Branco estão do lado das liberdades e da democracia.

2. Ao denunciar a gravidade destes factos, o PCP não pode deixar de alertar todas as forças democráticas, os antifascistas e o povo em geral para o seu verdadeiro significado; de facto, por detrás dos ataques e

medidas das autoridades para repor a ordem democrática e o respeito pelas liberdades. Se rapidamente não forem tomadas medidas exemplares que ponham em respeito os agentes da reacção e do fascismo, os quais hoje impõem já "a lei do cacete" e aterrorizam as populações indefesas em largas regiões do país, então o próximo acto eleitoral não revestirá características mínimas de seriedade, os seus resultados falsearão a verdadeira vontade popular e poderão propiciar as condições para um rápido regresso do fascismo!

29-3-76 A Comissão Concelhia de Castelo Branco

4 DE ABRIL: ANIVERSÁRIO DA LIBERTAÇÃO DA HUNGRIA

Passa no próximo domingo mais um Aniversário da Libertação do Povo Húngaro. O 4 de Abril de 1945, data em que as últimas tropas dos invasores nazis foram expulsas da Hungria com a ajuda decisiva do Exército Soviético, marca o início de uma nova etapa na história do povo húngaro da qual resultou a transformação profunda da sociedade, o caminho cada vez mais firme da construção e desenvolvimento da sociedade socialista.

Assinalando o dia da Festa Nacional do Povo Húngaro, a Embaixada da República Popular da Hungria, oferece, no próximo dia 5 uma recepção.

NOTA DA DORN

1. O PCP tem afirmado insistentemente que urge restabelecer as liberdades nas regiões onde de facto não existem e exigido que as autoridades assegurem o direito de reunião e de propaganda em todo o território nacional. A dignidade e a verdade das eleições é inseparável do efectivo combate aos terroristas e da efectiva e severa punição dos autores da violência e da desordem.

2. Já depois de entregues aos tribunais as listas de candidatos pelo círculo do Porto, se deram no distrito factos que são graves atentados às liberdades e direitos dos cidadãos, à tranquilidade e à segurança públicas. No dia 20 de Março, o militante do PCP, José Guedes, residente em Vila Nova de Gaia, de exercer a profissão de barbeiro, depois de uma colagem de cartazes do PCP, foi abordado por um indivíduo conhecido por Albino, morador numa «ilha» da Rua Visconde das Devesas (próximo da estação) que, depois de o insultar, o agrediu. Como o nosso camarada se defendeu, três familiares do Albino foram a sua casa tirar desforra e, como não o encontraram, foram depois à sua barbearia, partindo um vidro da porta. É já a terceira vez que José Guedes é agredido por provocadores fascistas e, apesar das queixas às autoridades, os seus agressores continuam impunes.

Na noite de 27 para 28 de Março, um grupo de militantes do PCP que colava cartazes foi soezmente insultado por um grupo de indivíduos, de entre os quais o filho do eng.º Cardoso, de Vila Fria — Pombeiro, candidato do CDS. Como os militantes do PCP não reagissem, os arruaceiros fascistas, depois de descerem ao insulto pessoal, passaram à agressão física.

3. Neste ambiente se inseriu já uma agressão a um candidato do PCP em Marco de Canaveses. Na noite de 27 de Março, sábado, decorria no Torrão, freguesia deste concelho uma sessão de esclarecimento do PCP em que participavam membros da organização local do Partido e o candidato independente João Silva, residente neste concelho.

Pelas 23 e 30, um grupo que se transportava numa camioneta Hino NN-42-54 começou a provocar a sessão. Foram advertidos e acabaram por se afastar. Quem conduzia a camioneta e chefiava o grupo era ELIAS MONTEIRO, residente na Várzea do Douro.

Depois de terem ido levar a Entre-os-Rios um dos esclarecedores, os três carros dos restantes voltaram para trás no sentido de Vila Nova (vinham: Fernando Ferreira, João Silva, Joaquim Ruão e a mulher). À saída do Torrão os carros foram atingidos por pedras e, mais à frente, na Várzea do Douro, encontraram de novo a camioneta acima referida com pessoas fora que começaram a gritar «São eles!».

O tal Elias e um outro tentaram atingir os carros com uma corrente e outros objectos. Os carros passaram a dirigirem-se para Alpendurada para junto do posto da GNR para apresentar queixa. O praça presente disse que ali só são quatro guardas mas face à insistência (e à ameaça por parte do Ruão de que iriam ao Quartel do Carmo) acedeu, chamou um outro e este meteu-se no carro do João Silva, voltando para trás os três carros.

Na Várzea encontraram atravessada na estrada a carrinha Peugeot 204 verde NR-19-35 de Joaquim Ferreira, merceiro na Várzea, acompanhado de vários indivíduos. Quiseram tirar os ocupantes do carro, insultaram e bateram na Helena por esta estar a tirar a matrícula da carrinha. João Silva foi nessa altura agredido. Participaram na cena do espancamento: Agostinho Vieira Couto, presidente da Junta de Freguesia de Várzea e sogro do irmão do dono do Peugeot; José da Silva Barbosa, sogro do Elias, tesoureiro da Junta da Várzea e dono de um Peugeot 504 castanho metalizado que durante a sessão andou para trás e para diante em frente ao local;

Um estudante do Marco, filho do dr. Aparício, dono de várias pedreiras, e que como os outros, ostentava um emblema do PPD. Depois de os espancar «aconselharam-nos» a saírem dali «senão matavam-nos». O praça Adrião, que também foi agredido na altura, abordou o nosso camarada Ruão e disse para se irem embora, que no dia seguinte ele os identificaria.

O pará-brisas do carro do camarada Huao foi estilhaçado ao partirem. O mesmo aconteceu ao vidro do lado direito da frente do carro do camarada Fernando Ferreira que ficou ferido na boca.

4. A DORN do PCP chama a atenção para a extrema gravidade desta agressão a um candidato independente integrado na lista do PCP pelo círculo do Porto e apela para um amplo movimento de protesto, de repúdio e de solidariedade que exija um severo castigo dos seus autores, única forma de travar o passo às violências, às provocações e ao ambiente que está já a desenharem.

De outro modo a dignidade das eleições ficará espezinhada. A DORN do PCP desmascarará publicamente todos e quaisquer atentados às liberdades e direitos. Apesar de todas as calúnias lançadas contra os comunistas estes factos demonstram mais uma vez que as violências e as provocações são a arma da reacção e dos fascistas, únicos a quem interessam.

Porto, 30 de Março de 1976

A DIRECÇÃO DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO NORTE DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O PCP RECLAMA PROVIDÊNCIAS DO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O PCP denuncia as manobras da reacção, tendo em vista a desestabilização da situação política e social e o impedimento da realização das eleições, assim como as maquinações para as transformar numa mascarada e confundir o eleitorado

1. A direita reacçãoária, apesar das declarações triunfalistas dos seus chefes e partidos, sabe que será derrotada nas eleições se estas decorrerem em condições de liberdade, igualdade e normalidade. Sabe que em tais condições o acto eleitoral traduzirá uma forte votação no PCP. É isto que explica que a reacção, a par da liquidação das liberdades nas zonas onde domina, procure por todos os meios, criar no país, um clima de tensão, instabilidade, conflitos e confrontações propício, tanto a uma acto de força que impeça a própria realização das eleições, como, não o conseguindo, a condicionar o espírito do eleitorado através do medo e da confusão.

2. As manobras da reacção tendo em vista a desestabilização da situação política e social, incluindo a exploração de certas lutas dos trabalhadores, têm sido denunciadas em sucessivos comunicados do PCP.

As candidaturas apresentadas em nome de grupelhos provocatórios, como MRPP, AOC e PC de P (m-l), ao serviço da direita reacçãoária e do imperialismo e pretendendo inscrever-se com denominações ou siglas ou símbolos idênticos ou semelhantes aos do Partido Comunista Português, é um aspecto particularmente revelador dos sujos golpes da reacção para confundir o eleitorado. É geralmente sabido que a AOC e o PC de P (m-l) são constituídos pelo mesmo pequeno grupo de provocadores que só lograram reunir o número de assinaturas suficiente para inscrever estes dois partidos fantasma graças ao apoio que lhes foi concedido pelo PPD e CDS e pelo próprio PS. Toda a transigência dos órgãos do poder ante a conspiração da direita reacçãoária contra o processo democrático e as suas conquistas constitui como a experiência vem demonstrando, não um factor de apaziguamento de tensões políticas e sociais, mas um encorajamento a novos atentados provocatórios e exigências das forças da reacção. Em matéria eleitoral, as transigências dos órgãos do poder para com as pressões e manobras da reacção, lesam gravemente as forças democráticas e comprometem a dignidade e a seriedade do acto eleitoral.

3. O PCP considera contrária ao espírito e à lógica da Lei a decisão do Presidente do Supremo Tribunal de Justiça que consente ao MRPP utilizar nos boletins de voto das próximas

eleições para a Assembleia da República um símbolo idêntico ao do Partido Comunista Português. O Presidente do STJ alega que a decisão do Conselho da Revolução, de 8 de Março de 1976, revogando decisões anteriores que levaram à ilegalização do MRPP, representa também uma tomada de posição sobre a não similitude do símbolo apresentado por aquele partido com o símbolo inscrito pelo PCP. Não se lê tal coisa na decisão do Conselho da Revolução. Mas hoje mesmo, o PCP entregou ao Conselho da Revolução uma exposição em que se consiera a decisão daquele Conselho, de Março de 1976, como inconstitucional, arbitrária, violadora do princípio constitucional da igualdade dos cidadãos perante a Lei, do princípio dos direitos adquiridos e, em última instância, responsável de toda a questão que se gerou em torno dos símbolos. O PCP reclama que seja declarada a nulidade da referida decisão. Cabe agora ao Conselho da Revolução aclarar a sua posição e fazer justiça.

4. Lutando em defesa do seu símbolo, entende o PCP estar a lutar não pelos seus interesses exclusivos, mas pelo respeito da Lei e das normas democráticas, em defesa dos direitos dos eleitores, da genuinidade e dignidade do acto eleitoral. Entende, por isso, que cabe também ao Governo e aos demais partidos pronunciarem-se claramente sobre esta matéria. Combatendo todas as manobras da reacção no sentido de impedir a realização das eleições e a tentativa de transformá-las numa mascarada, o PCP tudo fará para desmontar e anular as maquinações e intrigas das forças reacçãoárias para confundir o eleitorado.

O PCP apela à vigilância dos trabalhadores e das massas populares e à sua maciça mobilização para a grande batalha política a travar nas eleições para a Assembleia da República.

Lisboa, 24 de Março de 1976

A COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Advertisement for 'OS SINDICATOS NA VANGUARDA DA LUTA' (Trade Unions in the Vanguard of the Struggle). It features a stylized illustration of a person holding a torch and a banner. Text includes: 'EDITOU NA SÉRIE HISTÓRIA DA REFORMA AGRÁRIA', 'OS SINDICATOS NA VANGUARDA DA LUTA', 'V.comprando e divulgando este folheto, está a apoiar a Reforma Agrária', and 'Pedidos a: CDL-Central Distribuidora Livreira R. Santos Dumont, 57-4. Lisboa 1'.

# O MOVIMENTO POPULAR DE MASSAS DETÉM A INICIATIVA CONTRA A EXPLORAÇÃO

## Os trabalhadores organizados defendem as conquistas que verdadeiramente interessam ao processo democrático, demonstrando um empenho inabalável na aliança de operários e camponeses, bem como na salvaguarda dos interesses comuns de pequenos e médios agricultores, seareiros e rendeiros, vítimas, por sua vez, da exploração do grande capital agrário e monopolista

O último fim de semana teve a assinalar uma grande movimentação de organizações populares. Plenários, outras reuniões, comícios e audiências ao mais alto nível puseram em relevo a necessidade cada vez maior de debater e procurar soluções para os grandes problemas nacionais, dentro de um espírito unitário e democrático, por parte das grandes massas de trabalhadores, fazendo viver e progredir na prática a aliança entre operários e camponeses, entre trabalhadores da cidade e do campo.

Agricultores e Rendeiros do Norte (MARN) até à Assembleia Popular de Loures, passando por tomadas de posição concretas e actuações da parte de sindicatos e de assembleias de trabalhadores e moradores, o movimento popular de massas teve oportunidade de demonstrar novamente a sua capacidade de intervir para fazer avançar o processo democrático e impulsionar a dinâmica revolucionária no sentido das realizações concretas que interessam a todo o povo.

Assim o exige urgentemente a perigosa campanha da direita reacção, que recorre ao terrorismo e empenha na "desestabilização" tudo o que pode arregimentar no campo da provocação e da calúnia, a fim de recuperar, quanto antes, as antigas formas de exploração do grande capital monopolista e latifundiário.

Essa perigosa campanha, à qual os provocadores esquerdistas prestam auxílio com a coerência que lhes é habitual, opõem os trabalhadores organizados uma elevada consciência do verdadeiro interesse nacional, que se defende protegendo os interesses das classes trabalhadoras, dos pequenos e médios comerciantes e industriais, dos pequenos e médios proprietários e agricultores, dos seareiros, rendeiros e parcelos, vítimas, todos eles, em maior ou menor escala, da exploração fascista, que os antigos exploradores querem a todo o custo fazer regressar, mudando-lhe o aressadamento o nome.

### QUEREMOS A APLICAÇÃO DA LEI

O Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte (MARN) contrariando as tentativas dos proprietários absentistas e reacção, declarou, na última sexta-feira, depois de recebido pelo ministro da Agricultura e Pescas, Eng. Lopes Cardoso, que "se a lei do arrendamento for aplicada a partir de 31 de Março, tal aplicação servirá os interesses dos rendeiros e pequenos agricultores. Se o Governo, eventualmente, tentar boicotar a aplicação da lei, ou for encontrada nova maneira de impedir a redução a escrito do contrato de arrendamento, uma coisa é certa: a produção baixa e o Governo vai ter de importar ainda mais. Os rendeiros estão fartos de promessas e muitos abandonarão as terras".

Trabalhadores alentejanos, numa manifestação militante da aliança entre operários e camponeses, contra a falta de apoio técnico-financeiro do Estado, contra o boicote dos circuitos de comercialização e os ataques da direita à Reforma Agrária.

Quando ouvirem dizer que nós tiramos as terras aos pequenos agricultores, não tenham medo de desmentir, porque tal jamais aconteceu — lembraria um dos dirigentes do Sindicato dos Operários Agrícolas do Distrito de Beja, ao intervir no comício. Ao contrário do que os partidos políticos reacção e os seus órgãos de comunicação constantemente afirmam, com o intuito de travar o processo da Reforma Agrária, nós sempre estivemos e continuaremos a estar ao lado dos pequenos agricultores.

O presidente do Sindicato dos Ferrovários do Sul, que também usou da palavra no comício, pôs em relevo a identificação das lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, cujo apoio mútuo se evidencia bem claramente na ajuda dos ferroviários à Reforma Agrária, que já se concretizou na entrega de um total de 1 363 000\$00 aos sindicatos dos Operários Agrícolas de Beja, Évora, Portalegre e Setúbal.

### HABITAÇÃO, SAÚDE E PREVIDÊNCIA

Jornada de unidade e de firme aliança entre trabalhadores, o último sábado em Beja serviu mais uma vez para afirmar claramente que o triunfo da Reforma Agrária interessa a todo o país e a todas as actividades, designadamente com implicações profundas — como se frisou — na metalurgia, na construção civil, nos transportes e nas indústrias químicas. É essa uma das razões porque defender a Reforma Agrária é defender todo o processo democrático e salvar a revolução.

No Porto, os moradores dos bairros camarários também se movimentaram na defesa dos seus interesses. Num plenário, convocado pela Comissão Central dos Bairros Camarários, foram tratados problemas que dizem respeito a 29 bairros, correspondentes a 10 188 fogos, num total superior a 40 mil habitantes, perto de 13 por cento da população portuguesa.

### CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA

Entretanto, uma comissão composta por membros da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos entregava ao Presidente da República, general Costa Gomes, uma moção discutida e aprovada durante a paralisação de trabalho de 26 de Fevereiro findo, em centenas de empresas de todo o país, por muitas dezenas de milhares de trabalhadores do sector. A recusa do patronato em cumprir integralmente a portaria de salários mínimos e a recusa do Ministério do Trabalho em fazer negociar a maior parte do Contrato Colectivo Vertical Nacional da Metalurgia e Metalomecânica são os pontos principais dessa moção, cuja entrega foi motivo para um encontro com o chefe do Estado.

O plenário aprovou um caderno reivindicativo. Nele se denunciaram as condições em que esses bairros foram construídos e exige-se que sejam feitas obras de fundo no interior e exterior das casas. Ao mesmo tempo que manifestavam a sua disposição de lutar para que não sejam aumentadas as rendas dos prédios que habitam, os moradores exigiram que os próximos bairros a construir sejam devidamente e que a Comissão Central dos Bairros Camarários tenha um efectivo controlo sobre essas construções.

Por último, os moradores lembraram que estão dispostos a lutar firmemente por estes objectivos, a participar activamente em todas as tarefas necessárias à sua resolução, a reforçar a organização — as comissões de moradores dos bairros camarários — e a estreitar a cooperação entre todos os moradores dos bairros através da Comissão Central de Bairros Camarários.

Em Loures, a 2.ª Assembleia Popular do Concelho, que reuniu na última sexta-feira, debruçou-se também sobre os problemas da habitação e da construção clandestina. A Assembleia aprovou a constituição de "comissões de habitação" que, entre outras funções, deverão obrigar os senhorios a cumprir a Lei do Inquilinato e a fazerem contratos de arrendamento com recibo. A comissão opor-se-á também às acções de despejo que actualmente se registam.

Por outro lado, a Assembleia de Loures, que contou com grande participação dos organismos populares do Concelho, exigiu a promulgação da Lei do Controlo Operário, analisou aspectos relacionados com a educação e a cultura, defendeu a dinamização das comissões de trabalhadores nas escolas e protestou contra os saneamentos à esquerda no Ministério do Comércio Interno, contra a falta de géneros e contra o aumento do custo de vida.

Em Coimbra, o 1.º Encontro Nacional da Previdência reuniu, no último domingo, mais de mil e oitocentos trabalhadores, representando comissões de trabalhadores, instituições de Previdência e organizações sindicais, filiadas ou não na Inter-sindical responsável pela iniciativa. A necessidade de reestruturar urgentemente a Previdência, para cuja gestão financeira se pediu a criação de um Instituto, foi a nota saliente do Encontro onde foi aprovada uma proposta para a criação do Serviço Nacional de Saúde.

As propostas apresentadas foram previamente discutidas em centenas de reuniões de massas, em que participaram cerca de oitocentos mil trabalhadores. Por conseguinte, foi da maioria delas que saíram as conclusões do Encontro, que contou ainda com textos de apoio. Um deles foi enviado, pela Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos. Nele se defende o lançamento imediato de uma política nacional de saúde, que tenha como objectivos prioritários a unidade de concepção, direcção e execução dessa política visando, nomeadamente, a integração progressiva de hospitais e serviços afins num contexto de política de saúde a nível nacional, que leve ao progressivo desinteresse pela medicina privada.

## A OFENSIVA CONTRA A CONSTITUIÇÃO

A ofensiva contra a Constituição é um dos planos em que se desenvolve a tentativa de recuperação capitalista e reacção. O PPD e o CDS procuram primeiro fazer submeter a Constituição a um referendo e avançam depois com a proposta de atribuir à primeira legislatura da Assembleia da República poderes para lhe alterar o conteúdo.

Não admira que os partidos da direita reacção procurem liquidar com a Constituição as conquistas populares que ela consagra — as liberdades democráticas e os direitos dos trabalhadores, a garantia das nacionalizações e da Reforma Agrária, a consagração do controlo operário e das organizações populares de base. Mas é com espanto que se depara com destacadas figuras do PS empenhadas na manobra de fazer rever a Constituição pela próxima legislatura. E o espanto é redobrado por isto se passar depois da Assembleia Constituinte ter decidido que a Constituição não poderá ser revista durante os próximos 4 anos.

No entanto, é em sentido contrário ao que a Constituinte já decidiu, aliás com o voto favorável dos deputados socialistas, que se sucedem as tomadas de posição de dirigentes do PS como Jaime Gama («A Luta» de 22/3), Sottomayor Cardia («Diário de Notícias» do mesmo dia), Jorge Caminhos («A Luta» de 24/3). Nesse mesmo sentido se pronunciou o editorial de 24/3 do «Diário de Notícias», jornal do Estado administrado e dirigido pelo PS.

O PCP não pode deixar de denunciar esta acção por parte de dirigentes de um partido que tanto se louva de respeitar as instituições democráticas e de defender as conquistas da revolução e que, na prática e mais uma vez, se alia a partidos cujos objectivos são liquidar o que de mais positivo foi alcançado pelos trabalhadores portugueses.

Conforme o PCP tem declarado, designadamente por intermédio dos seus deputados, a próxima Assembleia da República é eleita não para alterar a Constituição, mas sim para a respeitar, por "em prática" e defendido com ela as conquistas da revolução.

24 de Março de 1976

A Secção de Informação e Propaganda do PCP

## «A LUTA», A VIOLÊNCIA E OS TRABALHADORES

### «A Luta» cita Salazar e identifica greves com crimes: os bancários do PCP do Porto denunciam a violência e apelam à unidade

No editorial do jornal «A Luta» do passado dia 20, o dirigente socialista e director daquele jornal afirma em editorial que «temos de construir um Portugal de todos e não é atrabiliariamente que o conseguiremos. Não é com paralisações constantes de trabalho, com assaltos à mão armada sobre bancos e propriedades alheias, pregando o ódio ou querendo beber o sangue do nosso vizinho que se faz a Revolução». E mais adiante: «O trabalho tem de ser de todos e estejamos certos que nem por ser Salazar deixava de ter razão quando dizia que todos não somos demais para construir Portugal».

Fica-se sem saber o que pensar ao ver que um dirigente socialista não encontra melhor epíteto para transcrever sobre a realidade portuguesa do que o ditador fascista. Toca as raízes do insultuoso que se pretende apontar no Portugal democrático de hoje como caminho aquele que o discípulo de Hitler e Mussolini traçou para lançar o povo português na miséria e na opressão. E mais espantoso ainda quando isto parte da pena de um dirigente de um partido democrático.

Contudo, tais perplexidades desapareceram quando se atenta nas linhas anteriores. Para o dr. Raul Rego, director de «A Luta» o combate das classes trabalhadoras na defesa dos seus interesses e dos seus direitos, o recurso pelos trabalhadores à sua grande arma que é a greve equipara-se a vampirismos oníricos e à acção de marginais e de quadrilhas criminosas. Fazer uma greve ou assaltar uma residência é, para «A Luta», a mesma coisa: fica-se esclarecido qual a opinião daquele jornal sobre os trabalhadores organizados e sobre as suas lutas.

E são os trabalhadores que respondem a distlates deste teor, com serenidade, colocando os problemas nos seus devidos termos e não naqueles para que o pretendem arrastar estes tristes manipuladores de opiniões.

O aumento de criminalidade constitui efectivamente um problema da sociedade portuguesa, mas é de ser encarado como o faz «A Luta»?

Acerca de dois recentes assaltos a bancos, escreve a Organização de Bancários do Porto do PCP num comunicado dirigido à classe:

«No curto espaço de uma semana, dois bancos mais foram assaltados mas desta vez as acções sensibilizaram mais a opinião pública, porque de qualquer deles resultaram mortos. São já incontáveis os assaltos do género e as acções violentas de outro tipo (assaltos a pessoas na rua, a residências, a estabelecimentos, etc.), cujo número não pode deixar indiferente a opinião pública.

Na fase actual do desenvolvimento do processo político português, a violência é uma arma que serve a reacção e por isso ela deve ser combatida, sob pena de as autoridades responsáveis estarem a dar cobertura ao avanço das forças de direita.

O aproximar das eleições legislativas coincide com um recrudescer da violência terrorista. Não é por acaso que isso acontece. A criação de clima de insegurança será explorada pela direita, com os velhos argumentos de que o Povo Português é incapaz de viver em liberdade, e que só um governo autoritário é capaz de manter a ordem nas ruas. Daí a apologia do fascismo, é apenas um passo.

### A ALIANÇA FUNCIONA

O mesmo empenho na defesa da Reforma Agrária foi demonstrado, no último sábado, por milhares de ferroviários de vários pontos do país, que encheram por completo o Pavilhão Gimnodesportivo de Beja onde, após um desfile pela cidade, se realizou um comício de solidariedade com os

## ÁLVARO CUNHAL NA RADIODIFUSÃO

O camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Partido, vai estar presente amanhã às 20 e 30, nos estúdios da Radiodifusão (Programa 1), para uma entrevista, em directo, integrada na rubrica «A Economia Portuguesa». Serão abordados alguns temas relacionados com a situação actual da vida económica nacional e com

as linhas gerais da orientação programada neste sector pelo Partido Comunista Português.

## ENCONTRO DE TRABALHADORES COMUNISTAS DA ELECTRICIDADE

Nos próximos dias 10 e 11 de Abril, pelas 10 horas, no Centro de Trabalho de Alfama, uma comissão organizadora leva a efeito o Encontro Nacional dos Trabalhadores Comunistas da Indústria de Electricidade.

Os temas propostos para debate incidem na «organização do Partido no sector, empresa única, organismos dos trabalhadores e o que deve ser a nova empresa».



# DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL SERÁ PUBLICADO UM SUPLEMENTO DIÁRIO DO Avante!

FAZ DESDE JÁ A TUA ASSINATURA POIS A DISTRIBUIÇÃO NÃO CHEGARÁ A TODA A PARTE

SE FIZERES JÁ A TUA ASSINATURA, TERÁS A GARANTIA DE RECEBERES O SUPLEMENTO DO «AVANTE!» A PARTIR DO PRIMEIRO NÚMERO

(20 números)

CONTINENTE E ILHAS		1976 30
Via Normal	100\$00	
Via aérea	120\$00	
EX-COLONIAS, BRASIL, ESPANHA		
Via Normal	120\$00	
Via aérea	160\$00	
EUROPA		
Via normal	120\$00	
Via aérea	130\$00	
OUTROS DESTINOS		
Via normal	120\$00	
Via aérea	160\$00	

## BRINDES A TODOS OS ASSINANTES

- «O QUE É O COMUNISMO— PERGUNTAS E RESPOSTAS»  
Cadernos de iniciação ao Marxismo-Leninismo
- «DO CAPITALISMO AO SOCIALISMO»
- «PELA MADRUGADA»  
Série Banda Desenhada
- «O 25 DE ABRIL»  
Livro para crianças
- «JUNTA A TUA À NOSSA VOZ»  
Suplemento Comemorativo do 44.º Aniversário do «Avante!», com letras de canções revolucionárias
- CAMISOLA PCP
- LENÇO VERMELHO PCP
- EMBLEMA PCP

AGORA MAIS DO QUE NUNCA ASSINAR O Avante! É UMA TAREFA DE TODOS OS MILITANTES

OFERECE UMA ASSINATURA DO AVANTE A AMIGO TEU QUE NÃO SEJA FILIADO NO PARTIDO

# COMÍCIO EM ESTREMOZ

### “Os trabalhadores alentejanos conhecem as dificuldades e estão habituados a vencê-las”, declarou o camarada Sérgio Vilarigues no comício de Estremoz, em que apelou para a necessidade de forjar a unidade das massas trabalhadoras do campo e da cidade, para se derrotar os partidos da direita

Abordando detalhadamente a Constituição e as próximas eleições para a Assembleia da República o camarada Sérgio Vilarigues, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do PCP participou no sábado passado num comício realizado no salão dos Bombeiros de Estremoz, concelho onde, como salientou no seu discurso, nas eleições de há um ano votaram no PCP 20,1 por cento dos eleitores inscritos e que, conhecidas as características da região, não se pode dizer que o resultado tenha sido negativo.

No entanto, não deixou de frisar a sua confiança em “ser absolutamente possível aumentar o número e percentagem de votos no Partido para a Assembleia da República” e para isso uma condição se coloca aos militantes e simpatizantes do PCP, como recordou:

“Trabalharemos mais e melhor de maneira que não fique um só trabalhador, um só pequeno agricultor, um só pequeno industrial, um só pequeno comerciante, homem ou mulher, sem conhecer o Programa Eleitoral do PCP.

“Mas conhecer não chega — continuou o camarada Sérgio Vilarigues — é preciso comentar, discutir, para se poder compreender melhor todo o seu enunciado. Confiamos em que este trabalho será realizado, confiamos que a votação no Partido dos trabalhadores aumentará substancialmente.”

Ainda sobre este assunto o camarada Sérgio Vilarigues não deixou de afirmar que “ganhar as eleições não é o grande partido da classe operária e dos trabalhadores exige que a campanha eleitoral seja uma autêntica batalha de esclarecimento sobre a situação política e as soluções que o PCP apresenta para resolver os problemas económicos, políticos e sociais com que o país se debate”.

#### BOATOS E CALÚNIAS

Começando o seu discurso por se referir à grande campanha de boatos e calúnias contra o PCP, o

camarada Sérgio Vilarigues apontou depois todas as manobras de partidos reaccionários para impedir o aprofundamento da Constituição, pois “o seu objectivo era criar tensões, dividir as forças democráticas e o MFA, criando uma situação que permitisse um golpe reaccionário triunfante, que instauraria uma nova ditadura”.

Referindo-se ainda a estes partidos reaccionários que não estão interessados na institucionalização da democracia na base de uma Constituição democrática e progressista, ainda que com as suas limitações, lançou acusações infundadas contra o PCP com o propósito deliberado de afastar do seu caminho antidemocrático um adversário incómodo”, acrescentou:

“Assim, acusam-nos de seguir uma política golpista. Fazendo-o, esses mesmos partidos repetem a conhecida história do agarrar que é ladrão! Isto é, são eles próprios que não têm feito outra coisa senão uma política golpista”.

Depois de sublinhar o ridículo das denúncias sobre armas que se encontrariam em sindicatos, herdadas colectivas casas de militantes e centros de trabalho do PCP o camarada Sérgio Vilarigues apontou a realidade:

“No entanto, como é sabido, os principais vilões do terrorismo têm sido os comunistas. O preocupante é que têm sido apontados alguns daqueles que têm praticado o terrorismo pela bomba, pelo fogo, pela agressão física, mas a verdade é que pouco ou nada é feito para os manietar.

“Esses criminosos nem sequer são incomodados sob o falso pretexto de que o terrorismo é praticado pela direita reaccionária e ao mesmo tempo pela esquerda. Que esquerda? É caso para perguntar.

“O que se exige é que os terroristas, logo que se tenha conhecimento da sua existência, sejam colocados em situação de não poderem cometer novos crimes.

“As armas de guerra, mesmo quando não procuradas, aparecem, sim, no campo da reacção; mas esta, por simplicidades estranhas, consegue mudar-lhes o poiso e depois certas autoridades investigam mas, claro está, nada encontram.

“Sucede uma ou outra vez que armas de guerra são apreendidas e tornada a sua apreensão pública através dos órgãos de informação, num caso com fotografia e tudo. Mas o tempo passa e nada é dito sobre as personalidades detentoras dessas armas e suas eventuais ligações com esta ou aquela organização política. No caso citado não se pode deixar de ficar com a impressão de que se pretende abafar a coisa. Nós pensamos que o povo tem direito a uma informação de verdade e que esta, cedo ou tarde, acabará por ser conhecida.”

#### PELA UNIÃO DAS FORÇAS DE ESQUERDA

Depois de se referir detalhadamente à Reforma Agrária que considerou acima de tudo uma conquista dos trabalhadores, “e quando dizemos trabalhadores queremos dizer trabalhadores da cidade e do campo, mesmo aqueles que ainda não puderam compreender a sua importância como factor de desenvolvimento de toda a economia nacional”, o camarada Sérgio Vilarigues abordou a questão da unidade entre os comunistas e socialistas, distinguindo as cúpulas daquele partido das suas bases. E afirmou:

“Devemos, no entanto, evitar a todo o custo, embora por vezes não seja fácil, manter a seriedade ante a grosseria dos insultos e das calúnias que nos são dirigidos por palavras, pela imprensa e pelos comunicados de vários organismos do PS, devemos evitar, ali dizendo, as grandes palavras. Os trabalhadores comunistas e simpatizantes do nosso Partido devem actuar de maneira a evitar choques com

trabalhadores socialistas, a criar um ambiente hostil entre uns e outros. É necessário não confundir certos dirigentes do PS com a massa dos aderentes e simpatizantes deste partido quando criticamos a análise e as acusações insultuosas e eu respondendo nos mesmos termos, há que ouvir calmamente, procurar o diálogo e argumentar politicamente de maneira a mostrar aos interlocutores que não têm razão e de quem ganha com a divisão entre os socialistas e comunistas são os partidos da direita reaccionária e seus aliados estrangeiros que conspiram para restaurar a ditadura no país e liquidar todas as conquistas. Os trabalhadores socialistas e todos aqueles outros que se encontram ainda envenenados pelo anticomunismo acabaram por compreender que têm sido enganados pela campanha de ódio e divisão conduzida pelas forças reaccionárias, e,

desgraçadamente, também por dirigentes do PS, acabaram por compreender que a unidade dos trabalhadores das forças de esquerda é absolutamente necessária para barrar o caminho e derrotá-los definitivamente, implantar em Portugal uma verdadeira democracia política, económica e social.”

#### OUTRAS SESSÕES

Entretanto o camarada Sérgio Vilarigues na sua deslocação ao Alentejo participou noutras sessões de esclarecimento, nomeadamente em Redondo, Santiago Maior, Arraiolos e Portel que registaram grande participação da população alentejana tendo sido os problemas abordados pelas perguntas dos presentes os que neste momento mais atraem as atenções, como seja a Reforma Agrária, a estabilidade política, a questão dos símbolos partidários, a necessidade da vigilância, o desmascaramento das manobras reaccionárias e a unidade de todos os trabalhadores.

# a vida do partido

#### APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS EM VILA REAL

Perante uma assembleia que encheu literalmente as bancadas do Pavilhão Gimnodesportivo, realizou-se um comício-festa para apresentação dos candidatos comunistas por Vila Real. Participaram representantes de diversas organizações concelhias do PCP, Georgette Ferreira, do CC, e ainda o conhecido antifascista Otílio Figueiredo, que numa breve alocução de abertura alertou para a necessidade da unidade das forças de esquerda e de uma votação massiva no PCP como forma de defender e garantir as liberdades e a democracia no caminho do socialismo.

O candidato Manuel da Silva Castro (Leão) abordou aspectos da vida do distrito, tendo denunciado as tentativas de recuperação capitalista que começam a verificar-se também neste distrito.

Os problemas da agricultura foram abordados pelo rendeiro António Bento, que apelou para a organização dos agricultores como única forma de defenderem os seus interesses.

Falaram ainda Luis Manuel da UEC, e Vítor Costa, candidato independente que deu esclarecimentos sobre a sua candidatura e ainda Georgette Ferreira, que fez uma análise de situação política e apelou especialmente para a participação das mulheres no próximo acto eleitoral.

O comício terminou com uma saudação do candidato pelo distrito de Bragança Agostinho Lopes, que referiu as dificuldades neste distrito e salientou iniciativas animadoras dos trabalhadores, que começam a aperceber-se das manipulações a que estão sujeitos.

Houve no final uma sessão de canto livre, com o conjunto “Resistência” (da Póvoa do Varzim) e o declamador Neto.

#### JAIME SERRA EM PRAIAS DO SADO

Na tarde do dia 28 realizou-se na Verbenha de Praias do Sado um comício do PCP em que participou Jaime Serra, membro da Comissão Política do Comité Central e candidato do PCP à Assembleia da República pelo Distrito de Setúbal.

O comício no qual participaram centenas de pessoas, foi presidido por Vasco Silva, do Centro de Trabalho Local e nele intervieram também Fernando, Carlos da UJC, Álvaro Tinoco da Comissão Local das Praias do Sado, António Juzarte, operário da SETENAVE e também candidato pelo PCP e ainda Laura Serra que leu uma mensagem e apelou às mulheres, frisando a importância do eleitorado feminino no conjunto da massa eleitoral.

Encerrou o comício Jaime Serra que se debruçou longamente sobre a importância das próximas eleições, dizendo que elas vão encerrar uma importante fase da revolução iniciada em 25 de Abril de 1974.

A certo ponto da sua intervenção, Jaime Serra afirmou: “Os partidos reaccionários que após o 25 de Novembro reclamavam a voz dos gritos “eleições já!”, julgando por essa forma recuperar os velhos privilégios das classes exploradoras que representam, recebem agora o resultado das próximas eleições pois sabem que vão ser derrotados”.

Relacionado com esta ideia, Jaime Serra diria mais adiante que “devido à força e à acção revolucionária da classe operária e das massas populares que por todas as formas têm oferecido a mais viva resistência às ofensivas da direita reaccionária, o processo revolucionário não se esgota com a realização das próximas eleições. As próximas eleições, afirmou, marcam uma etapa da revolução de 25 de Abril, mas não o seu termo, como pretendiam as forças reaccionárias representadas pelos partidos tais como o CDS, PSD, PDC, PPM, assim como os grupelhos reaccionários com fachada de esquerda, tais como o MPPP, a AOC, PC de P (ML) e vários outros que representam, na prática, a mão esquerda da reacção.

Jaime Serra apelou ainda para que o eleitorado de esquerda não se deixasse dividir pelos numerosos partidos que se reclamam de esquerda, mas com nulas possibilidades de obter um resultado eleitoral expressivo e cuja intervenção no prélio eleitoral poderá ter como consequência a perda de votos porque nenhum deles tem condições para eleger qualquer deputado. Alguns, disse, têm manifestamente um objectivo provocatório e divisionista como o comprova a sua prática política diária.

#### BLANQUI TEIXEIRA NA AMORA

“É estranho para os povos das ex-colónias que determinados governantes não compreendam ainda que Angola, Moçambique, etc., são países independentes”, afirmou o camarada Blanqui Teixeira, membro do Comité Central e da Comissão Política do nosso Partido, durante uma sessão de esclarecimento realizada no cinema da Amora no passado sábado, dia 27.

Os aspectos da luta entre as forças progressistas e as forças reaccionárias, as tentativas de recuperação capitalista, o problema das liberdades fundamentais e as eleições foram alguns dos temas abordados na introdução.

Seria aliás patente o interesse das centenas de pessoas que enchiam a sala, pelas palavras do nosso camarada que se referia



Entusiasmo em Aljustrel

ainda à necessidade de combater o sectarismo e bem assim de ganharmos cada vez mais largos sectores para os interesses que são comuns a todos os trabalhadores.

Frequentemente interrompido por aplausos, Blanqui Teixeira passou a um animado período de perguntas e respostas, durante as quais seria reafirmada toda a política de verdade do nosso Partido, que faz dele o Grande Partido da Esquerda.

Seguiu-se uma sessão de canto livre durante a qual actuaram Ary dos Santos e Fernando Tordo, e que através das canções e dos poemas vincariam uma vez mais o carácter combativo do nosso partido.

#### ABOIM INGLÊS EM ALJUSTREL

A Comissão Concelhia de Aljustrel do PCP promoveu uma sessão comício nesta localidade, que contou com a presença do camarada Carlos Aboim Inglês, do Comité Central, que fez uma análise a situação actual e as próximas eleições. Usaram também da palavra a camarada Francisca Correia, camponesa membro da Comissão de Freguesia de S. João de Negrilhos, um camarada da Cooperativa Popular do Roxo, membro da Comissão de Freguesia de Messejana, Bernardina da UJC e Manuela da Vinha da UEC e ainda o camarada José Sequeira.

membro do Secretariado da Célula da Mina, que focou alguns aspectos sobre o contrato colectivo que está a ser negociado com o Ministério do Trabalho. Neste momento viram-se obrigados à baixa de produção de 90% até ser assinado o novo contrato. Usou também da palavra o camarada José Silva, membro da Comissão Distrital de Beja. Os oradores locais focaram os principais problemas sócio-económicos que afectam a população do concelho de Aljustrel.

Estiveram presentes cerca de 2500 pessoas, algumas delas das freguesias próximas fazendo-se transportar em galeras e outros transportes.

#### SESSÃO EM QUELUS

Realizou-se no passado sábado, dia 27, em Queluz, uma sessão de esclarecimento que contou com a presença entusiástica de mais de 200 pessoas. Depois de os vários oradores abordarem os problemas principais do actual momento político, com especial relevo o próximo acto eleitoral e a posição do nosso Partido face a mais esta frente de combate que mobilizará milhares de militantes, seguiu-se um interessante período de perguntas e respostas do mais variado teor, relacionadas, nomeadamente com o caso dos símbolos, a actuação dos esquerdistas, o processo da Reforma Agrária, entre outros. No

final foi distribuído a todos os presentes o programa eleitoral do Partido da classe operária e dos trabalhadores, o Partido Comunista Português.

#### COMÍCIO-FESTA EM CAXINAS

Os comunistas de Caxinas, Póvoa do Varzim, promoveram na passada segunda-feira um comício-festa em aue intervieram os candidatos do nosso Partido, Garinha e Manuel. No final actuaram os candidatos comunistas do círculo de Castelo Branco.

#### SESSÃO EM S. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Cerca de duas centenas de pessoas assistiram, no passado domingo, a uma sessão de esclarecimento que o nosso Partido levou a efeito em Santo António dos Cavaleiros. Num ambiente de grande entusiasmo foram abordados vários temas: Assistência social, Custo de vida, Eleições, etc.

#### COMÍCIO-FESTA EM PINHEL

No próximo sábado, o nosso Partido promove, pelas 21 horas, um comício-festa em Pinhel a que estará presente o camarada Pires Jorge, do Comité Central. No decorrer desta jornada, serão apresentados os candidatos comunistas pelo círculo de Castelo Branco.

# COMÍCIO NA FIGUEIRA DA FOZ

### A situação política, a defesa da democracia, a luta dos pescadores e a assistência na doença pela voz de alguns dos nossos candidatos por Coimbra

“Vivemos um momento de crise e há pessoas que, perante os ataques da direita reaccionária, levam as mãos à cabeça e julgam perdida a causa da revolução. É um sentimento compreensível, mas deriva de uma forma errada de considerar a situação real. O traço dominante é constituído por transformações políticas e sociais, pelas grandes conquistas da revolução — a liberdade política, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o movimento popular”. Foi com estas palavras que o camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do nosso Partido, iniciou a sua intervenção no comício da última sexta-feira, na figueira da Foz, concelho do distrito de Coimbra, pelo qual é candidato às eleições para a Assembleia da República, encabeçando a lista de que fazem parte alguns camaradas que, por sua vez, intervieram no comício.

Motorista marítimo, o camarada Armando Cardoso Esteves, um dos candidatos por aquele distrito, referiu-se à luta sindical dos pescadores, sobretudo de Buarcos, donde é natural, e denunciou a pressão sofrida pelos pescadores da sua terra, que bem conhece pois é também um trabalhador do mar. Denunciou a desumanidade com que sempre foram tratados os pescadores por parte de “alguns armadores e mestres que, protegidos pelas leis fascistas, fizeram da classe piscatória a classe mais sacrificada e explorada”, o que hoje volta a ser tentado por mestres e armadores reaccionários.

O camarada Mário Carlos Gomes, operário fabril, e candidato, natural da Figueira da Foz, falou da necessidade de “revitalizar o controlo operário” e lembrou que “a maioria dos candidatos do PCP à Assembleia da República são trabalhadores e operários e que, por isso, os que forem eleitos serão os deputados do povo, capazes de defender intransigentemente as liberdades democráticas e os verdadeiros interesses do povo”.

Dirigiram-se ainda aos trabalhadores que acorrem em grande número ao comício, os camaradas Manuel Fonseca, António Simões e José Fernandes, representantes da Comissão Concelhia e da DORB, que focaram vários aspectos da situação política e outros que dizem respeito aos sectores de actividade em que trabalham e interessam, afinal, a todos os trabalhadores, pois “os interesses dos trabalhadores são iguais, independentemente da sua ideologia” — como frisou o camarada José Fernandes, numa passagem do seu discurso.

“Como trabalhador da saúde, como enfermeiro e como comunista, sei que a saúde é um direito fundamental — afirmou, por sua vez, o camarada António Simões. Um direito que nos países socialistas está assegurado com uma ampla rede de serviços gratuitos com uma participação activa da comunidade. Está doente numa sociedade socialista não é um castigo resultado da condição de explorado, isto é, da insuficiência alimentar, do excesso

de horas de trabalho, da insegurança assistencial que caracteriza a prestação de serviço de saúde na sociedade capitalista, onde o mercado da saúde é uma das maneiras mais rentáveis de ganhar dinheiro.

Uma referência à recente greve dos enfermeiros, aquele camarada acusou os responsáveis

pela saúde, que são membros do PPD, de utilizarem os meios de comunicação social “para caluniar a justa luta dos enfermeiros”, apresentando-a, inclusivé, como mera reivindicação salarial, quando “o que nós, enfermeiros, desejamos é poder trabalhar num sistema nacional de saúde digno, onde o Estado se responsabilize

pela satisfação das necessidades de saúde das populações. E não queremos, nós, enfermeiros, que neste país se continue esperando meses por consultas, pagando quantias exorbitantes pelas análises clínicas, deixando muitas vezes de comer para comprar os medicamentos”, lembrou ainda o camarada António Simões.

# O CUSTO DE VIDA EM DEBATE

### Mostrar na prática como os trabalhadores estão a perder o seu poder de compra devido ao aumento indiscriminado dos géneros essenciais, foi a iniciativa das organizações do PCP em Almada e Setúbal

“Cabaz de Compras” foi uma iniciativa que os Gabinetes Técnicos Eleitorais do Partido Comunista Português, de Setúbal e Almada, realizaram no sábado passado, naquelas duas cidades, para demonstrarem na prática como tinha diminuído nos últimos meses o poder de compra das classes trabalhadoras e partir daí para um debate sobre a situação económica.

Visando esclarecer as massas trabalhadoras sobre a origem da inflação galopante que sofrem os produtos alimentares essenciais enquanto que os salários são congelados, as sessões registaram grande participação, tendo estado presentes economistas do PCP.

Da parte da manhã, nos mercados de cada uma das localidades foram adquiridos por elementos do Partido alguns dos produtos alimentares considerados essenciais e que a seguir se referem: um quilo de bacalhau e outro tanto de peixe, carne, batatas, cebolas, tomates, bananas, laranjas, açúcar, arroz, farinha e manteiga, um litro de azeite e outro tanto de óleo e de vinho e ainda uma barra de sabão, num total de 590\$40 (o bacalhau e as batatas não puderam ser compradas por não se encontrarem à venda). Ao mesmo tempo, era distribuído pelos frequentadores do mercado um folheto, onde se salientava:

“A verdade é que durante os anteriores Governos Provisórios, o poder de compra dos trabalhadores foi sempre defendido. Garantiu-se o abastecimento, estabilizaram-se os preços, baixou a taxa de inflação. Se os preços tivessem subido à média que aumentaram entre Janeiro e Setembro de 1975 (III, IV e V Governos Provisórios), o que em Janeiro de 1974 custava 100\$00 custaria hoje 153\$00 e não os 189\$70 que realmente custam!”

Durante a sessão seria entregue à pessoa que mais se aproximasse do preço real o referido cabaz de compras. A sessão de esclarecimento de Almada teve lugar no salão da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, e estavam presentes na mesa José Alves, do Gabinete Técnico Eleitoral de Almada, Maria Alice, candidata independente do nosso Partido pelo distrito de Setúbal, e os economistas Carvalho Antunes e Vasco Corregedor da Fonseca.

Vasco Corregedor da Fonseca referiu-se à interligação entre o aumento do custo de vida e a degradação da situação política e social desde o 25 de Novembro, degradação essa resultante do ataque das forças reaccionárias em que têm pontificado o CDS e o PPD. A esse propósito, diria:

“As forças da reacção foram pouco a pouco conquistando algumas posições e aproveitando uma certa desmobilização que surgiu após o 25 de Novembro”.

Abordou depois, e ainda dentro da tentativa de desestabilização da vida nacional, o aproveitamento pelas forças reaccionárias das justas lutas dos trabalhadores.

Maria Alice debruçou-se sobre a discriminação de que a mulher é vítima nos países capitalistas. “Não é por acaso que Salazar dizia que às mulheres basta ter a 4.ª classe e aprender costura”, diria referindo-se a essa discriminação. Comparou depois a situação da mulher nos países capitalistas e nos países socialistas, afirmando: “Na R.D.A., em 1973, um terço dos deputados eram mulheres, um quarto dos directores escolares e um quinto dos presidentes das câmaras eram também mulheres, mais de meio milhão de mulheres ocupavam cargos nas direcções das empresas e três quartos dos médicos eram mulheres”.

Recordou igualmente que na RDA, em 1973, 80 por cento das crianças frequentavam jardins de infância enquanto que em Lisboa há apenas um lugar para 10000 crianças, isto é, uma minoria da população infantil. Cavaleira Antunes, que seria o orador seguinte, expôs a posição do Partido Comunista em relação à política económica que está a ser

seguida pelo VI Governo Provisório, pois a actual política nada tem a ver com o caminho para o Socialismo, visa fazer pagar às massas trabalhadoras a crise económica, que não é só do nosso País mas sim uma crise geral do mundo capitalista, e tem em vista propiciar a recuperação capitalista.

A esse respeito afirmou: “Uma das primeiras preocupações dos Partidos Comunistas onde têm conseguido fazer a Revolução Socialista, uma das principais preocupações dos governos progressistas, tem sido de evitar o aumento do custo de vida dos produtos essenciais, dos produtos necessários às massas trabalhadoras.”

Daria como exemplo o que se passa em Cuba, onde os preços de vários produtos (carne, manteiga, peixe, batatas, açúcar, etc.), são ainda os mesmos que eram praticados em 1958. Pois “o Socialismo constói-se resolvendo os problemas básicos das massas trabalhadoras, resolvendo o problema da saúde, o problema da educação, o problema da alimentação, o problema do vestuário, o problema dos transportes, é assim que se caminha efectivamente para o Socialismo”.

No final foram feitas várias perguntas pela assistência a que a mesa respondeu.

acaba desaire

economia EC

Considerações sobre a reforma agrária

1976: os projectos políticos e as imposições económicas

Sobre o orçamento geral do Estado para 1976

# PRÓXIMAS SESSÕES DO PARTIDO

O nosso Partido promove nos próximos dias as seguintes sessões de esclarecimento. HOJE, em Lisboa, às 17 e 45, na Sociedade Guilherme Cossoul (a S. Bento); às 18 horas na Casa da Moeda; no Clube Desportivo do Carmo, às 18 e 30, no Clube Desportivo de Arroios, no Centro Social do Bairro da Boa Vista, na Sociedade Chaby Pinheiro, todas com início previsto para as 21 horas; em Vila Franca de Xira, no ginásio de Castanheira, e no Cadoço, em Torres Vedras, ambas marcadas para as 21 horas; em Nire (V. Nova de Farnalício), na escola primária e no Clube Romeirensis (Cova da Piedade), ambas às 21 e 30, no distrito de Évora; nas Casas do Povo de Escoural e Lavre, (Montemor), pelas 21 horas; na cooperativa Vasco Gonçalves (Montemor), às 18 horas.

AMANHÃ, na zona de Braga e com início às 21 e 30, nas escolas primárias de Azurém (Guimarães), Fermentões (Guimarães), Adufe (Braga), Palmeira (Braga), Bairro (Famalicão) e Loucado à mesma hora realiza-se na localidade de Caldas de Vizela um comício-festa, em Lisboa, no Vale Formoso (Marvila) e na 1.ª Zona (Bairro Alto) ambas às 21 e 30, no Organismo dos Gráficos, pelas 17 horas; em Alenquer às 21 horas; na zona de Sintra, em Almoçageme, Idanha e Algueirão Velho, todas às 21 e 30; em Vila Franca de Xira, pelas 21 horas, nas localidades de Povos e Alhandra; na Organização de Odivelas (Loures) e no centro de Trabalho de Oirás, pelas 21 e 30; em Dois Portos (Torres Vedras), às 21 horas; em Almada, na Academia “Almadense”, apresentação dos candidatos pelo Distrito de Setúbal, num comício, às 21 e 30; em Évora: com início às 21 horas, na Casa do Povo de Rio de Moinhos (Borba) em Vendas Novas e em Reguengos (no ginásio da escola).

SABADO, na zona de Braga às 16 horas festa-comício da UJC no Liceu Sá de Miranda, na escola Primária de Oliveira de S. Maria, pelas 17 horas; nas escolas primárias de Vilarinho (Vizela), Joane (Famalicão), Carreira (Famalicão), na casa do povo de S. Torcato (Guimarães) e no hotel de Vilar de Veiga (Gerês), todas marcadas para as 21 e 30; em Lisboa, no Alto do Pina, às 15 e 30; na escola Cesário Verde (Beato) e em Caselas, ambas às 21 e 30; na Sociedade José Estevão (Lumiar), às 21 horas; em Alenquer, Santana de Carnota, pelas 21 horas; em Cascais, pelas 21 horas, nas localidades de Abóbada e Caparide; em Loures, na colectividade do Tojal, às 21 e 30, na organização de S. Antão do Tojal (Loures), pelas 17 horas; no Sobral, em Oeiras e no Bairro da Mina (Amadora), às 17 horas; em Terceira, às 21 horas, no Ringuê Nova Oeiras (uma festa); em Sintra, no Mucifal e Albarraque, ambas às 21 e 30; no Vale do Carregado e em Cachoeiras (V. F. de Xira) e no Monte Redondo (Torres Vedras), às 21 horas; em Évora: no Largo de Mora, S. Manços (no largo pequeno) e em Borba, todas com início previsto para as 16 horas; no Bairro de Almeirim (no largo da escola), às 17 horas e em Arcos (Estremoz), na Casa do Povo, pelas 21 horas.

DIA 6, em S. Romão (Seia), às 15 horas; em Quintas e na Loja Nova (Vila Franca de Xira), pelas 16 horas; na Urgeira (Torres Vedras), Barcarena (Oeiras) e no Liceu S. João do Estoril (Cascais), todas às 21 horas; no Penedo, em Sintra, às 21 e 30, na zona de Braga; em Moreira do Conego e Fila de Ave, às 10 horas, na escola Primária de Espinho, pelas 15 horas; na Casa do Povo de Amares, Fafe e Serzedelo (escola primária), todas às 16 horas e festa-comício em Barcelos, pelas 17 horas; na zona alentejana, em Évora, às 16 horas, apresentação dos candidatos num grandioso comício: na Sociedade de Veiros (Estremoz), às 21 horas.

DIA 5, na zona de Lisboa, no Instituto Superior de Economia, às 17 e 30, na Lisboa Gráfica, pelas 18 horas; na Sacor (sede), nos Serviços Médicos Sociais e na Sociedade Guilherme Cossoul, estas às 18 e 30; na Caixa Económica Operária (Graça), pelas 21 horas; na Sociedade Recreativa Boa União, às 21 e 30; em Varatojo (Torres Vedras) pelas 21 horas e no hospital de Cascais pelas 18 horas; na escola primária de Oliveira de S. Mateus (Famalicão), convívio às 21 e 30; em Pardais (V. Viçosa) e Vera Cruz (Portel), pelas 21 horas, nas respectivas Casas do Povo.

DIA 6, na zona de Braga e com início previsto para as 21 e 30, nas escolas primárias de S. Cosme do Vale (Famalicão), Bairro da Alegria (Braga) e Silvares de S. Clemente (Fafe); em Vila Franca de Xira, nas localidades de Alhandra, pelas 17 e 30 e no Bom Retiro às 21 horas; em Sarge (Torres Vedras), às 21 horas e em Agualva, Sintra, pelas 21 e 30.



# DELEGAÇÃO DO MLSTP NA SEDE DO PCP

Na sua recente deslocação a Portugal, a delegação do governo de S. Tomé e Príncipe, composta pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Leonel de Alva, acompanhado pela embaixatriz daquele país em Lisboa, Maria da Graça Amorim, encontrou-se com uma delegação do Partido Comunista Português, constituída pelos camaradas Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política, Albano Nunes, do Comité Central e Domingos Lopes, da Secção Internacional. O encontro realizou-se tendo em vista o estreitamento das relações entre o PCP e o Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe assim como entre o povo português e o povo daquele novo país

# CANDIDATOS PELA EMIGRAÇÃO

Por motivos que se prendem com o disposto na lei, relativo à residência em território eleitoral como condição de elegibilidade dos candidatos à Assembleia da República, o PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS alterou a composição da sua lista de candidatos pelo círculo eleitoral da EMIGRAÇÃO NA EUROPA.

Indicamos de seguida a composição da lista tal como foi aceite:

1.º — ANTONIO MANUEL DE BRITO, 38 anos de idade, soldador.

Membro do Partido desde 1961

Emigrante em França durante 5 anos

2.º — JOSÉ JOAQUIM VARGAS PICADO, 37 anos de idade, operário fabril

Membro do Partido desde 1974

Emigrante na RFA durante 5 anos

3.º — FAUSTINO JOSÉ REALISTA, 47 anos de idade, montador de filmes

Membro do Partido desde 1961

Emigrante em França durante 5 anos

4.º — DOMINGOS MATIAS ADURELHO, 51 anos de idade, operário fabril

Membro do Partido desde 1958

Emigrante em França durante 5 anos

Atualmente membro do Conselho Geral de trabalhadores da CUF

5.º — ANTONIO NOVAIS MARQUES DOS SANTOS

Membro do Partido desde 1962

Emigrante em França durante 14 anos

Atualmente adjunto do Secretário de Estado da Juventude e Desportos.

# ENCONTRO COM AGRICULTORES NO CONCELHO DA GUARDA

Realizou-se uma reunião com a população de Farnalção da Serra, com a presença de cerca de 100 pessoas, na sua grande maioria pequenos e médios agricultores.

O camarada Vasco Paiva, da DORB, focou essencialmente os problemas dos pequenos e médios agricultores e de todos aqueles que com sacrifício, duro trabalho e muito suor labutam nos campos do Norte, Centro e Concelho da Guarda.

De seguida falou o camarada Baptista de Plas, que começou por referir a diferença da situação no Sul, onde predominava a grande propriedade e estava nas mãos de escassas dezenas de latifundiários e a repartição das terras no Norte e Centro, onde predomina a pequena e pequeníssima propriedade.

Seguiu-se um período de perguntas e respostas no qual o candidato independente pelo Distrito da Guarda do nosso Partido, Luciano Avelas Nunes, referiu que a causa da sua candidatura pelo PCP era a de neste momento ser necessário a mais coesa unidade em defesa das conquistas da Revolução e de ser o PCP o único grande Partido da esquerda, defensor incansável e esforçado de todos os trabalhadores, de todos os pequenos e médios agricultores.

A terminar, o camarada Ciríaco cantou algumas canções populares traduzindo a vida do povo português e a sua luta por uma vida melhor nas cidades e nos campos.

A nova lista abre segundo o preceituado na lei não deixa por tal motivo de satisfazer os critérios utilizados na escolha da anterior lista. Desta forma a maioria dos candidatos é de origem operária e todos eles foram emigrantes.

O PCP defende a concretização das justas aspirações dos trabalhadores emigrantes, tanto no que respeita à sua situação nos países em que se encontram (garantia de trabalho, habilitação condigna, assistência médica, ensino em português para os seus filhos), como à protecção das economias por eles canalizadas para Portugal, para seu próprio uso ou dos seus familiares. Ao propor os seus candidatos pela emigração o PCP afirma:

VOTAR NO PCP É VOTAR POR UMA MAIORIA DE ESQUERDA

VOTAR NO PCP É VOTAR NA DEFESA DAS CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

# A HORA É DE LUTA PELA DEMOCRACIA

O carácter unitário e a representatividade da lista de candidatos do PCP pelo Porto salientados no comício do Palácio de Cristal, que foi presidido pelo prof. Rui Luís Gomes e em que participaram os camaradas Carlos Costa, do secretariado e da Comissão Política do CC, e Ângelo Veloso, membros do CC e da DORN

«O PCP considera que é possível erguer um barreira a essa ofensiva, que é possível conter e derrotar as forças da reacção. Nas últimas semanas, a tendência é para o reagrupamento das forças de esquerda e o isolamento da direita reacção. Por isso mesmo, a reacção não conseguiu ir tão longe como julgava. Mais: tem sofrido sérias derrotas como no caso da República Popular de Angola», declarou o camarada Ângelo Veloso, membro do Comité Central e responsável da Organização Regional do Norte, dirigindo-se aos muitos milhares de militantes e simpatizantes do nosso partido, que se deslocaram, na passada sexta-feira, ao Palácio de Cristal, a fim de participarem no comício de apresentação dos candidatos do Partido no círculo do Porto.

No recinto, numerosas bandeiras e distícos assinalavam a presença de muitas células de empresas, de freguesia e concelhos do nosso partido. Ainda antes de se iniciar o comício, aplausos sublimaram a entrada no pavilhão de uma numerosa delegação do Centro de Trabalho de Ramalde e dos nossos camaradas do Rádio Clube Português que transportavam um enorme cartaz onde se lia: «Emissora da Liberdade-avante pela revolução».

O nosso partido, antes e depois do 25 de Abril, sempre apontou ao povo trabalhador e à classe operária a unidade como caminho da vitória. Este comício foi, uma vez mais, a expressão desses sentimentos. Como disse o camarada Ângelo Veloso «a política unitária do PCP não é uma política de ocasião ou de oportunidade. É uma trave mestra da linha de massas do Partido Comunista Português».

Uma enorme salva de palmas, acompanhada por um coro imenso que gritava «unidade! unidade! unidade!» corroborou a decisão dos candidatos do nosso Partido — anunciada pelo camarada Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central — de convidarem o professor Rui Luís Gomes, símbolo da unidade antifascista e inrêpido lutador, para presidir ao comício.

Visivelmente emocionado, o professor Rui Luís Gomes salientou, numa breve alusão, «a participação dos candidatos independentes na lista do PCP é um dos primeiros grandes passos para a unidade da esquerda a que todos nós pertencemos. É precisamente a unidade que é preciso conseguir. Sem a unidade da

esquerda — que passa pelo PCP — sem ela, é difícil derrotar a reacção portuguesa».

Seguidamente, usou da palavra o camarada Carlos Costa, que fez a apresentação dos nossos candidatos às próximas eleições para a Assembleia da República. Depois de ter transmitido aos presentes, à classe operária e ao povo trabalhador do distrito do Porto as saudações do Comité Central, aquele destacado dirigente do nosso partido declarou:

«Conheço pessoalmente quase todos os candidatos que figuram na lista do Partido, quer os que são membros do Partido, quer os candidatos independentes. Apesar disso, estive a noite passada a ler as suas biografias.

E que se pode concluir de tal leitura?

«Uma Verdade exacta e muito simples de exprimir, como geralmente o são as grandes verdades. A lista de candidatos apresentada pelo Partido reflecte de uma maneira precisa a imagem do nosso Partido, reflecte toda a sua política, reflecte o seu carácter de classe e a sua política aberta para a defesa de todos os interesses nacionais, a sua política unitária essencial para o triunfo da esquerda, condição indispensável para a vitória da Revolução Democrática rumo ao Socialismo».

Proseguindo a sua intervenção, aquele membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central salientou que «figuram na nossa lista dirigentes experimentados do nosso Partido, com as maiores provas dadas de capacidade e abnegação na defesa dos interesses da classe operária e do Povo», apontando, entre outros, os exemplos da vida e da luta dos camaradas Ângelo Veloso, António Mota, João Fonseca e António Abreu, todos funcionários do partido e membros da Direcção da Organização Regional do Norte. Quando referia alguns aspectos da acção desenvolvida, nos últimos 27 anos, pelo camarada Ângelo Veloso, Carlos Costa recordou que o actual responsável pela DORN havia sido companheiro de Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola e do MPLA, imediatamente a multidão o interrompeu e uma clara manifestação de internacionalismo proletário, repetida por milhares de bocas gritaram: «MPLA! MPLA! MPLA!».

«Examinando a nossa lista», afirmou Carlos Costa, «a primeira característica que salta à vista, é a de que o PCP é bem o Partido da classe operária». Seguidamente, foram lidos os nomes de seis metalúrgicos, dois operários têxteis, um pescador, um operário químico, um sapateiro, um conservador, um estamador e um tipógrafo. Estes 15 candidatos, como salientou o camarada Carlos Costa «são homens profundamente ligados à sua classe. Todos eles participaram em numerosos lutas reivindicativas, sindicais e políticas. Alguns têm sido dos melhores animadores da luta contra a recuperação capitalista nas suas empresas. Muitos fazem parte de Comissões de Trabalhadores das suas fábricas, assim como de Comissões de Moradores dos seus bairros. Quase todos são ou foram dirigentes e activistas sindicais. Mais adiante, depois de ter analisado alguns aspectos da actividade desenvolvida por alguns dos candidatos, o nosso camarada da Direcção do Partido declarou:

«O PCP é, igualmente, o Partido que sempre defendeu e defende e defenderá os pequenos e médios agricultores. E estes estão representados na nossa lista por um dos mais corajosos e esclarecidos agricultores do Norte, o militante do Partido António de Sousa Ribeiro, agricultor rendeiro de Lousada», que se destacou «no tempo do fascismo pelas lutas que travou em defesa dos agricultores e do associativismo agrícola», tendo sido fundador e primeiro gerente da Cooperativa Agrícola de Vale do Sousa.

Actualmente, o camarada António de Sousa Ribeiro é um «grande dinamizador do movimento dos rendeiros do Norte, é membro do Secretariado do MARN, o que lhe tem valido toda a espécie de provocações».

Votar no PCP é votar na vitória da revolução democrática rumo ao socialismo».

«Também os pequenos comerciantes, salientou Carlos Costa têm na nossa lista alguns dos seus melhores defensores, como Carlos Soares — militante activo do partido desde 1957 e Sérgio Leite, comerciante do Porto, que sempre se destacou na defesa dos interesses dos comerciantes retalhistas».

Considerando que também os intelectuais se encontram representados por «militantes do Partido que têm sabido pôr a sua inteligência a cultura ao serviço do Povo», o membro da Comissão Política e do Secretariado do CC apontou alguns aspectos da

actividade desenvolvida pelos nossos camaradas Oliveira Dias, Matilde Bento, Dália Silva, Cassiano Abreu Lima e Rui Lima Jorge. Depois de ter referido os nomes de Sérgio Teixeira, tipógrafo que começou a trabalhar aos 10 anos e hoje tem 25; da estudante Margarida Monteiro, de 23 anos, da operária da Sepsa Maria de Lourdes Azevedo, de 20 anos; de Branca Carvalho, funcionária do Partido e membro da Comissão distrital do Porto, com 22 anos; de Domingos Oliveira, membro da CC da UJC, da mesma idade; Carlos Costa sublinhou que «os jovens trabalhadores e estudantes estão, pois, bem representados na nossa lista. Nem de outro modo poderia ser. Os jovens, cheios de abnegação e audácia, abraçam os ideais do comunismo, precisamente porque o comunismo é a juventude do mundo.»

Seguidamente, o camarada referiu-se a três «dos maiores representantes da resistência antifascista», que se encontram incluídos na nossa candidatura, divulgando alguns dados sobre a actividade desenvolvida por Virgínia de Moura, militante do nosso partido há 42 anos, presa pela Pide 16 vezes, processada nove e condenada três vezes; Lino Lima, militante do Partido há 35 anos e Teixeira de Sousa, militante do Partido há 43 anos e recentemente afastado da presidência da Câmara Municipal de Gondomar.

Além disso, na nossa lista encontram-se incluídos como candidatos independentes «grandes lutadores da Resistência Antifascista e grandes combatentes pela liberdade e democracia», como é o caso de António Luís Freitas Monteiro, ex-delegado da Secretaria de Estado do Trabalho, nesta cidade, que se destacou pelo apoio dado às empresas em auto-gestão ou com intervenção estatal e às cooperativas; dr. Macedo Varela, secretário de Estado da Emigração no 1.º governo provisório; o médico cirurgião Álvaro Ferreira Alves, que foi assistente das Faculdades de Medicina de Lisboa e do Porto, e presidente da Sociedade Portuguesa de Ortopedia; João Silva, comerciante do Marco de Canavezes e membro da Comissão Concelhia do MDP/CDE; dr. Raul de Castro, membro da Comissão Central do MDP/CDE e que foi advogado em dezenas de processos políticos no Tribunal Pleno do Porto.

«Assim é vê a força do PCP», era a consigna que várias vezes era gritada sublinhando os aspectos mais significativos das

biografias dos nossos candidatos recordados por Carlos Costa que, no final da sua intervenção, declarou: «votar nos candidatos do PCP é votar na vitória da Revolução Democrática rumo ao socialismo».

Ângelo Veloso, membro do Comité Central e candidato pelo círculo do Porto, depois de ter saudado o povo trabalhador do distrito, à classe operária e todos os trabalhadores desta cidade, dirigiu uma saudação especial ao presidente da mesa do comício, professor Rui Luís Gomes, que considerou «uma das personalidades mais representativas da esquerda portuguesa, um grande cientista e um grande combatente antifascista».

Proseguindo a sua intervenção, Ângelo Veloso afirmou:

«Nós condenamos severamente a anarquia e o terrorismo. Reclamamos que se faça respeitar a ordem democrática em todo o território nacional.

«Exigimos o castigo dos terroristas e reclamamos que se dê a conhecer ao país o que até agora foi apurado pelas autoridades responsáveis.

«Há largos meses que se sucede o atentado dos terroristas. Queimaram-se casas, destruíram-se dezenas de automóveis, foi assassinado o nosso camarada António de Almeida e Silva, sindicalista viçentino. Que apuraram as autoridades responsáveis?

«Em muitos lados conhece-se quem participou directamente nos atentados. Já foram apanhados os carros explosivos — por exemplo um aqui no Porto e vários no Sul. Será possível que a polícia não tenha conseguido apurar nada? Será possível tão completa ineficácia? Os jornais trouxeram fotografias de armas apreendidas, mas não dizem a quem. Porquê? Conhecem-se prisioneiros efectuados em Braga, Viana do Castelo e Lisboa, etc. Porquê não se dá a conhecer ao país os resultados das investigações?».

As respostas às perguntas feitas devem ser dadas. Para que o sejam o mais rápida e claramente impõe-se, como sugeriu o responsável pela DORN, o desenvolvimento de «um amplo movimento de opinião exigindo o castigo dos terroristas e exigindo que sejam tornados públicos os resultados das investigações. Exigindo que não se continue a silenciar o que é — com toda a certeza — conhecido sobre os atentados terroristas e os seus autores.

A droga, o crime, o tráfico de armas, o recrutamento de mercenários para Angola, o ELP, o CDS e o PPD — tudo isso se mistura e se entrelaça nas actividades conspiratórias da reacção e do imperialismo contra a democracia.»

Antes de finalizar esta gloriosa jornada, ainda usaram da palavra os candidatos Felismina das Dóres Ribeiro, operária têxtil e membro da Direcção da Organização Regional do Norte; Domingos de Oliveira Dias, serroteiro mecânico e membro da Comissão Central da União da Juventude Comunista, e António Macedo Varela, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE e candidato independente, que, a determinado passo da sua intervenção dirigiu uma saudação aos socialistas que desejam verdadeiramente o socialismo e uma democracia, cujo papel na transformação da nossa sociedade é também, em absoluto, indispensável.

«Essa política não terá futuro», assegurou Ângelo Gonçalves, salientando que «os comunistas defendem com afinco uma política de protecção e apoio aos pequenos e médios camponeses. Defendemos que lhes sejam garantidos créditos, assistência técnica, preços justos e uma previdência rural digna.

«O PCP orgulha-se, declarou, de ter tido um papel fundamental na preparação e aprovação das leis de arrendamento, dos baldios, dos foros e de protecção à democracia das associações de agricultores.

«O PCP orgulha-se de ter organizado as primeiras conferências de camponeses do Norte após o 25 de Abril e de, sob o fascismo, ter acompanhado e conduzido valiosas lutas das populações camponesas contra as condições de miséria de que sofriam. Nós, comunistas, sempre estivemos e estamos na luta por uma vida melhor nos campos.»

Falou depois o camarada Veiga de Oliveira, que analisou a situação política e económica e os problemas eleitorais.

A finalizar, Georgete Ferreira analisou detalhadamente a questão da unidade de todas as forças empenhadas na luta contra a reacção e pela consolidação das conquistas da revolução, focando o papel que a mulher terá de ter na luta revolucionária.

Numa segunda parte cultural actuaram o «Trio Resistência» e José Barata Moura, tendo a sessão encerrado com muitas cantadas de participantes no comício a entoar o «Avante camarada», a «Internacional» e o Hino nacional.

# DERROTAR O PERIGO FASCISTA

Em Peniche num comício com grande participação, e no qual esteve presente o camarada Joaquim Gomes, do secretariado do CC, o nosso Partido reafirma a sua capacidade para defender nas urnas as grandes conquistas dos trabalhadores

Encarada como «nova tarefa que nos é distribuída pelo Partido», a candidatura dos deputados do PCP por Leiria foi apresentada num comício em Peniche, no último domingo, com a presença do camarada Joaquim Gomes, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central, que encabeça a lista por aquele distrito. A sessão, que foi também de esclarecimento e em que participaram outros candidatos, bem como representantes da UJC e da UEC, foi encerrada com uma intervenção do camarada Joaquim Gomes.

Depois de se referir aos candidatos do Partido como «combatentes que, de um modo ou de outro sempre lutaram para defender as populações do nosso distrito da exploração, das injustiças e arbitrariedades a que o fascismo as submeteu durante quase meio século», aquele camarada do Secretariado do CC pôs relevo a algumas diferenças significativas entre a campanha para a Constituinte e a que vai iniciar-se dentro de dias, esclarecendo que «há um ano atrás, nenhum social-democrata, nenhum pseudo-democrata, ou mesmo reaccionário, tinha a coragem de se pronunciar contra o socialismo. Bem pelo contrário — frisou. Todos eram socialistas dos mais genuínos e consequentes. Todos eram pelo fim da exploração do homem pelo homem no nosso país! Todos eram amigos do povo!»

Hoje, mostrando a sua verdadeira face, «os mesmos que, há um ano, faziam discursos inflamados na defesa do socialismo e dos trabalhadores, conduzem a partir dos Ministérios do Trabalho, das Finanças, do Comércio Interno e de outros, uma encarnada ofensiva contra os interesses dos trabalhadores, pela recuperação capitalista, contra o controlo operário, contra todas as conquistas democráticas da Revolução de Abril» — lembrou o camarada Joaquim Gomes, acrescentando que, como tudo indica, a próxima campanha eleitoral vai desenrolar-se «com alterações substanciais no que toca aos partidos de aparência democrática e socialista».

O CDS, com os seus dirigentes comprometidos com o fascismo «muitos deles tiveram, nos regimes de Salazar e Caetano, responsabilidades pelas quais nunca deram contas ao país!» bate-se pelo regresso ao passado, não conseguindo esconder os projectos de restituir os antigos privilégios aos Melhores, Champalimands e a eles próprios, aliando-se aos chamados separatistas dos Açores e da

Madeira, convidando o nazi Strauss, da RFA, para o seu encontro na Póvoa, fazendo compreender a razão porque aparece à venda a cruz gamada dos nazis ao lado dos emblemas do CDS, PPD, ELP, MDLP e ANP. O seu desejo, o desejo do CDS, «é fazer regressar o povo português ao paraíso de miséria e obscurantismo fascista, aos brandos costumes dos assassinos da Pide em todo o país conche».

O PPD — prosseguiu o camarada Joaquim Gomes — «cujas credenciais autênticas foram apresentadas aos trabalhadores e ao povo português no curto espaço que vem do 25 de Novembro até agora», tomou também as coisas muito mais claras quanto a si próprio e ao seu chefe supremo (que «exige agora, pura e simplesmente, que se varra de uma vez para sempre, dos dicionários políticos, a palavra socialismo») pois o que fazem «alguns dos seus dirigentes nos Ministérios e departamentos que dirigem é bem o espelho do que estaria reservado ao povo português, se alguma vez tivesse a infelicidade de cair sob a alçada de tais políticos». Pois não é verdade — perguntou o camarada Joaquim Gomes — que, para as donas de casa e os trabalhadores em geral, nunca, depois do 25 de Abril, a vida foi mais difícil? Que nunca os preços sofreram um aumento tão brutal como depois que o sr. Magalhães Mota, do PPD, é ministro do Comércio Interno? Ao serviço de quem está o sr. Magalhães Mota? Ao serviço dos exploradores, dos intermediários e parasitas, de todos os que vivem e querem continuar a viver à custa do suor dos trabalhadores portugueses.

Pois não é verdade — acrescentou o camarada Joaquim Gomes — que nunca, depois do 25 de Abril, os pequenos e médios agricultores se viram com mais dificuldades para adquirir, por exemplo, batata de semear? Porquê? Porque o PPD e os seus ministros não estão ao serviço dos que regam a terra com o seu suor, mas daqueles que querem exactamente continuar a viver à custa desse suor.

O PS não pode, por seu lado, esperar o aplauso dos trabalhadores «quando a equipa que dirige o Ministério do Trabalho estabelece uma linha política em todo contrário aos interesses dos trabalhadores e favorável aos patrões e à recuperação capitalista nas empresas nacionalizadas, ou com participação do Estado.

Quando o ministro das Finanças — frisou o nosso camarada do Secretariado do CC — estabelece medidas para indemnizar, ou

indemniza mesmo, os grandes exploradores desapaosados dum parte das fortunas que amassaram à custa dos trabalhadores, ou quando prevê «a possibilidade de se virem a constituir novos bancos particulares», não se pode dizer que «os socialistas do Ministério das Finanças estejam a pensar em socialismo, ou na defesa das conquistas da Revolução».

Depois de perguntar qual Europa é que está com o PS (da RFA do sr. Brandt que, descaradamente e sem o mínimo respeito pelo Povo e pela Nação Portuguesa, revelou a existência, de um boicote ao nosso país que só terminou após o 25 de Novembro) o camarada Joaquim Gomes salientou que, embora defendendo com toda a firmeza uma política de alianças e entendimento com o PS, política esta concretizada com muitas organizações de base, em zonas diversas do país, o Partido Comunista nem por isso pode deixar de denunciar as atitudes divisionistas e ferocemente anticomunistas de muitos dos dirigentes mais responsáveis do PS.

A batalha em que vamos entrar exige que todos tenhamos a noção dos perigos que corre a Revolução, se os partidos reaccionários viessem a ter uma maioria na Assembleia Legislativa».

Depois de lembrar que «só uma maioria de esquerda, alcançada com uma votação maciça no PCP pode evitar esse perigo», o camarada Joaquim Gomes salientou que «quando a reacção nos quer tirar de novo as liberdades, votar na esquerda é defender a liberdade, a democracia e a independência nacional».

Referindo-se ao Partido da Verdade e da Esperança («porque nunca utilizamos, nem utilizaremos a mentira e a demagogia para enganar o povo trabalhador e porque defendemos com toda a clareza, na acção prática, o que somos e queremos, para onde pretendemos caminhar com os trabalhadores e o povo, porque somos nós mesmo trabalhadores e povo») o camarada Joaquim Gomes, depois de lembrar que o PCP, «dentro ou fora do Governo, através da sua imprensa e por outros meios, esteve sempre ao lado dos trabalhadores nas suas lutas, em todas as suas acções para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e de classe», reafirmou, entre calorosos aplausos, que o nosso Partido está e estará sempre ao lado dos exploradores, pois se define justamente como é: o Partido dos Trabalhadores da cidade, dos campos das minas e do mar.

# COMÍCIO EM VIANA DO CASTELO

«Optei pelo PCP porque, como cristão, os meus anseios de uma sociedade onde o amor não seja palavra vã determinam-me a, prioritariamente, lutar pela sociedade socialista de que o PCP é o principal e mais consequente obreiro até ao presente» — declarou um dos candidatos independentes

Num ambiente de grande vibração e entusiasmo, foram apresentados os candidatos do Partido Comunista Português no círculo de Viana. A sala do Teatro Sá de Miranda encontrava-se superlotada, o que denota o interesse que motivou esta realização do PCP que apresenta naquele distrito a seguinte lista: Avelino Gonçalves, deputado à Assembleia Constituinte e membro da DORN; Gaspar Castro; José Martins Neiva, independente; Maria Odete Ribeiro; Joaquim Fernando Rocha Neves; Maria Fátima Carvalho, independente; Amadeu Costa, independente; Mário Araújo; Romeu Sousa, independente. Além dos candidatos, encontravam-se presentes a camarada Georgete Ferreira, membro do CC, e Alvaro Veiga de Oliveira, ministro das Obras Públicas.

O primeiro orador foi o operário dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, Mário Araújo que, depois de ter dirigido em nome da sua célula de empresa uma saudação às camaradas Georgete Ferreira e Veiga de Oliveira, declarou:

«Ainda jovem comecei a conhecer os comunistas, com eles aprendi o que era ser justo, aprendi a lutar pelos interesses das classes trabalhadoras, aprendi a distinguir os meus amigos e os meus inimigos.

Depois de ter recordado a acção desenvolvida pelo PCP durante a longa noite fascista, Mário Araújo sublinhou:

«O Partido Comunista Português foi o grande organizador da luta reivindicativa das comissões nas empresas; da luta nos sindicatos; das reclamações, concentrações, manifestações e paralisações através das quais os trabalhadores procuram defender os seus direitos, fazendo frente à exploração capitalista.»

Seguidamente, usou da palavra o independente Amadeu Costa, que explicou algumas das razões que o levaram a aceitar ser incluído na lista do PCP. Depois de ter salientado que «tudo quanto me interessa pelo povo derrotar a reacção», afirmou de seguida que: «Só uma maioria de esquerda consolidará as conquistas alcançadas com o 25 de Abril, mantendo-se, assim, o Conselho da Revolução, o MFA, a unidade sindical e garantirá uma informação séria e verdadeira — a informação ao serviço do Povo.

«Somente com essa maioria de esquerda, confirmada por meio do voto nas próximas eleições para a Assembleia da República, daremos fortes machadadas nas ultracriminosas intenções, já largamente exteriorizadas, de alterar a nova constituição, manobra esta que, pelo que significa, pelo que revela de atentatório à soberania popular, é bem significativa dos propósitos de certos partidos reaccionários que, contrariando aquilo que apregoam, não têm outros fins que não seja trair o povo.»

Depois da operária têxtil Odete Ribeiro ter usado da palavra, dirigiu-se aos presentes no comício Romeu de Sousa, candidato independente, que, após o passo da sua alocação afirmou:

«Optei pelo PCP, porque como cristão os meus anseios de uma sociedade onde o amor não seja palavra vã, determinam-me a, prioritariamente, lutar pela sociedade socialista de que o PCP é o principal e mais consequente obreiro até ao presente. Ser cristão não é fazer alianças com o CDS, não é ser inimigo das conquistas que visam transformar a sociedade portuguesa.»

Avelino Gonçalves, deputado à Assembleia Constituinte e membro da DORN, dirigiu, no início da sua intervenção, uma saudação especial à memória de vários militantes do PCP: José da Costa Lima, «caído o ano passado no terreno da luta pelas liberdades»; Manuel da Silva Junior e Fiúza, ambos assassinados pela PIDE em 1957; Maria Luísa da Costa Dias, candidata do Partido, por aquele círculo, nas últimas eleições e que faleceu na companhia do seu marido, Pedro Soares, membro do Comité Central do PCP.

«A candidatura da camarada Maria Luísa da Costa Dias, recordou o antigo ministro do Trabalho do I Governo Provisório, foi, pode dizer-se precursora da candidatura unitária proposta este ano pelo Partido Comunista Português. A camarada Maria Luísa foi, ao longo de dezenas de anos, um alto exemplo de compreensão da necessidade da unidade de acção na luta antifascista, na conquista de liberdade e da democracia.»

Referindo-se à presença na candidatura de quatro independentes, Avelino Gonçalves considerou-a «a prova de que os

sentimentos unitários das forças progressistas da Viana do Castelo se mantiveram e alargaram».

Depois de ter reafirmado a posição do PCP face à actual Constituição ultimada na Constituinte, «onde se reflectem a maioria das conquistas revolucionárias fundamentais dos trabalhadores portugueses: as liberdades democráticas e as nacionalizações»; a Reforma Agrária e o controlo operário», Avelino Gonçalves sublinhou que «por isso defendemos a Constituição; por isso a direita, e nomeadamente o CDS e o PPD procuraram e procuram pô-la em causa».

Denunciando as actividades reaccionárias afirmou o deputado comunista:

«Em muitos pontos do país não existem liberdades. Mesmo no distrito de Viana do Castelo, há muitas terras cuja vida social é dominada por caciques reaccionários. Ai, onde os comunistas e outros militantes progressistas não podem exprimir-se livremente, aí não haverá eleições livres.

«Há largos meses, uma onda de terrorismo assolou numerosas terras do Alto Minho. Até agora, nem um dos responsáveis por esses actos de selvajaria foi julgado e condenado. Hoje mesmo tomámos conhecimento que um processo instaurado pelo nosso partido em relação com uma acção de saque, perseguição, ameaça e agressão, praticada contra o nosso partido e militantes comunistas, foi arquivado por falta de provas.»

Depois de ter denunciado a enorme vaga de atentados terroristas, a impossibilidade de abertura de sedes de partidos de esquerda em numerosas localidades, o orador perguntou: «serão dignas eleições realizadas em condições como as que acabo de referir? Que dignidade empresta às eleições uma resolução que afirma serem diferentes dois símbolos perfeitamente iguais?»

E, mais adiante, diria Avelino Gonçalves: «A política do ministro PPD, Magalhães Mota, no que respeita a abastecimentos e preços, é uma afronta aos interesses dos consumidores, dos pequenos agricultores e comerciantes, é uma clara protecção dos interesses de uma minoria de grandes intermediários», denunciou Avelino Gonçalves.

No final da sua intervenção, aquele camarada analisou detalhadamente vários aspectos da Reforma Agrária no Norte do País, começando por denunciar que, nesta região, «a reacção fala muito contra a Reforma Agrária do Sul, mas a sua luta imediata é contra a Lei do Arrendamento Rural». Justificando a sua afirmação, apontou vários exemplos: em Ponte do Lima, há pendentes no tribunal, 12 acções de despejo contra agricultores rendeiros; em zonas dominadas pelos caciques, há advogados que procuram convencer os rendeiros de que a Lei do Arrendamento Rural não está em vigor; em Santo Tirso, reaccionários impediram pequenos camponeses de se reunirem, sem que as autoridades intervissem.

«Essa política não terá futuro», assegurou Avelino Gonçalves, salientando que «os comunistas defendem com afinco uma política de protecção e apoio aos pequenos e médios camponeses. Defendemos que lhes sejam garantidos créditos, assistência técnica, preços justos e uma previdência rural digna.

«O PCP orgulha-se, declarou, de ter tido um papel fundamental na preparação e aprovação das leis de arrendamento, dos baldios, dos foros e de protecção à democracia das associações de agricultores.

«O PCP orgulha-se de ter organizado as primeiras conferências de camponeses do Norte após o 25 de Abril e de, sob o fascismo, ter acompanhado e conduzido valiosas lutas das populações camponesas contra as condições de miséria de que sofriam. Nós, comunistas, sempre estivemos e estamos na luta por uma vida melhor nos campos.»

Falou depois o camarada Veiga de Oliveira, que analisou a situação política e económica e os problemas eleitorais.

A finalizar, Georgete Ferreira analisou detalhadamente a questão da unidade de todas as forças empenhadas na luta contra a reacção e pela consolidação das conquistas da revolução, focando o papel que a mulher terá de ter na luta revolucionária.

Numa segunda parte cultural actuaram o «Trio Resistência» e José Barata Moura, tendo a sessão encerrado com muitas cantadas de participantes no comício a entoar o «Avante camarada», a «Internacional» e o Hino nacional.

«Para evitar a vitória da reacção urge unir a esquerda no voto. É preciso não dividir as forças de esquerda, as forças democráticas, não dispersar os votos, não favorecer a direita.

«No jogo eleitoral, cada deputado desperdiçado à esquerda é mais um deputado ganho pela direita. Perde-se duplamente» assegurou o membro do Conselho Nacional do MDP/CDE, exemplificando com o que sucedeu nas últimas eleições, quando devido à dispersão de votos nos pequenos partidos de esquerda ou que dela se reclamavam, possibilitou a eleição de cerca de um terço dos deputados que o CDS, com número inferior de votos, conseguiu meter na Assembleia Constituinte.

A memória dos camaradas que tomaram na defesa da liberdade e da democracia, antes e depois do 25 de Abril, dos patriotas chilenos e de todas as vítimas do fascismo, do sionismo e do imperialismo em todo o mundo foi saudada com um minuto de silêncio guardado pelos muitos milhares de militantes e simpatizantes do nosso partido que, no final dessa homenagem, gritaram em uníssono, confiantes na vitória final: A luta continua! A luta continua!

# ASSEMBLEIA CONCELHIA DE CASCAIS

Reforçando a organização local, realizou-se a I Assembleia Concelhia de Cascais do PCP

Com a realização da I Assembleia Concelhia de Cascais do PCP, que se realizou no domingo passado, foi eleita a nova Comissão Concelhia, constituída por um comerciante, uma doméstica, um empregado de mesa, dois empregados de escritório e sete operários. Na mesma Assembleia foi aprovado o projecto de organização do Partido no Concelho respeitando as alterações que as diferentes células acharam por bem introduzir durante as reuniões efectuadas para discutir o documento, prova da democraticidade do Partido comunista Português, que não impõe decisões antes procura e respeita as opiniões das bases.

Presidiu à Assembleia o camarada Manuel Alpedrinha, que era acompanhado na mesa pelos camaradas Artur Lino, Isaura, Bento, Maria José, Conceição

Caeiro, António José, Odete e Gabriel Santos.

Depois do camarada Manuel Alpedrinha ter usado da palavra, dando início à Assembleia, entrevistaram elementos das Comissões de Freguesia do PCP e ainda elementos das células na J. Pimenta, na SIPE, do organismo da indústria hoteleira e do organismo das inter-empresas.

Durante a parte da tarde os trabalhos prosseguiram com a leitura do documento que previamente tinha sido discutido em todas as bases, sendo aprovado por aclamação depois de algumas alterações que os delegados presentes aprovaram, passando-se de imediato e para finalizar os trabalhos à eleição da nova Comissão Concelhia de Cascais do PCP.

O documento aprovado, dando particular importância ao trabalho

de organização do Partido naquele concelho e tendo em particular atenção os casos específicos que ali se verificam nos diferentes sectores de trabalho (construção civil, indústria eléctrica, indústria hoteleira e outras) não deixa de chamar a atenção para a batalha eleitoral que se vai desenrolar, frisando que «a grande tarefa do momento são as eleições, para as quais os nossos esforços, a nossa atenção, se devem virar, a fim de se conseguir um resultado eleitoral que permita uma maioria de esquerda para a consolidação da democracia».

A Assembleia agora realizada, como refere o documento aprovado, teve em vista superar as deficiências para que «a organização seja coesa e capaz de responder com prontidão e eficácia aos problemas que diariamente se nos põem».

# ÁLVARO CUNHAL NO COMÍCIO DE PORTIMÃO

## No grande comício do nosso Partido realizado em Portimão, a classe operária, os camponeses e as massas trabalhadoras do Algarve reafirmaram a sua confiança revolucionária no PCP

Milhares de pessoas participaram com entusiasmo e vibração no passado domingo, no Largo 1.º de Maio (frente aos Paços do Concelho), em Portimão, num grandioso comício em que falaram os camaradas Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Partido, José Vitoriano, membro da Comissão Política do Comité Central, candidatos comunistas pelo círculo do Algarve e jovens militantes da UEC e da UJC.

A propósito deste acontecimento, que constituiu uma significativa jornada de mobilização popular, o Gabinete de Imprensa da Comissão Distrital do PCP divulgou uma nota em que se salienta:

"Este comício tem lugar numa altura em que, no Algarve, os problemas económicos e sociais são graves. O desemprego atinge alguns dos principais sectores da actividade económica do Distrito. Na construção civil, na indústria hoteleira e noutros sectores, conta-se, oficialmente, por 11000 o número de desempregados, dos quais só 2000 recebem subsídios de desemprego. Junte-se aos desempregados os 10000 retornados que vivem actualmente no Distrito. E ainda a continuação dos despedimentos colectivos e a falência de empresas importantes perante a passividade e a inoperância dos gabinetes e das autoridades. Em vários outros sectores, para além das pescas e da indústria conserveira existe e aumenta o subemprego. Nestes e noutros sectores é cada vez mais nítida a investida do patronato reaccionário. Permite-se já fazer despedimentos sem justa causa e ameaçar os trabalhadores. Actuam no sentido da recuperação capitalista nas empresas com intervenção do Estado ou sob a gestão dos trabalhadores, tentam fazer pagar às classes mais desfavorecidas a crise que, na maioria dos casos, eles próprios provocaram."

### A BATALHA ELEITORAL

Perante as calorosas aclamações do povo trabalhador que inundou o Largo 1.º de Maio, trazendo consigo muitos simpatizantes do Partido, homens e mulheres que vêm no PCP a força da liberdade e do futuro, o camarada José Vitoriano, afirmou: "A batalha eleitoral que vamos travar vai ser uma grande batalha política pela defesa da democracia e das liberdades, pela defesa de todas as conquistas que o processo iniciado em 25 de Abril, com o derrubamento da ditadura fascista pelo glorioso movimento dos capitães, nos permitiu realizar."

"Para além da perda das liberdades e outras conquistas, que atingiria todos os democratas e todo o povo português se uma tal situação viesse a criar-se, os trabalhadores veriam fortemente intensificada a exploração capitalista, diminuídos os seus salários reais e sobre si se abateria o maior peso da repressão, em resposta às suas justas lutas."

### "A REACÇÃO NÃO PASSARÁ"

Depois de traçar uma breve perspectiva das vitórias alcançadas pelos trabalhadores e

permitir que o PPD, o CDS, o PDC, o PPM, o MRPP, a AOC tenham a possibilidade de lhes arrebataram o que tantos sacrifícios e ao longo de tantos anos lhes custou a conquistar. A reacção não passará!

### PCP: O PARTIDO DA CLASSE OPERÁRIA E DO POVO TRABALHADOR

"Os trabalhadores — friso o camarada Vitoriano — sabem que o Partido Comunista é o seu partido, é o partido dos explorados,

anticomunistas, incluindo certos elementos reaccionários no seio dos trabalhadores, preteriram lançar sobre os comunistas as culpas na escolha das formas de luta que a serem postas em prática prejudicariam gravemente os doentes. Era o caso da greve total, que levava ao abandono dos doentes, reconhecida pelos sindicatos dos enfermeiros que são dirigidos no Norte, no Centro e no Sul por elementos do CDS, PPD, PS e MRPP. Sabendo nós que o ministro dos Assuntos Sociais, de quem dependia a resolução dos problemas, também é do PPD compreenderemos melhor o alcance da manobra. E foram os comunistas, dentro dos hospitais e não só, que se bateram para que tal forma de luta não fosse utilizada."

E mais adiante: "Como prova existem os documentos que as células do Partido nos hospitais publicaram na altura. Pois mesmo assim os reaccionários e outros anticomunistas, servindo-se da sua imprensa e outros órgãos de informação, preteriram fazer uma jogada anticomunista na base dum calunias. Mas a manobra não pegou e os anticomunistas ficaram decepcionados com o falhanço."

### A REACÇÃO E O TERRORISMO

Numa referência à actual situação política, o camarada José Vitoriano disse que "a reacção tem medo das eleições e procura por todos os meios criar um clima político e social que impeça a sua realização". "Ao mesmo tempo que desenvolve uma acção terrorista pela via das suas organizações ilegais, ELP e MDLP, a reacção vira as suas atenções para o terreno laboral, procurando fomentar situações de instabilidade no terreno e no momento que mais lhe convém. Mas os trabalhadores já perceberam isso e não consentem em ser manobrados. Eles sabem quem são os seus amigos e os seus inimigos. Os trabalhadores mostram ainda não há muitos dias a sua capacidade de distinguir os seus amigos de quem procuram servir-se dos seus justos anseios para manobras reaccionárias."

Já no final da sua intervenção, e quando a assistência aclamava vibrantemente o PCP, o grande partido da esquerda, o camarada Vitoriano sublinhou a importância decisiva da campanha eleitoral como uma jornada de agitação e propaganda revolucionária, uma "batalha política que vamos travar para alargar, fortalecer e consolidar as organizações unitárias dos trabalhadores, como a organização sindical e as Comissões de Trabalhadores".



Junto ao Centro do PCP em S. Bartolomeu de Messines

"Nesta batalha, a unidade da classe operária e de todos os trabalhadores é fundamental para a vitória. Em relação a aqueles que porventura ainda não deram conta do muito que conseguiram com o 25 de Abril é necessário despertá-los e ganhá-los para a acção comum. Também aqui a batalha eleitoral poderá e deverá ter um papel importante."

Detendo-se em particular no perigo que representa uma maioria de deputados da reacção na futura Assembleia da República, declarou:

"Com efeito, de todas as camadas da população, são os trabalhadores, particularmente aqueles que vendem a sua força de trabalho a troco dum salário ou de qualquer outra forma de remuneração, os que se encontram mais fortemente ameaçados pelos reaccionários, pois seriam os que mais pesadas consequências sofreriam se tal viesse a acontecer, resultante de uma maioria dos partidos da direita na futura Assembleia da República."

pelo povo em geral, através das lutas travadas na sequência do processo democrático, o camarada José Vitoriano sublinhou:

"E, se é certo que parte destas conquistas foram anuladas no fim do ano passado pelo congelamento dos salários e pelo aumento dos preços levado a cabo pelo VI Governo, política de que são responsáveis os partidos que aí têm a hegemonia — PPD e PS — uma eventual vitória dos partidos da direita, dos partidos reaccionários nas próximas eleições, levaria inevitavelmente a uma muito maior ofensiva do capital contra as conquistas dos trabalhadores. Estas ficariam seriamente ameaçadas. Seriam novos avanços da reacção na recuperação capitalista, contra o controlo operário, contra a reforma agrária, contra as nacionalizações, contra a liberdade sindical e as outras liberdades democráticas."

"Mas estamos certos que os trabalhadores, que constituem a maioria da população, não vão permitir uma tal situação, não vão permitir uma vitória dos partidos reaccionários, não vão

o único que luta consequentemente por uma maioria de esquerda nas próximas eleições, para um governo de esquerda, para uma política de esquerda que defenda os seus interesses e de todas as camadas mais desfavorecidas da população, que se oponha à política de recuperação capitalista, ao avanço das forças de direita e da reacção. E os trabalhadores sabem que um tal governo e uma tal política só são possíveis com o Partido Comunista."

Referindo-se, em seguida, à prática do anticomunismo, ama referência das hostes reaccionárias no seu desenfadado ódio ao progresso social e ao socialismo, o camarada José Vitoriano abordou um dos acontecimentos que ainda recentemente congregou as atenções de muita gente — a greve dos enfermeiros:

"Muitas vezes a reacção faz o mal e a caramunha, como ainda há dias aconteceu com a greve dos enfermeiros."

"Servindo-se de justas reivindicações dos enfermeiros, os partidos de direita e outros

E para terminar, declarou: "Uma grande votação no Partido Comunista será uma das melhores garantias da vitória. "A única forma de evitar um governo de direita, a única alternativa democrática, a única alternativa de esquerda, é uma maioria com o PCP e um governo com o PCP."

### UNIDADE POPULAR NA DEFESA DAS CONQUISTAS REVOLUCIONÁRIAS

No prosseguimento das intervenções, falou o camarada Carlos Barnabé, candidato do Partido pelo distrito de Faro. Numa breve análise política, este representante do povo trabalhador algarvio, salientou a dado passo: "Que têm feito os que se dizem defensores do povo, desde que se instalaram no Governo? Têm pura e simplesmente aniquilado algumas das conquistas que alcançamos com o 25 de Abril!"

Ao assinalar a importância primordial da unidade popular na luta contra as forças da burguesia reaccionária e do imperialismo, o candidato comunista friso: "Temos que estar conscientes para saber distinguir, pelas suas acções, quem são os verdadeiros amigos do povo, quem são, de facto, as forças e os partidos que estão interessados na construção da democracia e do socialismo em Portugal, para que todos tenham direito ao trabalho, a condições de vida mais justas, para que se acabe a exploração do homem pelo homem."

"Só uma verdadeira força de esquerda dará ao nosso povo aquilo a que tem direito!"

Nelson de Freitas, representando a juventude comunista do Algarve, abordou um dos temas mais importantes no contexto da organização juvenil contra a reacção: a unidade dos militantes da UEC e da UJC com todos os jovens que sintam a necessidade de defender o processo democrático e todas as conquistas dele provenientes. "Mais do que nunca, e face ao avanço das forças reaccionárias, é necessário que os jovens se unam nos seus locais de trabalho, nas escolas, nos centros de convívio ou nas organizações de expressão popular e unitária para defenderem a Revolução. Porque o que nos une é mais forte do que o que nos divide", declarou o jovem militante comunista.

"O que nos une — continuou — é o amor pela liberdade, pelas grandes conquistas populares: pela Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo operário e a construção de uma sociedade socialista, a sociedade mais justa."

A par de uma crítica a todas as manifestações de sectarismo, o camarada Nelson de Freitas, afirmou: "Nós, jovens comunistas, sempre estivemos e estamos abertos ao diálogo com outros jovens, nomeadamente com os jovens socialistas."

"Não se pode ser revolucionário estando contra os trabalhadores e contra o seu Partido, o Partido Comunista Português. Nós, comunistas, apelamos para os

jovens socialistas no sentido de eles exigirem da direcção do PS uma clara definição de unidade à esquerda, não procurando alianças com a direita."

Pela Comissão Concelhia do PCP, de Portimão, falou o camarada Cesário Martins, que baseou a sua alocação nos problemas do trabalho e da actividade sindical.

"Os trabalhadores da Indústria Hoteleira do Algarve, sobretudo os das empresas com intervenção estatal, vêm hoje com grande preocupação a política de recuperação capitalista, seguida pelo Ministério do Comércio Externo e Turismo", afirmou o camarada da Concelhia de Portimão, que mais adiante salientou: "Por um lado, não se cumpre nessas empresas o CCT, em virtude (diz-se) da situação deficitária em que se encontram, mas por outro lado, concedem-se subsídios estatais no valor de milhares de contos a empresas privadas, subsídios esses cuja aplicação se desconhece e está fora do controlo da organização dos trabalhadores."

Antes de ser passada a palavra ao camarada Álvaro Cunhal, que foi vibrantemente aplaudido pela gigantesca massa humana presente no Largo 1.º de Maio, César Martins formulou um significativo apelo à vigilância e à unidade das classes trabalhadoras contra as forças da reacção e do imperialismo, na defesa da democracia, rumo ao socialismo.

Encerrar o comício falou o camarada Álvaro Cunhal, cuja intervenção publicamos nesta página.



Também à passagem por Silves o camarada Álvaro Cunhal foi saudado

# COMÍCIO EM ALCÁCER DO SAL

No passado sábado, o camarada Álvaro Cunhal participou num comício em Alcácer do Sal ao qual assistiram milhares de trabalhadores da região. O secretário-geral do PCP pronunciou, de improviso, um discurso do qual destacamos os seguintes passos:

● As mentiras, as calúnias, as invenções são tantas que, se aqui começássemos a contá-las, certamente não chegaria a tarde nem à noite para contar tudo aquilo que se tem inventado contra a Reforma Agrária, para procurar levantar a desconfiança contra os trabalhadores que, nas cooperativas e nas unidades colectivas, com o seu trabalho esforçado, com o seu trabalho criador, estão transformando terras outrora abandonadas, onde havia miséria e desemprego, em unidades florentíssimas, que produzem para o bem do povo trabalhador e para a economia nacional. Todas as mentiras, todas as calúnias, são inventadas contra a Reforma Agrária.

Aqui estão trabalhadores que conhecem bem o caso da cooperativa de Casebros. Esses trabalhadores não nos deixariam mentir. Digam os camaradas se digo bem ou mal, se repito bem ou mal a informação que me deram: que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1974, de 120 hectares e que hoje passa de 500 hectares. São 570 hectares que estão cultivados nesta cooperativa, mais de 4 vezes a superfície dos tempos em que estas terras eram cultivadas pelos agrários. Os trabalhadores, com a sua cooperativa, alargaram a área cultivada e hoje podem produzir 3 ou 4 vezes mais do que se produzia anteriormente. Em 1974, nas terras hoje ocupadas, por esta cooperativa, havia 400 ovelhas e agora há mais de 1000. E os camaradas que dizem que a cultura da Primavera nas terras onde hoje está essa cooperativa foi, em 1

# A REACÇÃO TEM MEDO DA VONTADE POPULAR

«A reacção sabe que, se as eleições se desenrolassem em condições de tranquilidade pública, de ordem democrática e de liberdade e igualdade, os partidos da direita reaccionária sofreriam estrondosa derrota» — salientou Álvaro Cunhal em Portimão



A intervenção do camarada Álvaro Cunhal no comício de Portimão começou com uma calorosa saudação aos trabalhadores e ao povo do Algarve, província de grandes tradições de luta operária e democrática.

Depois de realçar que o PCP continua firmemente disposto a unir as suas forças às forças de todos os que queiram lealmente cooperar com os comunistas na defesa e realização dos objectivos comuns essenciais, o camarada Álvaro Cunhal abordou a actual situação política, afirmando nomeadamente:

A situação que vivemos é difícil e perigosa. A reacção conquistou posições e pôs na ordem do dia a reconquista do poder económico e político. O grande capital e os grandes agrários, directamente ou por intermédio dos partidos que os representam põem em causa todas as conquistas da revolução e a primeira conquista que põem em causa são as liberdades democráticas.

O ódio dos partidos reaccionários à democracia e o seu propósito de liquidá-la revela-se também na sua oposição à consecução dos seus propósitos locais.

Pela maneira como procedem mostram bem o futuro que reservariam a Portugal se algum dia voltarem a mandar.

Nas regiões onde instalaram um poder local reaccionário, o CDS e o PPD liquidam as liberdades, impedem a actividade do PCP e de outras organizações progressistas e procuram mesmo negar aos trabalhadores o direito de se organizarem em seus sindicatos.

Quando há três dias em Braga os fascistas impediram uma sessão de esclarecimento sobre contratação colectiva feita por dirigentes do sindicato da construção civil, e ameaçaram incendiar o sindicato, mostram bem pelo que fazem localmente o seu propósito de liquidar as liberdades e os direitos dos cidadãos incluindo o próprio direito de organização sindical dos trabalhadores.

O ódio dos partidos reaccionários à democracia e ao seu propósito de liquidá-la revela-se também na sua oposição à Constituição que acaba de ser aprovada pela Assembleia Constituinte.

Não estando ainda em vigor a Constituição já os partidos reaccionários estão a contestá-la, procurando que a Constituição possa ser revista pela Assembleia da República, ou seja a Assembleia legislativa que há-de sair das próximas eleições. Porque eles estão concludos que, com a situação antidemocrática que existe na Madeira, nos Açores e em vários distritos, poderão fazer, como nos tempos do fascismo, grandes chapelas eleitorais, dando depois o resultado que lhes seja favorável. E então já pretendem, com esse resultado que supõem ir ter (mas estejam sossegados que não vão, porque ao nosso povo não o permitirão) que esta Constituição que ainda mal está escalada seja alterada pela nova Assembleia legislativa. E para quê? Como esta Constituição, no fundamental, consagra algumas das grandes conquistas da revolução — as liberdades, a Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo operário — pretendem amanhã, se conseguissem uma maioria nesta Assembleia legislativa, ir riscar da Constituição a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário. Mas não os deixaremos fazer.

O ódio dos partidos reaccionários à democracia e o seu propósito de liquidá-la revela-se também no esforço para provocar e agudizar desordens, conflitos, tensões, paralisações de sectores essenciais, de forma a não permitir a consolidação do regime democrático e mesmo eventualmente a facilitar que um golpe de força impedisse a realização de eleições.

Aqui já foi referido há pouco pelo camarada José Vitoriano que a reacção não convém a estabilidade da situação. São na verdade o PPD, o CDS, o PPM e o PDC, os partidos da reacção e da direita, que procuram provocar a confusão e a desordem. Porque é que nós vemos precisamente os ministros do PPD, o ministro dos Assuntos Sociais com a greve dos enfermeiros, e Magalhães Mota, que é do Comércio Interno, também a criar complicações? Não se percebe à primeira vista porque. Porque é que suspende duma assentada 100 funcionários do seu ministério? O que é que ela procura? É paralisar os serviços. É caso para perguntar se os funcionários do seu ministério vão permitir que sejam duma assentada suspensos sem razão nenhuma. Os ministros do PPD, e o PPD duma maneira geral, o CDS e as forças reaccionárias, procuram criar a instabilidade, procuram criar um clima de incerteza e de insegurança, até de desordem, servem-se dos grupos pseudo-revolucionários que são agentes e pagos pela reacção (é o caso da AOC, do MRPP, do PC de P (m-l), grupos reaccionários ao serviço efectivamente do PPD, do CDS, do MDLP), servem-se de todos esses grupos para provocarem a desordem, e depois dizem às Forças Armadas que é necessário perseguir os comunistas porque os comunistas têm armas, porque os comunistas estão a preparar um golpe, porque os comunistas, enfim, querem criar a desordem. Nós somos acusados precisamente daquilo que eles fazem.

Nós pensamos que os atentados e as ameaças contra as liberdades que se estão a desenvolver a vários níveis são atentados e ameaças contra as outras conquistas da revolução.

Há as liberdades, mas não são a única grande conquista. Também são grandes conquistas a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário. E no nosso ver, os atentados e as ameaças contra as liberdades são precisamente acompanhados pelos atentados contra a Reforma Agrária, contra as nacionalizações e contra o controlo operário.

## A SITUAÇÃO ECONÓMICA

Os problemas económicos, a pressão imperialista e as posições dos partidos de direita foram igualmente referidos pelo secretário-geral do PCP.

Alguns partidos dizem estar muito preocupados com a situação económica dos portugueses. De que portugueses? Dos desempregados na construção civil e na indústria hoteleira do Algarve? Dos operários e operárias da indústria de conservas que não tem trabalho bastante nem salário bastante? Dos trabalhadores rurais algarvios que ganham menos que o mínimo nacional? Dos trabalhadores portugueses? Não. Os portugueses cuja situação económica preocupa o CDS, o PPD e outros seus comparsas, não são os operários, os trabalhadores, os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais. O que os preocupa é a situação dos grandes capitalistas e dos grandes agrários, que durante cinquenta anos tiveram o poder económico e político em Portugal, que exploraram miseravelmente os trabalhadores, com o apoio dos governos de Salazar e Caetano, da PIDE, das forças repressivas, que arruinaram centenas de milhares de pequenos produtores agrícolas, de pequenos comerciantes e industriais.

O CDS, o PPD, o PDC, o PPM são os representantes do grande capital, dos grandes agrários, e a sua preocupação é a situação económica não dos trabalhadores, mas dos Mellos da CUF, dos Champalimad, dos Espiritos Santos e doutros que tais que esses partidos procuram que voltem a ser os grandes senhores, os grandes patrões de Portugal.

Quem são os homens que os partidos da reacção querem pôr à frente dos destinos do país?

Lembra-se o povo do Algarve do caso da Financiadora, que em 1966 deu grande brado porque se tratava duma burla de mais de 42 000 contos (42 000 contos correspondem agora a muito mais de 200 000 contos)? Entre os 14 incriminados encontrava-se um tal Carlos de Oliveira Macieira, que acabou por ser condenado a três anos e meio de prisão maior.

O que aqui pergunto é se este Carlos de Oliveira Macieira tem alguma coisa a ver com o Carlos de Oliveira Macieira, que é membro do PPD e actualmente presidente da Câmara Municipal de Albufeira. Se se trata do mesmo senhor, pois parece que à frente das Câmaras Municipais não

deviam estar pessoas que praticaram burlas e por elas foram condenadas.

O que o PPD, CDS, o PPM, o PDC querem é que voltem os tempos das burlas, das fraudes, do regabofe financeiro dos senhores das grandes companhias, para os quais os interesses da economia nacional se confundem com o recheio das próprias carteiras.

Mas os interesses nacionais não se podem confundir com os interesses dos grandes capitalistas. Os interesses nacionais identificam-se, sim, com os interesses dos trabalhadores, identificam-se com os interesses daqueles que produzem a riqueza nacional, das mãos dos quais sai tudo quanto se come, quanto se veste. Tudo é produzido pelas mãos dos trabalhadores.

E porque eles querem restituir o poder económico e o poder político a esses senhores, que querem que volte a Portugal uma exploração desenfreada, sem que os trabalhadores possam protestar, sem que se possam organizar.

E é por isso que esses partidos fazem guerra à Intersindical e aos sindicatos porque querem liquidar a organização operária e a resistência operária à exploração capitalista, porque querem que o patronato reaccionário possa impor livremente a exploração mais desenfreada.

E é por isso também que esses partidos do grande capital, assim como a CIA, organizam, financiam e se servem de grupelhos de provocadores como o MRPP, a AOC e o PC de P (m-l) cuja missão é tentar confundir, desorientar, desorganizar e dividir os trabalhadores.

Os partidos da reacção são os inimigos jurados de todos os trabalhadores, sejam operários, sejam camponeses, sejam pequenos produtores, sejam pequenos comerciantes.

Eles querem liquidar as liberdades e instaurar uma nova ditadura para condenarem os trabalhadores à mais feroz exploração, para conduzirem à ruína completa os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais e para que os grandes monopolistas e os grandes agrários voltem a ser os senhores absolutos de Portugal.

Mas o povo dá-lhes a resposta e não consentirá que a reacção leve por diante este seu sinistro plano.

## POR UMA POLÍTICA DE INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Abordando as questões da política externa portuguesa e muito especialmente os aspectos relacionados com os créditos estrangeiros disse Álvaro Cunhal:

O PCP intitula-se legitimamente o partido da liberdade e da democracia, o partido dos trabalhadores, o partido da reforma agrária e dos pequenos e médios agricultores, o partido duma nova economia rumo ao socialismo, o partido da democratização da instrução e da cultura.

E apresenta-se também legitimamente como o partido da independência nacional.

Nenhum outro partido se bateu, se bate e dá garantias de bater-se sempre pelos interesses nacionais, que se identificam com os interesses do povo trabalhador.

O PCP não anda a mando de ninguém. Não é o PCP que organiza reuniões de chefes de governo estrangeiros para virem a Portugal dizer o que devem fazer e em quem devem votar os portugueses. Não é o PCP que controla em nome de Portugal empréstimos que hipotecam o futuro do país. O PCP luta e lutará sempre pela independência de Portugal, por uma política nacional independente, interna e externa.

Uma política de independência nacional significa em primeiro lugar a defesa da soberania e da integridade territorial do nosso País.

E bom que todos os portugueses saibam que o imperialismo estrangeiro, e particularmente o imperialismo norte-americano, fomentam movimentos clandestinos separatistas nos Arquipélagos dos Açores e da Madeira. A suposta independência que as forças reaccionárias dos Arquipélagos apregoam seria a efectiva submissão ao imperialismo estrangeiro, particularmente aos Estados Unidos.

Tem de considerar-se como uma verdadeira política de traição nacional a política que alguns partidos, como o CDS e o PPD adoptaram em relação aos Açores e Madeira, onde, de braço dado com o imperialismo, para defenderem os privilégios das classes parasitárias, pretendem objectivamente, com a separação dos Açores e Madeira, a desintegração do território nacional.

O PCP defende um estatuto de autonomia e de ampla iniciativa aos Açores e Madeira. Mas pronuncia-se contra o separatismo que é reaccionário e antinacional. O PCP luta e lutará sempre pela integridade do território nacional, pela soberania portuguesa, contra os planos de subjugação da pátria portuguesa pelo imperialismo.

Uma política de independência nacional significa em segundo lugar uma política económica inspirada pela defesa dos interesses de Portugal e do povo português e conduzindo à libertação dos recursos nacionais e dos sectores básicos da economia do domínio do capital estrangeiro.

A este respeito, o que tem sido a política económica do PPD-PS no VI Governo?

Eu não gostaria, com toda a franqueza, de referir aqui duma maneira crítica o PS. Porque nós gostaríamos até que o PS se unisse à esquerda. Mas se nós falamos da política económica actual, como é que podemos falar dela se não falamos do PS, quando a maior parte dos ministros hoje responsáveis pela economia nacional são do PS? É impossível. Isto é para dizer que temos de referir qual é a política económica do PPD e do PS. São eles que têm os departamentos da economia no governo.

Chamamos a atenção para o buraco monstruoso que essa política está a criar nos próprios fundamentos da economia nacional. Tem sido uma política de esgotamento e de esgotamento dos recursos. O povo português tem o direito de exigir que, precisamente agora, antes das eleições, os partidos que dirigem a economia nacional digam o que fizeram das reservas de ouro, digam o que já empenharam para garantir empréstimos externos, que aliás foram contraídos para atender a despesas correntes, digam quais as condições que o imperialismo pôs e que foram aceites.

O ministro das Finanças foi aos Estados Unidos e, ao voltar no dia 21, anunciou triunfalmente a obtenção de uma série de empréstimos concedidos por bancos americanos. Empréstimos para quê? Para investimentos? Para desenvolvimento económico? Para dar subsídios às fábricas para começarem a trabalhar com maior laboração?

Não, esses empréstimos foram contraídos para pagar arroz, milho, trigo e até sebo.

Óra é preciso notar-se que os empréstimos estrangeiros, em princípio, devem ser contraídos apenas com fins de investimentos mas não para pagar as despesas correntes, as despesas da alimentação. Essas devem ser pagas com os recursos normais do país. Se nós já não temos dinheiro para pagar pão, milho, trigo, então o que é que vai ser deste país? Então vão-se todas as reservas.

Nós opomo-nos com firmeza a qualquer ingerência, a qualquer intervenção estrangeira nos negócios internos, a pressões e ingerências políticas ou formas de pressão e de ingerência económica que visam da mesma forma submeter os interesses do nosso País a interesses estrangeiros.

Uma política de independência nacional significa, em terceiro lugar, a política externa de paz e amizade com todos os povos, libertando definitivamente Portugal do enfeudamento aos Estados Unidos e à Europa Ocidental e desenvolvendo, a par das relações com os países capitalistas, que nós entendemos que devem continuar a desenvolver-se, amplas relações com os países socialistas e com os países que se libertaram do colonialismo português.



O camarada Álvaro Cunhal referiu depois a visita efectuada a Moçambique e Angola pela delegação do PCP, apontando alguns aspectos concretos relacionados com a política portuguesa em relação a aqueles novos países que se encontram prioritariamente referidos nas reportagens que publicamos neste número sobre o assunto.

## POR ELEIÇÕES DIGNAS DESSE NOME

Relativamente ao próximo período eleitoral, o camarada Álvaro Cunhal, após afirmar que a reacção tem medo da vontade popular, proseguiu:

A reacção sabe que, se as eleições se desenrolassem em condições de tranquilidade pública, de ordem democrática e de liberdade e igualdade, os partidos da direita reaccionária sofreriam estrondosa derrota.

A reacção poderá obter muitos votos, enganando e coagindo os eleitores ou fabricando resultados. Com liberdade, com igualdade, com seriedade, o povo recusará os seus votos à reacção e dará os seus votos aos partidos que mostrem ser verdadeiramente dedicados à causa da democracia.

E por isso que os partidos da direita reaccionária, o CDS, o PPD, o PPM, o PDC, com complicações mais ou menos declaradas noutros partidos, estão criando condições antidemocráticas em grande parte do território e introduzindo no processo eleitoral toda a espécie de situações e métodos de abuso, de arbítrio, de desigualdade e de provocação que prejudicarão gravemente o carácter livre e democrático das eleições, pelo menos em grande parte do território.

Há cerca de cinquenta Centros de Trabalho que foram assaltados, pilhados e incendiados e há zonas onde, na verdade, teremos dificuldade em reconstruí-los se não forem tomadas medidas para obrigar os fascistas que lá estão, os poderes locais reaccionários, a respeitar as liberdades e os direitos dos cidadãos. Por isso nós exigimos que agora, antes das eleições, sejam tomadas medidas para assegurar em todo o território nacional o exercício das liberdades, os direitos dos cidadãos e, portanto, que todos os partidos possam exercer livremente as suas actividades. Isso é uma condição para que possamos considerar em todo o território as eleições como eleições livres e democráticas. Além do mais, nós sabemos o clima que se procura criar à volta das eleições. Não é só o impedir que se realizem em muitas localidades sessões de esclarecimento. É toda uma campanha de calúnias, de boatos, provocações, com vistas a criar dificuldades ao processo eleitoral. Os camaradas certamente já ouviram falar no caso dos 30 mil cubanos. Pois gritam para ai que há 30 mil cubanos que parecem ter vindo fazer a guerrilha para Portugal. Eu não sei, mas parece que há um grupo teatral cubano que vai a Portalegre, talvez sejam esses. Cubanos, outros cubanos, não consta que estejam cá. Fala-se, a sério, dos grandes caixotes com armas que estão a vir não se sabe donde. Devem ser os tractores que vêm da Bulgária para as cooperativas do Alentejo, devem ser certamente esses. Mas o que é certo, camaradas, é que à volta destas provocações e destes boatos e destas campanhas, se fazem depois buscas a casas de militantes comunistas e circulam depois indicações para as autoridades dizendo que procurem, a ver se por acaso não há partido cubano escondido. E andam à procura de armas onde não as encontram, porque elas nunca lá estiveram, nunca estiveram na casa de comunistas e militantes sindicais, mas não as vão procurar a casa dos agrários, a casa dos reaccionários onde encontrariam armas escondidas.

Também dentro destas mesmas manobras temos que considerar as facilidades que são dadas a um grupo provocatório, legalmente considerado um partido, que consegue ir contra a lei, pois vai contra a decisão anteriormente tomada e vai conseguir utilizar o mesmo símbolo do nosso Partido que é a foice e o martelo. E foi autorizado quando tinha sido proibido, e quando desobedeceu à ordem do Supremo Tribunal de Justiça para alterar o símbolo. Permitir que grupelhos sem qualquer significado se legalizem como partidos, usando para a inscrição legal assinaturas do CDS, PPD e PS, visa confundir a opinião, baralhar as cartas, dar tempo de antena a uma série de grupelhos para fazerem propaganda provocatória contra o PCP.

Permitir que alguns dos tais grupelhos utilizem a sigla PCP e o símbolo foice e martelo, nos boletins eleitorais é querer provocar a confusão no eleitorado, erros nas votações, provocações em série contra o PCP.

Temos a convicção de que, se aparecessem novos partidos usando a sigla PS e PPD e os símbolos do punho fechado e da seta, desses partidos logo eles diriam que essa confusão é incompatível com as regras democráticas e com a realização de eleições livres.

Relatando-se depois a política de alianças das forças democráticas e nomeadamente ao PS, afirmou o camarada Álvaro Cunhal:

Creio que também os socialistas, os militantes socialistas, os eleitores socialistas, têm todo o direito de perguntar aos dirigentes do Partido Socialista com quem é que eles vão amanhã aliar-se, depois das eleições, porque ao meterem o seu voto podem estar a pensar que votam no Partido Socialista para uma aliança da esquerda e depois das eleições o Partido Socialista aliar-se com a direita, com o CDS e com o PPD. O que nós pedimos é muita clareza. Que o Partido Socialista diga: nós, depois das eleições vamos aliar-nos com o PPD, com o CDS contra o Partido Comunista. Pois que o digam, mas que o digam francamente que é para o nosso povo saber com que contamos todos. Mas isso não o dizem. Ou então que digam: nós pensamos numa aliança da esquerda, mas isso tem que definir agora. Não é depois, é agora. Que os dirigentes socialistas esclareçam para que os eleitores melhor saibam em quem devem votar.

Nós temos afirmado que o voto certo, o voto seguro é no Partido Comunista. E, pelos vistos, está a ver-se que sim. Ou melhor: um voto no PPD ou no CDS também já se sabe para o que é. Aquilo é para a reacção, é para a direita. Mas para o voto de esquerda, para a defesa dos trabalhadores, para a defesa da Reforma Agrária, para a defesa das nacionalizações, para a defesa dos interesses das massas trabalhadoras do nosso País, o voto certo é no Partido Comunista. Sabe-se que o Partido Comunista quer uma política de esquerda, sabe-se o que quer o Partido Comunista, sabe-se com quem o Partido Comunista está disposto a aliar-se: é com todos aqueles sem excepção que queiram aliar-se conosco, lealmente, para lutar pelas liberdades, para defender a Revolução. Nós esquecemos ataques, esquecemos calúnias e estamos dispostos a lutar ombro com ombro, braço com braço, com todos aqueles que queiram lutar com os comunistas para defendermos as liberdades e os direitos do povo trabalhador. A nossa política é clara.

Este esclarecimento é tanto mais necessário quanto nos últimos dias ouvimos algumas afirmações de partidos reaccionários que podem causar preocupação. Uma, foi do dr. Sá Carneiro, o secretário-geral do PPD que, numa viagem a países da Europa onde se encontrou com conhecidos sectores reaccionários, afirmou que depois das eleições iria tentar uma coligação com o PS. A seguir, um dia depois, o dr. Freitas do Amaral, dirigente do CDS, declarou, no dia 22, que também estava interessado numa aliança com o PS e o PPD. Portanto, quando o sr. Sá Carneiro e o sr. Freitas do Amaral já estão a dizer publicamente que querem uma aliança com o PS, era bom que o PS esclarecesse definitivamente esta questão, para que não houvesse depois confusões e não houvesse milhares e milhares de pessoas que se sentissem enganadas por terem votado PS e no fim de contas estarem a votar para o CDS e o PPD.

Aqui já foi afirmado e é verdade, camaradas: a única maioria de esquerda possível na futura Assembleia será uma maioria com o Partido Comunista e o único governo possível de esquerda no nosso País é um governo com o Partido Comunista.

Por isso uma votação maclista no PCP é a melhor garantia da defesa das liberdades e das outras conquistas da revolução, da construção dum Portugal democrático, rumo ao socialismo.

Apesar das condições antidemocráticas, estamos plenamente convencidos de que o povo português confirmará um voto maclista e a confiança no PCP como o mais intrépido, consequente, firme e dedicado lutador contra o fascismo, pelos interesses dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia, pela defesa da reforma agrária, das nacionalizações e do controlo operário, pela construção de um Portugal democrático rumo ao Socialismo!

A reacção não passará, porque o povo não a deixará passar!

Nas próximas eleições, uma grande votação no PCP assegurará a defesa dos trabalhadores e da democracia!

## 2 Novos Discos

**PORTUGAL AQUI E AGORA**

Na voz de poetas e cantores que estão com a revolução

FERNANDO TORDO - CARLOS MENDES

**DE PÉ NA REVOLUÇÃO**

**DIA DE HAVER REVOLUÇÃO**

**Maldita carestia**

**O regresso dos patrões**

Músicas de: Fernando Tordo

Letras de: Ary dos Santos, Joaquim Pessoa

Interpretações de: Fernando Tordo, Carlos Mendes

Distribuição: CDE - Central Distribuidora Lxviana R. Santos Dumont, 57-4 - Lisboa 1

**Edições SEARA NOVA**

MARCOS DOMIC

## A TÉCNICA DO GOLPE DE ESTADO CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

O autor, lutador revolucionário boliviano, grande amigo do povo português e estudioso atento da nossa Revolução, entendeu que este seu trabalho poderia ser-nos útil e manifestou o desejo que fosse inicialmente divulgado na nossa língua. Muito temos a agradecer-lhe... e a aprender com ele.

COLEÇÃO ARGUMENTOS  
Preço: 40\$00

# MILHARES DE JOVENS PARTICIPARAM NOS FESTIVAIS PROMOVIDOS PELA UEC E UJC

## A UJC e a UEC promoveram, no passado domingo, no estádio 1.º de Maio, em Lisboa, uma grandiosa jornada popular que reuniu milhares de jovens. No Porto, em Évora, Aveiro, Castelo Branco, Portimão e Viana do Castelo, realizaram-se idênticas iniciativas de carácter unitário

As comemorações do 28 de Março — data histórica da luta juvenil contra o fascismo e o imperialismo — foram entusiasticamente assinaladas em todo o país, através das iniciativas culturais e desportivas promovidas em Lisboa, no Estádio 1.º de Maio, no Porto, no Palácio de Cristal, e ainda em Évora, Aveiro, Portimão, Castelo Branco e Viana do Castelo, pelas organizações juvenis do nosso Partido e da União dos Estudantes Comunistas.

### TARDE DE CONVÍVIO

A enquadrar esta manhã desportiva, que no seu conjunto aglomerou quase 2000 jovens, registaram-se a actuação de bandas musicais, o lançamento de foguetes, a venda de rifas (cujo sortido será efectuado brevemente) para uma viagem de duas semanas, no mês de Setembro, à URSS, de material de propaganda do nosso Partido, de muitas publicações da Editorial "Avante!", que montou no local uma grande banca com os últimos lançamentos e numerosas barracas com "comes-e-bebes", que, diga-se desde já, foram muito concorridas...

Por todo o parque a actividade e a agitação eram intensas: a prática salutar, sem alienação, do desporto, o convívio da amizade, a sa camaradagem, dominar por completo o programa previsto até às 13 horas, altura em que os jovens atletas, militantes, simpatisantes e todos os que acorreram ao parque 1.º de Maio dispersaram pelo extenso recinto

em pequenos grupos para o piquenique, que já vinha a calhar... A tarde de convívio, composta na sua generalidade por manifestações de carácter cultural, iniciou-se pelas 14 e 30 com a actuação de vários ranchos folclóricos, de Torres Novas, Viana do Castelo e das Arroelhas.

Exibiu-se, em seguida, o grupo de teatro da UEC, da Faculdade de Letras, que apresentou a peça (criação colectiva baseada num conhecido texto de Gil Vicente) "Auto da Barca da Juventude". Na sessão de variedades estiveram presentes, entre outros, o grupo Intróito, Fernando Tordo, Ary dos Santos, José Jorge Letria, Carlos Mendes, Joaquim Pessoa e Armindo Rodrigues. Esperada com natural entusiasmo e expectativa, a Final do Festival Amador de Canto Livre na Zona Centro, veio a constituir um dos momentos que mais interesse despertou na numerosa massa humana que acorreu ao Estádio 1.º de Maio. O júri classificou as canções "Pega de Caras à Burguesia", de Carlos Paulo, e "Metamorfose", do cantor angolano Roberto, militante do MPLA, em primeiro lugar, "ex-aquo".

Vários grupos de Pioneiros, e o grupo de teatro da UJC, de Moscavide, actuaram também nesta tarde de convívio. Entre as

iniciativas dedicadas aos mais pequenos na Tarde Infantil, salientaram-se a pintura colectiva de um mural, onde participaram activamente dezenas de artistas de "palmo e meio" e ainda a leitura e comentários de poemas por Mário Castrim.

### ALEGRIA NA LUTA

Antes da exibição do Grupo de Danças e Cantares do Komsomol leninista da Ucrânia (composto na sua totalidade por jovens estudantes da faculdade de Pedagogia daquela República Socialista), que interpretaram durante duas horas mais de uma dezena de peças coreográficas do folclore soviético, riquíssimo em cor, musicalidade e ritmo, falaram, em duas breves intervenções, os camaradas José Pedro Soares, membro suplente do Comité Central do nosso Partido e da Comissão Executiva da UJC e Rosa Brandão, da Direcção da Organização Regional do Ensino Superior de Lisboa, que saudaram, em nome da juventude comunista, todos os jovens que participaram na organização do Festival da Primavera e todos aqueles que se deslocaram ao Estádio 1.º de Maio, manifestando igualmente o

regozijo pelo sucesso da iniciativa. Sublinhando a importância desta realização como jornada de unidade e o seu significado como prova da determinação militante dos jovens comunistas, o camarada José Pedro Soares salientou:

"O Festival da Primavera constitui uma magnífica jornada da juventude progressista da nossa região que, através do desporto, de actividades culturais e do convívio, junto a si, numa torrente de alegria, de força e confiança, as vozes de milhares de jovens, trabalhadores e estudantes. São milhares de rapazes e rapagens reunidos numa grande festa realizada pela União da Juventude Comunista e pela União dos Estudantes Comunistas. Numa grande festa, onde a vontade de lutar e a alegria de viver unem todos os jovens de sentimentos democráticos, mesmo de diferentes opiniões e ideologias, no combate comum

Estes não são os sentimentos e aspirações da juventude. Uma alternativa de esquerda, com um governo de esquerda e uma maioria de esquerda na futura Assembleia, só com o PCP é possível.

A juventude saberá distinguir as forças reaccionárias e conservadoras das revolucionárias e progressistas. A juventude saberá utilizar um direito duramente conquistado para robustecer as forças da revolução, para dar força às liberdades no seu país, saberá utilizar o seu voto para que as conquistas obtidas sejam consolidadas e defendidas.

E a terminar, perante o entusiasmo e a firme determinação — estampada nos rostos dos milhares de jovens presentes — de prosseguir a luta revolucionária, o camarada José Pedro Soares declarou:

"A juventude estará mobilizada para optar pela



O grupo de danças da Ucrânia entusiasmou a juventude canção revolucionária Carlos Puebla, que é acompanhado nesta visita ao nosso País pelo seu conjunto "Los Tradicionales" e pela cantora Elisabete Graça, vai

## «IMPRESSIONOU-NOS A DECISÃO POPULAR DE DEFENDER AS CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO»

### Camaradas alemães da Liga para a Amizade entre os povos falam-nos da Semana da RDA

Constituiu um êxito assinalável a recente realização da semana da RDA, que integrou actividades, em diversos pontos do país, de carácter cultural, social, desportivo, etc. Através de um melhor conhecimento recíproco, reforçaram-se os laços de amizade e abriram-se mais as portas para uma maior cooperação entre os dois povos.

Quais as impressões recolhidas durante a vossa estadia em Portugal?

Paul Wandel: É compreensível não avaliarmos os resultados da Semana da RDA sobretudo em função do principal objectivo, isto é, uma contribuição para desenvolver relações amistosas entre os nossos povos, no interesse da paz e do progresso social. Já o espectáculo inaugural, realizado perante um público tão numeroso, e com a presença do representante do Presidente da República Portuguesa,

o acolhimento entusiástico feito aos cidadãos da RDA, a actuação dos nossos desportistas e artistas impressionou-nos a todos profundamente. O prosseguimento da Semana permite-nos declarar estarmos firmemente convencidos que ela foi um êxito completo, quanto aos objectivos acima apontados.



Os camaradas alemães confraternizaram com o colectivo do "Avante!"

## VOZES QUE NOS VÊM DA RDA

### A unidade dos trabalhadores é um bastião contra o fascismo, recordam, em declarações para o "Avante!", comunistas alemães cuja experiência se baseia numa luta de dezenas e dezenas de anos

As comemorações organizadas em Lisboa por ocasião do 55.º aniversário da fundação do Partido Comunista Português tiveram um reflexo solidário na República Democrática Alemã. O apelo lançado pelo camarada Álvaro Cunhal a todos os antifascistas, a todos os portugueses progressistas para se unirem a fim de lutarem por um Portugal democrático, foi bem acolhido pelos cidadãos da RDA, nomeadamente pela geração mais velha de trabalhadores que adquiriu uma grande experiência na luta antifascista travada em solo alemão.

Espanha, de 1936 a 1939: "Em cinquenta anos de luta pela Paz e o Socialismo adquiri a experiência de que é a unidade das forças progressistas que leva sempre à vitória e que é a divisão das forças progressistas que traz a derrota. Em 1933, o fascismo triunfou na Alemanha quando os dois grandes Partidos da classe operária não conseguiram trilhar a via da unidade. Mas nós tirámos os ensinamentos necessários. Há trinta anos, numa parte da Alemanha, na futura República Democrática Alemã, forjámos a unidade dos operários. A unidade tornou-se a garantia mais importante da nossa vitória. A campanha anticomunista conduzida pelos meios reaccionários em Portugal traz-me à memória estas recordações. Apoio de todo o coração o apelo do camarada Álvaro Cunhal para que todos os progressistas se unam."

tornaram evidente que só a unidade de todos os antifascistas, só a aliança indissolúvel dos partidos operários podem impedir que os fascistas tomem o poder. Após a libertação do nosso país, foi com o concurso de todas as forças democráticas que nós cumprimos, no território da RDA, o juramento feito pelos comunistas e os social-democratas presos nos campos de concentração, de agir de modo a não permitir a divisão do movimento operário, de tudo fazer a fim de estabelecer a ordem antifascista e democrática. Tendo em conta estas experiências, considero que é imperativo criar em Portugal condições que impeçam o ressurgimento do fascismo e que levem ao triunfo das liberdades e da democracia."

Quais as perspectivas futuras da actividade da Comissão RDA-Portugal da Liga para a Amizade com os Povos? Markowitsch: A nossa Comissão para a Amizade entre a RDA e Portugal já na próxima reunião a realizar em Berlim vai analisar as experiências ganhas, tomar conhecimento dos desejos dos trabalhadores de Portugal e dar mais passos, por meio de publicações, actividades culturais e desportivas, filmes e conferências, intercâmbio de grupos de estudo, para aprofundar a compreensão da RDA e consolidar a amizade entre os nossos povos.

Rudolf Helmer, antigo prisioneiro do campo de concentração de Sachsenhausen, membro da Direcção Central do Comité dos Resistentes Antifascistas da RDA: "O discurso que o camarada Álvaro Cunhal pronunciou durante a grande manifestação realizada em Lisboa por ocasião do 55.º aniversário do PCP tocou-me profundamente. Foi após amargas experiências que nós, comunistas alemães, aprendemos a apreciar, nas nossas lutas contra a reacção, o valor da unidade de todas as forças antifascistas. Os contactos mantidos no campo de concentração fascista de Sachsenhausen entre comunistas, social-democratas e todos os progressistas submetidos a torturas e cruéis sevícias

durante a edificação da sociedade socialista tornaram evidente que só através da unidade da classe operária e de todas as forças progressistas se criam as condições favoráveis ao progresso do povo."

Paul Wandel: Perguntaram-nos repetidamente a razão dos êxitos conseguidos pelos trabalhadores da nossa República. Ao dar resposta às numerosas perguntas feitas sobre esse tema, explicámos que a causa principal foram essas modificações profundas, sociais e económicas, provocadas pela unidade das forças antifascistas e democráticas, as iniciativas criadoras originadas por elas, entre milhões de trabalhadores e a amizade e aliança firme com a União Soviética e os outros países da comunidade socialista.

Os participantes da Semana da RDA em Portugal vão transmitir ao nosso povo nas regiões urbanas e rurais, nas empresas e instituições um quadro fiel à verdade do nosso povo e da terra portuguesa e despertar outras iniciativas para a solidariedade com as forças antifascistas e democráticas do nosso país. Ainda durante este primeiro semestre vamos elaborar e determinar a Associação Portuguesa-RDA o programa de acção correspondente aos conhecimentos ganhos e aos desejos do lado português.

Música e alegria no Estádio 1.º de Maio

pela liberdade e a democracia, pela independência Nacional e pelo reforço da unidade combativa da juventude portuguesa. Hoje, o 28 de Março do Estádio 1.º de Maio, em Lisboa, ou o 28 de Março no Porto, Braga, Aveiro, Évora ou Portimão, são, não apenas o levantar bem alto da bandeira que outros companheiros ergueram, mas o símbolo vivo e pleno de força da juventude portuguesa que, nas fábricas e nos campos, nos escritórios e nas escolas, dia a dia prossegue a luta pelos seus direitos, ao lado do povo a que pertence, por um Portugal democrático a caminho do socialismo.

esquerda, para votar no PCP, para votar no seu futuro. Confiantes como hoje nas comemorações deste dia de luta, sabermos, firmes e confiantes, pela vida fora, enfrentar outras batalhas, sempre que de nós a revolução o exija."

A camarada Rosa Brandão saudou toda a juventude progressista, todos os que se empenharam na organização do Festival e agradeceu, em nome da UJC e da UJC, a colaboração prestada pela CML e pelos funcionários do Estádio 1.º de Maio.

E a festa continuou. A noite, os jovens presentes na jornada pularam e dançaram com genérica animação bailárica.

Durante todo o dia esteve patente uma exposição subordinada ao tema "A Juventude", onde se podiam observar vários trabalhos fotográficos relacionados com a actividade juvenil na resistência contra a ditadura fascista e contra o colonialismo, na realidade presente e o seu papel nos países socialistas, nomeadamente na URSS, em Cuba, RDA, etc.

O Festival da Primavera constituiu um inegável êxito nos campos da organização, mobilização e qualidade cultural, o que confirmam a justiça das perspectivas apontadas pela juventude comunista para o reforço do papel das massas juvenis na revolução portuguesa, que só poderá avançar decididamente com o apoio firme e corajoso dos milhares de jovens trabalhadores e estudantes.

actuar no próximo domingo, dia 4, num espectáculo a realizar no Mercado do Povo, em Belém.

### A FESTA EM ÉVORA

Em Évora, o Festival teve início com uma alvorada de foguetes seguindo-se, cerca das 11 horas um desfile pelas ruas da cidade de dezenas de tractores com decorações engalanadas e decorados, provenientes de várias cooperativas agrícolas: "Poder Popular", "Silvados do Pousal", "Cravo Vermelho", "Vasco Gonçalves", "Maria Machado", "José Adelino dos Santos", "Força Popular", "Pedro Soares", "A Esquerda Vencerá", e muitas outras.

Após o almoço de confraternização, que teve lugar no Parque Municipal, realizou-se, ao princípio da tarde, uma sessão de Canto Livre Amador na Praça de Touros, em que estiveram presentes, entre outros, os grupos corais da UJC de Campo Maior, de Avis e de Montemor-o-Novo, os Pioneiros de Pias e Benavila, o agrupamento "Juventude" de Lisboa e o conjunto musical "Contacto", o qual encerrou a jornada com um baile que se arrastou até de madrugada num ambiente de amizade e confiança.

### EM AVEIRO, CASTELO BRANCO, PORTIMÃO E VIANA DO CASTELO

Também nas outras cidades onde a juventude comunista

### EM VILA REAL

Por iniciativa da UJC e da UEC tiveram lugar no passado sábado, em Vila Real, algumas realizações desportivas, culturais e recreativas, nas quais participaram com entusiasmo cerca de 150 jovens de várias idades. Durante a tarde registou-se uma intensa movimentação, com corridas pedestres e outras iniciativas. À noite, foram projectados filmes sobre o ensino e o desporto nos países socialistas, seguindo-se um animado debate. O programa finalizou com a distribuição de prémios e com uma sessão de canto livre amador.

### EM BRAGA

Promovido pelo secretariado unitário das organizações juvenis realizou-se nesta cidade um conjunto de iniciativas que se prolongaram até ao fim da tarde desportivas durante a manhã e uma sessão cultural à tarde, nas instalações do Liceu Sá de Miranda. O programa foi abrandado pela actuação dos elementos do Centro Cultural e Recreativo de Fermentões (Guimarães), que apresentaram vários números de bailado e folclore e pelo conjunto "Pop-Shane", presente na sessão de canto livre. Outras iniciativas, estas para os mais pequenos, assinalaram ainda as comemorações do 28 de Março — dia de luta da juventude progressista.

## LÉNINE E O PARTIDO BOLCHEVIQUE

**HUMBERTO M. DA CRUZ**

**PORTO: CARLOS PUEBLA NO FESTIVAL DA PRIMAVERA**

**A JUVENTUDE E AS ELEIÇÕES**

**EM AVEIRO, CASTELO BRANCO, PORTIMÃO E VIANA DO CASTELO**

**TAMBÉM NAS OUTRAS CIDADES ONDE A JUVENTUDE COMUNISTA**

**ACABA DE SAIR UMA NOVA REVISTA**

**economia EC**

**A ausência de estudos introdutórios de fácil leitura e compreensão levou o autor a situar a obra de Lênine no meio histórico em que se desenvolveu e a analisar brevemente o seu sentido geral, de maneira a facilitar ao leitor de qualquer parcela dessa obra uma leitura enriquecedora da mesma.**

**EDICÃO «SEARA NOVA» COLEÇÃO ARGUMENTOS PREÇO: 70\$00**

**Distribuição: CDL - Central Distribuidora Livraria R. Santos Dumont, 57-4. Lisboa 1**

Kurt Hofer, combatente das Brigadas Internacionais, em



# XI CONGRESSO DO PCB: O POVO BÚLGARO MARCHA RUMO A NOVAS VITÓRIAS

## Cumprido com êxito o sexto plano quinquenal, a República Socialista da Bulgária encaminha-se para a sociedade socialista desenvolvida, na via da construção do comunismo

Quinquenta e seis anos depois do histórico Congresso de 1919, no decorrer do qual o Partido Operário Social-Democrata Búlgaro se transformou no Partido Comunista Búlgaro, quase trinta e seis anos depois da revolução democrática e popular de 9 de Setembro de 1944 — durante a qual o povo Búlgaro, sob a direcção do Partido de

distintos, que dão um ar festivo a esta cidade socialista de um milhão de habitantes. No dia de abertura do XI Congresso, os trabalhadores de numerosas fábricas, combinados e institutos de investigação organizaram comícios, nos quais foi revelado que cumpriram antes dos prazos previstos o seu

camarada, Todor Jivkov. Em seguida, os delegados aprovaram por unanimidade a seguinte ordem de trabalhos: relatório da actividade do CC do PCB para o período compreendido entre os X e XI Congressos e as tarefas a cumprir; relatório da Comissão Central de Controle e Revisão; aprovação das principais orientações do desenvolvimento, sócio-económico da República Popular da Bulgária durante o sétimo plano quinquenal (1976-1980); eleição dos organismos centrais do partido.

A primeira sessão de trabalhos foi presidida pelo camarada Stanko Todorov, membro do Bureau Político do CC do PCB e presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Bulgária. Stanko Todorov, antes de dar a palavra ao camarada Jivkov, apresentou ao Congresso as mais de cem delegações estrangeiras convidadas a participar nos trabalhos.

De salientar que 25 delegações dos partidos comunistas e operários presentes em Sófia são presididas pelos seus dirigentes máximos — secretários-gerais, presidentes e primeiros-secretários. Estão ainda presentes em Sófia dirigentes prestigiados do movimento comunista e operário internacional, dedicados combatentes pela democracia, pela libertação nacional pela independência e o progresso dos povos.

Gustav Husak, Edward Gierak, Erich Honecker, Janos Kadar, respectivamente secretário-geral e primeiros secretários do Partido Comunista Checoslovaco, do Partido Operário Unificado Polaco, do Partido Socialista Unificado Alemão, e do Partido Operário Socialista Húngaro encontraram-se entre os dirigentes comunistas convidados, e ainda representantes do Partido Comunista Cubano, do Partido dos Trabalhadores do Vietname, do Partido do Trabalho da Coreia, do Partido Comunista da Mongólia.

A delegação do CC do Partido Comunista Brasileiro era presidida pelo camarada Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, enquanto que as delegações de outros partidos irmãos eram chefiadas por destacados membros das direcções desses partidos. Tais eram os casos dos Partidos Comunistas Francês, Italiano, Espanhol, Alemão, Romeno e tantos outros.

A delegação do Comité Central do Partido Comunista Português chegou a Sófia na véspera do Congresso, tendo sido recebida no aeroporto pelos camaradas Isola Dragolicheva e Penio Quiratsov, respectivamente membro do Bureau Político e secretário do

Na sua longa intervenção, que divulgaremos o mais detalhadamente no próximo artigo, o camarada Todor Jivkov começa por afirmar, após se ter referido às conquistas do povo búlgaro no último quinquênio: «Se fosse necessário indicar a principal característica da conjuntura mundial durante o período entre o X e o XI Congresso, seria incontestavelmente a modificação da relação de forças em favor da paz, da democracia e do socialismo.

«Os países socialistas irmãos conseguiram novos grandes êxitos em todos os domínios da vida. O regime socialista revela cada vez mais a sua superioridade, em todos os pontos de vista, sobre o capitalismo. Torna-se cada vez mais atraente para centenas de milhões de trabalhadores dos países capitalistas e dos países em vias de desenvolvimento.

«A vitória do heróico povo vietnamita sobre os intervencionistas imperialistas e a reacção continuará a brilhar na história das lutas da humanidade pela liberdade e pelo socialismo. Os povos do Laos e do Camboja conquistaram a sua liberdade após uma luta cheia de abnegação. No outro extremo do mundo, Cuba — o primeiro Estado socialista irmão do hemisfério Ocidental, desenvolve-se e consolida-se com segurança. A República Democrática Alemã alcançou uma grande vitória política e diplomática. A justa luta da República Democrática e Popular da Coreia para a unificação pacífica do país conquistou um largo apoio internacional». E o camarada Todor Jivkov prosseguiu: «Os regimes fascistas foram derrubados em Portugal e na Grécia. Os novos Estados de Guiné-Bissau, de Moçambique, de Angola, de São Tomé e Príncipe foram criados sobre as ruínas do último império colonial.

«Em suma, camaradas — concluiu Todor Jivkov — podemos dizer, retomando o pensamento do nosso guia imortal, Georges Dimitrov: «A roda da história move-se e mover-se-á até à supressão definitiva da escravidão, da exploração, até à vitória do socialismo, até à vitória do comunismo.»

### CONTRA O REVISIONISMO DE DIREITA E DE «ESQUERDA»

Após ter assinalado que o golpe fascista chileno constitui uma crucial da luta de classes, de que as forças democráticas e de esquerda dos países capitalistas e em vias

e contra o anti-socialismo. A degradação do maioismo entrou numa nova fase. O maioismo aliou-se às forças mais feroces do imperialismo, do fascismo e do espírito vingativo, aos adversários da coexistência pacífica e do progresso social. As suas acções são cada vez mais perigosas para a paz e a segurança dos povos. A política e a ideologia da actual direcção chinesa são profundamente hostis ao marxismo-leninismo, ao ideal comunista. O nosso partido considera ser seu dever participar sem reservas na luta contra o maioismo, pela sua derrota política e ideológica».

### A TAREFA DO PCB: A CONSTRUÇÃO DO COMUNISMO

O relatório apresentado ao XI Congresso do Partido Comunista Búlgaro divide-se em cinco grandes partes: a conjuntura no mundo e a actividade internacional do PCB, a política e as tarefas do Partido no domínio da economia e do progresso científico-técnico, alguns problemas do desenvolvimento do modo de vida socialista, o estado e as tarefas do Partido e, finalmente, a tarefa histórica da PCB — a sociedade socialista desenvolvida a passagem gradual ao comunismo.

Acerca desta última parte, o camarada Todor Jivkov salientou: «As perspectivas que se abrem sobre a nossa via para o comunismo tornam-se e tornar-se-ão realidade, porque a cabeça da luta por uma via melhor e mais feliz para o povo avança o Partido Comunista Búlgaro, o Partido de Dimitar Blagoev e Georgui Dimitrov, a vanguarda militante e provada da classe operária, de todos os trabalhadores do país. Estas perspectivas tornam-se e tornar-se-ão realidade porque o Partido está armado da teoria marxista-leninista, teoria que lhe permite estabelecer cientificamente a linha geral de desenvolvimento, dirigir cientificamente o progresso social multifórmico». E mais adiante: «O período até 1990 será um período de novas e profundas acumulações qualitativas e

quantitativas em todas as esferas do nosso desenvolvimento social. Estas acumulações conduzirão gradualmente à edificação da base material e técnica do socialismo, ao posterior aperfeiçoamento das relações sociais, ao desenvolvimento harmonioso da personalidade. Em geral, a República Popular da Bulgária tornar-se-á no país do socialismo desenvolvido, a última, a suprema etapa do desenvolvimento do

delegados e convidados terem ido depositar flores no mausoléu de Georgui Dimitrov, no monumento de Lênine e no monumento do Exército Soviético, usaram da palavra os camaradas Sloyan Karadjov, presidente da Comissão Central de Controle e Revisão, e Georgui Iordanov membro do Secretariado do CC do PCB e primeiro-secretário da região de Sófia. Entusiasticamente aplaudido,

Mais adiante, na sua curta mas vigorosa intervenção, o camarada Kutakov, condenando a tração do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, salientou que «a defesa do internacionalismo proletário», tem «um alto exemplo no vosso compatriota Dimitrov».

Até ao momento em que escrevemos estas linhas, já usaram da palavra os camaradas Edward Gierak, Janos Kadar, Erich Honecker, Gustav Husak e Sérgio Del Vale, membro do Bureau Político do CC do PC de Cuba e Ministro do Interior. No próximo número do «Avante» daremos o devido destaque a estas importantes intervenções, que são um hino à unidade do movimento comunista internacional, ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário, à libertação dos povos, à paz, ao progresso, ao socialismo e ao comunismo.

No dia de abertura do Congresso do PCB, à noite, e em homenagem a este importante acontecimento para os comunistas e o povo búlgaro, para todos os povos do mundo amantes da paz e do progresso social, estreou-se no Teatro Nacional Ivan Vazov, recentemente reconstruído, uma peça da autoria do grande escritor e revolucionário búlgaro que dá o nome ao mais importante teatro de Sófia.

A peça narrava vários aspectos da patriótica luta de libertação de há cem anos, contra os invasores turcos.

Antes de começar o espectáculo, decorreu uma pequena sessão. No palco, um distico continha uma importante frase do camarada Todor Jivkov: «Hoje, mais do que nunca, e preciso que a arte não mostre apenas o mundo, mas contribua directamente para a sua transformação».

Esta transformação que mobiliza todos os aspectos da vida na Bulgária: a arte, a economia, a cultura.

«É a nova sociedade comunista que desponta já no horizonte de luta dos trabalhadores Búlgaros. O socialismo, e, o comunismo, aspiração sagrada dos explorados e oprimidos de todo o mundo e, será, uma realidade para todos os povos.



Dimitir Blagoev, fundador do PCB

socialismo, e primeira fase da formação socio-económica do comunismo».

### FIDELIDADE AO MARXISMO-LENINISMO

Na segunda sessão de trabalhos deste XI Congresso do Partido Comunista Búlgaro, e após os

teve em seguida lugar na tribuna para se dirigir aos delegados e aos convidados o camarada Feydor Kulakov, membro do Bureau Político do CC do Partido Comunista da União Soviética, o qual declarou, a determinado passo:

«A actividade do PC Búlgaro confirma a verdade histórica mais importante: O internacionalismo proletário e o patriotismo socialista são inseparáveis».

### Do nosso enviado especial JOSÉ MARTINS

Georgui Dimitrov, expulsou do país o invasor nazi-fascista e derrotou os partidários da monarquia fascista, instaurando a via socialista — e vinte anos depois da histórica sessão plenária de Abril

programa de produção para o primeiro trimestre do ano em curso. Conforme salientou na tribuna do Congresso o camarada Georgui Iordanov, primeiro-secretário do Comité do PCB para a cidade de



Georgui Dimitrov, herói nacional do povo búlgaro

de 1956 do Comité Central do PCB, os comunistas e o povo búlgaro iniciam nova e decisiva etapa na construção da sociedade socialista avançada e do comunismo.

Na passada segunda-feira começaram em Sófia capital da República Popular da Bulgária, os trabalhos do XI Congresso do Partido Comunista Búlgaro, vanguarda revolucionária da classe operária e dos trabalhadores deste país balcânico, e destacamento da primeira fila do movimento comunista e operário internacional.

Eram nove horas da manhã quando o camarada Todor Jivkov, primeiro-secretário do Comité Central do CC do PCB e chefe de Estado da República Popular da Bulgária, declarou aberta os trabalhos do XI Congresso e, conseqüentemente, se iniciava uma nova etapa de desenvolvimento da vida política, económica, social e cultural do país, no caminho luminoso do socialismo e do comunismo.

Entusiasticamente aplaudido pelos 1575 delegados e pelos milhares de convidados presentes, o camarada Todor Jivkov, na sua alocução de abertura, depois de ter saudado os presentes, evocou os destacados militantes comunistas, revolucionários e progressistas, mortos na Bulgária e em todo o mundo, no período entre os X e XI Congressos. Foram assim evocados saudosamente todos os que dedicaram o melhor das suas vidas e dos seus esforços à luta pela paz, pela democracia, pelo progresso e libertação dos povos, pelo socialismo e pela independência nacional.

### MAIS UMA ETAPA DO POVO BÚLGARO

Mas os trabalhos do Congresso já se tinham iniciado, na prática, há muito mais tempo. De facto, desde o X Congresso que os comunistas e o povo búlgaros se vêm empenhando na concretização do programa do Partido sobre a edificação de uma sociedade socialista avançada.

O sexto plano Quinquenal de desenvolvimento, então aprovado, foi cumprido com êxito. Desde a convocação do XI Congresso do partido, 3 milhões de búlgaros participaram nas discussões dos materiais a aprovar por este Congresso, tendo com o mesmo formulado propostas de emendas, alterações ou adendas.

Desde há alguns dias que as ruas de Sófia, como aliás as das outras cidades búlgaras, se encontram amplamente decoradas com as bandeiras nacionais e do partido e com disticos que reafirmam a fidelidade dos comunistas e do povo búlgaro ao Marxismo-Leninismo e ao internacionalismo proletário. A amizade com a gloriosa Pátria de Lênine e com os outros países socialistas irmãos e o papel dirigente do partido de Dimitar Blagoev e Georgui Dimitrov são reafirmados a cada passo nestes

Sófia, todas as empresas da capital cumpriram na véspera do congresso, o seu plano de produção.

Nesses mesmos comícios, os trabalhadores de Sófia saudaram os delegados e convidados ao XI Congresso, manifestaram o seu total apoio à linha do partido, salientaram a sua unidade e coesão em torno do PCB e do Comité Central. No decorrer dos comícios, milhares de trabalhadores aprovaram moções de saudação ao Congresso, nas quais salientaram os seus êxitos de trabalho, realizados no quadro da emulação socialista, em honra do órgão máximo do Partido, o congresso.

### INTERESSE INTERNACIONAL

Por seu turno, o interesse dos meios de comunicação social, búlgaros e estrangeiros, pelo XI Congresso do PCB, é enorme. Mais de 200 jornalistas dos jornais, rádio e televisão, encontram-se em Sófia a fim de cobrir os trabalhos do Congresso. Representam todos os continentes, os órgãos centrais dos partidos comunistas e operários irmãos, a imprensa dos países socialistas e a imprensa dos países ocidentais.

No dia seguinte ao da abertura do XI Congresso, todos os principais jornais de Sófia, como o «Rabotnichesk Delo», órgão central do PCB, «Mladeja», órgão central do Komsomol Dimitrovião, «Zemledelsko Zuan», órgão da União Agrária do Povo Búlgaro, «Narodna Armia», órgão do Ministério da Defesa, apareceram com o dobro das páginas, e estas eram quase totalmente consagradas aos trabalhos do Congresso. Sob grandes títulos como «Debaixo da Bandeira do Partido. Avante para o Comunismo», «Sob a Bandeira Triunfante do Marxismo-Leninismo», «Destacamento de Vanguarda da Classe, Guia do Povo», os jornais inserem na sua primeira página uma fotografia da sessão inaugural do Congresso, com o camarada Todor Jivkov usando da palavra.

Grande destaque é igualmente dado à intervenção do camarada Fiodor Kulakov, membro do Bureau Político e secretário do CC do Partido Comunista da União Soviética, que dirigiu uma saudação em nome do glorioso Partido de Lênine a todos os participantes no Congresso, aos Comunistas e ao povo Búlgaro. «Dois Congressos — uma Mesma Meta», eis como os principais periódicos búlgaros classificam a amizade e fraternidade entre os povos soviético e búlgaro, a identidade de objectivos entre o PCUS e o PCB.

### ARÉOPAGO DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Os trabalhos do Congresso iniciaram-se com uma alocução do



Todor Jivkov, secretário-geral do PCB

Comité Central do CC do Partido Comunista Búlgaro.

O camarada Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCB, que se deslocou a Sófia acompanhado do camarada Américo Leal, membro do CC, tomou lugar na primeira fila da tribuna dos convidados. A delegação da Frelimo era chefiada pelo camarada Joaquim Chissano, membro do Bureau Político, enquanto o camarada, comandante Ambrósio Lukoki, chefiava a delegação do MPLA, encontrando-se ainda presente uma delegação do PAIGC.

### A GRANDE VITÓRIA DO SOCIALISMO

Vivamente aclamado pelos milhares de delegados e convidados, e tendo por detrás da tribuna três grandes reproduções de Dimitar Blagoev, Georgui Dimitrov e Vladimir Lênine, o camarada Todor Jivkov deu início à leitura do seu relatório, no qual a situação internacional e a actividade internacional do Partido Comunista Búlgaro tiveram lugar de destaque.

# SAUDAÇÃO DO CC DO PCP

O Comité Central do PCP enviou ao Comité Central do Partido Comunista Búlgaro a seguinte saudação:

Queridos camaradas:

Por ocasião do XI Congresso do Partido Comunista Búlgaro, o Comité Central do Partido Comunista Português envia-vos as suas mais calorosas e fraternais saudações e, por vosso intermédio, aos comunistas, à classe operária e a todo o povo trabalhador da Bulgária socialista.

Desde a realização do X Congresso do Partido Comunista Búlgaro, a República Popular da Bulgária obteve êxitos na edificação da sociedade socialista avançada. O desenvolvimento acelerado da economia, a nova expansão da revolução cultural socialista, o largo desenvolvimento da democracia socialista, tiveram reflexos concretos nas condições materiais e culturais da vida do povo búlgaro, expressos na constante elevação do nível de vida e na formação da nova personalidade socialista. Estes êxitos são devidos à alta consciência e ao entusiasmo com que a classe operária, os jovens, os intelectuais, os trabalhadores em geral, se lançaram no cumprimento das directivas do X Congresso, ultrapassando largamente o que fora previsto. Eles devem-se, sobretudo, à capacidade de condução política do Partido de Dimitrov, herdeiro das importantes tradições de luta do povo búlgaro, que, com fidelidade inquebrantável aos princípios do internacionalismo proletário, aplicando o desenvolvimento de maneira criadora o marxismo-leninismo, levou o país a um alto desenvolvimento socio-económico e cultural. A sociedade búlgara, onde já não existe nenhum dos problemas causados pela exploração do homem pelo homem, dá hoje ao mundo uma imagem que faz ressaltar de maneira concreta as vantagens do sistema socialista. Na etapa actual de desenvolvimento, outros problemas se põem. Mas são tarefas empolgantes de edificação de uma nova sociedade, e estamos certos que o povo búlgaro, em cooperação fraternal com a União Soviética e os outros países da comunidade socialista, saberá resolvê-los de forma harmoniosa. Estamos também seguros, queridos camaradas, que as directivas do vosso XI Congresso para o sétimo quinquênio e até 1990, serão um passo importante neste sentido.

Camaradas:

A Revolução portuguesa iniciada com o derrubamento da ditadura fascista em 25 de Abril de 1974, alcançou nestes quase dois anos êxitos de importância histórica para o nosso povo, perante o qual se abriram perspectivas de construção de uma nova vida, de uma sociedade democrática rumo ao socialismo. Foram conquistadas largas liberdades e largas camadas do povo português, em especial as mais desfavorecidas, melhoraram sensivelmente o seu nível de vida. Desfecharam-se profundos golpes no capital monopolista, com a nacionalização da Banca, dos seguros, dos sectores básicos da indústria e dos transportes e a intervenção do Estado em muitas empresas onde o controlo operário é uma realidade. Deu-se início à Reforma Agrária, especialmente no Sul do País, onde os operários agrícolas, em cerca de 1 milhão de hectares de terra conquistada aos grandes agrários, rasgam já os horizontes duma nova sociedade. Criou-se um amplo movimento popular de massas, de carácter unitário. Desde há muito activamente solidário com a luta dos povos submetidos ao colonialismo português, o nosso povo deu, durante estes dois anos, uma contribuição positiva para o fim das guerras coloniais e para a conquista da independência pelos povos das ex-colónias portuguesas.

Estas vitórias foram conseguidas pelo povo português ao longo de um processo acidentado que a reacção interna e o imperialismo internacional têm constantemente tentado fazer recuar. A actividade reacção dos partidos da direita, designadamente com responsabilidades nos Governos Provisórios, as pressões externas e as descaradas ingerências nos assuntos internos portugueses, a campanha de calúnias e falsificações contra a Revolução portuguesa, têm visado dividir e enfraquecer as forças democráticas, nomeadamente o MFA, e anular as conquistas da Revolução, criando condições propícias ao retorno do regime fascista. A direcção do Partido Socialista, pelas suas posições anticomunistas e as suas alianças com a direita, tem tido grande responsabilidade no agravamento deste estado de coisas.

As profundas divergências surgidas entre várias tendências do MFA, submetidas a influências negativas por parte da direita e de

sectores esquerdistas, as depurações de elementos militares progressistas, agravaram ainda mais a situação de crise e levaram à eclosão das sublevações militares de 25 de Novembro passado.

A grave derrota sofrida pela esquerda militar e, reflexivamente, pelo conjunto das forças democráticas, na sequência desses acontecimentos, permitiram à direita, militar e civil, lançar-se numa grande ofensiva e ganhar terreno, nomeadamente no aparelho de Estado e nos órgãos de informação. A vários níveis e sob as mais diversas formas, que vão desde os actos de terrorismo a uma monumental campanha de calúnias e boatos, a demissões arbitrárias, a actos discriminatórios contra os comunistas e outros democratas, a acção da direita visa a recuperação capitalista da economia, ao mesmo tempo que tenta criar um clima de instabilidade social e de intimidação da opinião pública que crie condições favoráveis a uma vitória das forças reacção nas próximas eleições para a Assembleia da República e à instauração de um novo regime autoritário.

Sem subestimar as posições ganhas nos últimos tempos pelas forças de direita, o nosso Partido pensa, contudo, que as grandes conquistas da Revolução portuguesa, no essencial, se mantêm. Por outro lado, a firme resistência das forças populares e democráticas às tentativas de avanço da direita, o desenvolvimento progressivo de uma corrente unitária nos mais variados sectores, a acção das Forças Armadas onde, eventualmente, se desfez o desfecho da reacção, continua presente o espírito do 25 de Abril, são indícios de que, simultaneamente a fracturas que se vão verificando no seio das forças de direita, se abrem novas possibilidades e perspectivas de um reagrupamento de forças de esquerda, de construção de uma ampla frente democrática e progressista, civil e militar, capaz de unir na acção todos aqueles que querem construir em Portugal um regime democrático, rumo ao socialismo. O PCP não poupará esforços para o conseguir.

Como noutros momentos graves já atravessados pela Revolução portuguesa, o PCP continua a defender uma solução política para os grandes problemas nacionais e a pronunciar-se por uma alternativa democrática que abra ao povo português a possibilidade de escolher livremente o seu próprio futuro. E nesse sentido que atribuímos a mais alta importância à aproximação, entendimento e acção comum entre todos aqueles que, perante o perigo concreto do fascismo, queiram combater pelas liberdades e as outras conquistas da Revolução, entre todos os democratas e antifascistas, nomeadamente entre comunistas e socialistas. Uma eventual maioria da direita reacção nas próximas eleições abriria inevitavelmente o caminho ao fascismo. Para o impedir, o PCP considera indispensável a aliança das forças e partidos democráticos com vista à obtenção de uma maioria de esquerda e da formação de um Governo de esquerda que defenda as conquistas revolucionárias já alcançadas e assegure a construção de um regime democrático ao caminho do socialismo.

Queridos camaradas:

Face às difíceis tarefas que têm diante de si, é para os comunistas portugueses um enorme motivo de encorajamento a solidariedade internacional, antes de tudo e do campo socialista, de que a Bulgária é um destacamento importante. Após o 25 de Abril, desde o primeiro momento pudemos contar com o apoio fraternal do Partido Comunista e do povo búlgaro, tal como durante a longa e difícil luta contra o regime fascista.

Hoje como dantes podéis contar com a solidariedade fraternal dos comunistas portugueses que, nos êxitos por vós obtidos na edificação da sociedade socialista avançada, vêem outros tantos motivos de regozijo e de esperança.

Estamos certos, camaradas, que os tradicionais laços de amizade e de solidariedade combativa que há muito unem os nossos dois Partidos se fortalecerão e desenvolverão ainda mais, na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Confiamos também que as relações agora existentes entre os nossos dois países se desenvolvam em novos e diversos aspectos no interesse comum dos nossos dois povos e reflitam os laços de amizade crescente entre a República Popular da Bulgária e o novo Portugal libertado.

# informação

• «Toda a nossa luta comum deve concentrar-se para que não haja processo; para que este processo, que a junta fascista de Pinochet planifica contra o secretário-geral do Partido Comunista do Chile, Luis Corvalan e outros membros dirigentes da Unidade Popular, não se faça» — afirmou Sérgio Insunza, que foi ministro da justiça no governo de Unidade Popular. O julgamento de Corvalan, acusado pelo governo fascista de Pinochet de «conspiração contra as Forças Armadas» (1), acaba de ser novamente adiado.

• Realizou-se em Itália uma greve geral de quatro horas, que paralisou quinze milhões de trabalhadores da indústria e do comércio, de protesto contra as medidas económicas adoptadas pelo governo, nomeadamente a política de contenção de aumentos salariais. Uma série de paralisações e manifestações precederam e prepararam esta greve.

• Nos últimos cinco anos a indústria dos países capitalistas desenvolvidos conheceu um movimento quatro vezes mais lento que a dos países do Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME) — organização económica do mundo socialista. Em 1975, os países membros do CAME lançaram quase três vezes mais produtos industriais que os países da CEE.

• O Congresso Permanente de Unidade Sindical dos Trabalhadores da América Latina, reunido em Lima, capital do Peru, enviou uma saudação fraterna aos povos de Moçambique, Guiné-Bissau, Angola, Vietnã, Laos e Camboja, que «conseguiram derrotar o imperialismo norte-americano, gendarme dos povos». Foi pedida a intensificação de boicote contra a Junta Militar Chilena e da solidariedade com a resistência antifascista no Chile, Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Haiti, Porto Rico e Guatemala.

• Nixon entregou a Ford e a Kissinger um relatório sobre a sua recente viagem à China, anunciou a revista «Time», com confirmação de círculos governamentais. No seu relatório Nixon revela que Mao-Tse-Tung o convidou a manifestar o desejo da China de que os estados Unidos se mantenha activos na Ásia. Aonde pode conduzir o anti-sovietismo!

• Quase cem por cento dos eleitores polacos participaram no processo de confirmação dos deputados parlamentares, pré-seleccionados pela Frente de Unidade Nacional.

• Após a adopção da lei da Reforma Agrária no Perú, as cooperativas agrícolas tem registado progressos. A grande propriedade e parcialmente a média foram confiscadas. No fim do corrente ano, altura em que se prevê que o programa agrícola peruano esteja cumprido, mais de 2,5 milhões de camponeses terão recebido 11 milhões de hectares de terra.

• Os países da Comunidade Britânica anunciaram que vão dar 50 milhões de dólares a Moçambique para que faça frente às dificuldades económicas advindas das sanções contra a Rodésia.

• Samora Machel, presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique revelou, quando regressava da cimeira de Lusaka, que reuniu os presidentes Kaunda, da Zâmbia, Nyerere, da Tanzânia e Kama, do Botswana, que a reunião tinha tido como objectivo «planear uma nova estratégia comum de modo a intensificar a luta armada e a atacar as estruturas básicas da economia do regime ilegal de Smith».

• Os Estados Unidos vetaram uma resolução do Conselho de Segurança deplorando a anexação de Jerusalém por Israel e a administração por parte deste Estado de outros territórios árabes ocupados. Os restantes membros do Conselho de Segurança votaram a favor da resolução, proposta por um grupo de países não alinhados.

• «L'Unité», semanário do Partido Socialista Francês denuncia a perseguição que está a ser feita a militantes de esquerda na RFA. «Hoje em dia, além-Reno — afirma — não só o activismo de esquerda é perseguido, mas também centenas de socialistas e de comunistas começaram a sofrer os efeitos daquilo a que tem de se chamar um novo "maccarthismo"».

• Quarenta mil trabalhadores da indústria alimentar da Finlândia encontram-se em greve.

• O Conselho de Segurança das Nações Unidas vai efectuar uma reunião destinada a analisar as acusações africanas de agressão da África do Sul em relação a Angola.

• Chegaram a Luanda os dois «Boings» americanos comprados pela República Popular de Angola. O secretário de Estado das Comunicações afirmou, a propósito: «a entrega destes «Boeings» é o resultado de uma luta que travamos desde a proclamação da independência contra uma determinação das autoridades americanas, que impediram que a entrega fosse feita».

• Vão realizar-se, no próximo dia 25 de Abril, em todo o Vietnã, eleições gerais para a Assembleia Nacional. Os candidatos incluem operários, trabalhadores rurais, soldados, intelectuais, estudantes, dois católicos, dois chineses, um jornalista, um homem de negócios e um budista.

• Pela primeira vez desde a independência das ex-colónias portuguesas, vão-se reunir os movimentos de libertação actualmente no poder naqueles países, os quais, durante a guerra colonial, constituíram a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas. Segundo declarações do comandante Jacob Caetano, do MPLA, esta Conferência, transformada, deverá ser a «vanguarda de uma frente ampla dos países progressistas africanos», que alargará as suas relações a todos os países progressistas do mundo. «Daí que a União Soviética e Cuba tenham um grande papel a desempenhar na defesa da revolução em África».

• Foi assinado um acordo quinquenal de cooperação económica em Berlim Oriental, entre o Vietnã e a República Democrática da Alemanha. A RDA fornecerá ao Vietnã maquinaria e equipamento industrial, em troca de manufacturas e de produtos agrícolas.

## Camboja: o imperialismo retira-se da Ásia

«A 20 de Março de 1976, pela primeira vez, como senhores do poder de Estado e senhores das cooperativas, dos sindicatos, dos arrozais e dos campos, das fábricas, os operários, os camponeses e as Forças Armadas Revolucionárias do Camboja escolherão os seus legítimos representantes para a Assembleia de Representantes do Povo do Camboja para decretar as leis, definir as diferentes linhas de orientação no que respeita à política interna e externa do Camboja Democrático» — assim se anuncia, em comunicado oficial do Governo do Camboja Democrático, as eleições dos membros da Assembleia de Representantes do Povo do Camboja que acaba de se realizar.

«Para saudar este importante acontecimento — afirma o comunicado — os nossos operários, os nossos camponeses e o nosso Exército Revolucionário redobrarão de combatividade e de entusiasmo, intensificarão os seus esforços para erguer diques, abrir canais, reerguer a economia, construir e defender o país para edificar um Camboja independente, unido, pacífico, neutro, não-alinhado, soberano na sua integridade territorial, numa sociedade onde reine a felicidade, a igualdade, a justiça e a verdadeira democracia, sem ricos nem pobres, sem classes exploradoras nem classes exploradas, uma sociedade em que todo o povo viva em harmonia na grande união nacional e se una para participar no trabalho produtivo, para construir e defender o país na sua totalidade.»

O poderio do imperialismo americano foi vitalmente ferido na Ásia, com a histórica vitória do povo vietnamita e dos outros povos da Indochina. Países outrora desmembrados, povos divididos artificialmente, com as suas economias destroçadas pela exploração do capital e as produções destruídas pelas bombas e pelas armas biológicas — dedicam-se neste momento à momentosa tarefa de reedificar o seu país, sarar feridas profundas, recuperar os seres recuperáveis, reeducar mentalidades, tornar produtivas terras devastadas, reconstruir indústrias destruídas. Lavar das suas terras — em definitivo — a marca infamante e destruidora do imperialismo americano escuraçado.

No momento em que no Camboja um povo finalmente livre realiza pela primeira vez eleições em que serão escolhidos os elementos mais capazes de defender os seus interesses, em permanente simbiose com a vontade e a acção popular, noutros países da Ásia, ainda não libertados do domínio do capital, o poder discricionário do imperialismo americano é também posto em causa.

A Tailândia ordenou que quase todas as forças militares norte-americanas fossem evacuadas do seu território. Cento e dezoito soldados e algum equipamento foram retirados da base de espionagem dos Estados Unidos em Ramasun — base altamente secreta que capta comunicações militares e outras na China e na Indochina. A retirada reduz para cerca de 3800 homens o número de militares norte-americanos ainda na Tailândia. Com excepção de 270 técnicos militares, todos deverão partir até 20 de Julho.

Batido numa frente particularmente importante, o imperialismo não deixou por isso de manobrar no Sudoeste Asiático e noutras zonas da Ásia. Dirige todos os seus esforços para impedir a reunificação da Coreia, alimenta a agressividade dos dirigentes reaccionários do Sul, tenta criar conflitos entre as duas parcelas de um povo artificialmente separado. No próprio território do Vietnã, alimenta um trabalho subversivo de provocação. Recentemente travou-se uma batalha entre elementos reaccionários e forças de segurança sul-vietnamitas, na província de An Giang, 190 quilómetros a sudoeste de Saigão, tendo sido também descobertos dois arsenais subterrâneos.

«Elementos reaccionários estão a abusar da política de tolerância do governo revolucionário, continuando a servir de laiaos aos autores de guerra e a sabotar a vida feliz do povo» — acentua o jornal oficial «Giai Phong», a propósito dos incidentes.

A política das forças reaccionárias na Ásia, hábil e experientemente conduzida e encabeçada pelo imperialismo e pelas suas organizações especializadas no trabalho de provocação e de diversão ideológica — é similar à utilizada noutras partes do mundo, adaptando-se embora, cuidadosamente, às condições locais, às diversas circunstâncias sociais e políticas.

A falência da lei da canhoira, reforça a importância da provocação. Os factos ocorridos no Vietnã são um exemplo da utilização dessa arma. Dão-nos a medida dos limites da tolerância das forças revolucionárias. Limites para além dos quais se trai, de facto, os objectivos preconizados. Se põe em perigo as vitórias alcançadas sobre as forças da reacção.

## Argentina: um golpe que a esquerda não soube ou não pode evitar

Nas vésperas do golpe militar na Argentina — quando a sua iminência era evidente para todos — seis partidos políticos, incluindo o Justicialista (então partido governamental) e o Partido Comunista Argentino, tinham decidido organizar a formação de uma comissão para concretização de um programa económico-social de aplicação imediata, para superar a crise em que o país se debatia. Tinha sido igualmente decidida a convocação de uma assembleia com todos os partidos que aderissem aos objectivos fixados pelos seis partidos reunidos.

Pretendia-se alcançar uma solução política para evitar a permanente deterioração da vida política e social do país. O Partido Federal, da direita, anunciara não pretender participar na Assembleia.

No campo da política económico-social, face a uma alarmante deterioração do poder de compra das massas trabalhadoras — nos últimos doze meses, o custo de vida tinha aumentado em 423,6 por cento, enquanto a inflação, em 1975, tinha atingido 335 por cento — fora previsto um aumento salarial da ordem dos 20 por cento e a

institucionalização de um mecanismo de ajustamento automático dos salários aos aumentos de custo de vida.

Numa aliança objectiva, recrudescia a onda de violência promovida por grupos esquerdistas e por organizações terroristas de direita.

Vinha-se a registar ultimamente um novo aumento de assassinatos, atentados e outras acções dos bandos armados da extrema-direita, não tendo sido tomada nenhuma medida para julgar os principais responsáveis desses grupos clandestinos, a despeito das testemunhas e das provas acumuladas. Na cidade de Cordoba — importante centro operário — a 770 Km de Buenos Aires, mais de 50 pessoas — a maioria pertencendo a sindicatos e partidos de esquerda — tinham desaparecido no decurso deste ano.

O ponto sete do programa apresentado ao povo argentino pela junta militar do general Jorge Rafael Videla, diz que se procurará uma «relação harmónica entre o Estado, o Capital e o Trabalho com o forte desenvolvimento das estruturas empresariais e sindicais, ajustadas aos seus fins específicos». Por outro lado, os militares dizem querer aprofundar a permanência da Argentina no mundo «occidental e cristão».

Entretanto, cerca de quatro mil pessoas foram presas desde o golpe militar, prisões que têm afectado em particular os meios sindicais. Várias centenas de funcionários públicos foram exonerados e muitos detidos. Conselhos de guerra serão estabelecidos em todas as jurisdições militares argentinas para julgar delitos contra a «ordem estabelecida» pela Junta Militar que governa o país. É ameaçado com pena de morte quem quer que despreze as disposições promulgadas desde a queda do Governo constitucional. Foram proibidas as actividades de vários grupos esquerdistas. Os partidos políticos não foram proibidos mas estão impedidos de efectuar quais quer actividades públicas. A sede do Partido Comunista Argentino foi assaltada.

Os elementos precursores do golpe eram evidentes. A incapacidade para governar de um governo hesitante, de facto ao serviço do capital. O recrudescer das dificuldades económicas das massas populares. A prática objectivamente provocatória dos grupos esquerdistas. O terrorismo desenfreado das hordas armadas da direita.

A direita não estava naturalmente interessada na solução da crise. Uma solução que teria que passar pela promulgação de medidas em defesa das massas trabalhadoras e pela unidade de todas as forças interessadas em fazer face ao fascismo e à degradação da vida económica e social que lhe abria as portas.

A direita não estava interessada nos votos ou numa via constitucional. A consciência política das massas trabalhadoras, faria de tal caminho um fracasso para as suas ambições.

A direita apostava no golpe. A esquerda não soube ou não pôde evitá-lo em tempo útil.

Estavam criadas as condições para o aparecimento do homem da «ordem nas ruas», do governo forte, da direita.

A Argentina é um país com um grande operariado, com fortes tradições de luta. Não é por acaso que as medidas decretadas não conduziram (pelo menos de imediato) à legalização do Partido Comunista ou à desarticulação do movimento sindical.

A última palavra não será de Rafael Videla.

## O conflito no Líbano não é um fenómeno isolado

Ao apelo dos dirigentes de direita do Líbano para «defender a pátria contra a esquerda», forças ligadas ao presidente Frangieh fizeram elevar para quase 15 mil mortos e 32 mil feridos o total de vítimas desde Abril do ano passado. Esta a consequência imediata da absurda recusa de Frangieh para deixar o cargo de presidente, que já não retém de facto.

Os esforços da Síria para conseguir uma solução política tão rápida quanto possível para pôr cobro à guerra que dilacera o Líbano, e em que nas últimas semanas têm morrido em combate ou em consequência dos combates, cerca de 200 pessoas — esbarrou, até ao momento, com a intransigência de uma direita que já não tem hipóteses de vitória, enquanto os sionistas de Israel esperam uma oportunidade de intervenção. Entretanto, a esquerda libanesa joga numa vitória total, para a qual possivelmente ainda não tem condições.

Como a luta que se desenrola no Sara Ocidental, o morticínio que devasta o Líbano não é um fenómeno isolado. Face ao ascenso das forças revolucionárias em África, o imperialismo esforça-se por defender aí os seus interesses. Em particular num ponto nevralgico como o Mediterrâneo, em que as posições da NATO tendem a enfraquecer num curto espaço de tempo, nomeadamente por uma possível vitória da esquerda na Itália. Assim, tenta lançar uns contra os outros os países desta região, isolar os novos centros progressistas que aí nascem, criar focos de reacção, sistemas conservadores e pró-americanos que possam contribuir para o enfraquecimento e a limitação da evolução das forças progressistas na área.

Entretanto, num continente africano com 393 milhões de habitantes e 22,4 por cento da superfície do planeta, vive-se um clima de efervescência revolucionária que conduzirá, necessariamente, ao triunfo das forças de libertação e à liquidação dos restos de colonialismo. Angola e Moçambique livres alteraram radicalmente o quadro político da África Austral. As vitórias dos povos angolano e moçambicano, que foram também vitórias do povo português, a intransigência racista de Smith, reforçam a determinação de combater pelas armas o regime da Rodésia, entre os nacionalistas e entré países da Organização de Unidade Africana (OUA). A ginástica do imperialismo inglês para alterar, com cinicas propostas aparentemente conciliatórias, o curso dos acontecimentos, não tem neste momento quaisquer condições para atingir os seus objectivos. Vorster recua na sua descarada intervenção em Angola. A luta do povo da Namíbia e das populações negras da África do Sul tem hoje melhores condições do que nunca para se desenvolver.

De Norte ao Sul da África, o imperialismo esforça-se por manobrar. Cria divisões, arma mercenários, apoia em toda a parte as forças da reacção, tenta confundir e trazer para o seu campo elementos débeis. Mas também aqui se defronta com um vínculo e irreversível ascenso das forças

revolucionárias. A despeito dos seus esforços, a História não voltará para trás.

## Itália, França, Espanha tal como Portugal no centro da luta de classes

Perpassa pelo continente europeu o frêmito do agudizar da luta de classes. Itália, França, Espanha e Portugal, são o centro dessa luta.

Empresas capitalistas e organizações da extrema-direita, em Espanha, receosas do ascenso da luta popular, formulam severas críticas contra o governo de Juan Carlos, a favor da «estabilização» da vida política no país. Pedem concretamente mais repressão para que seja respeitado o sistema instaurado pelo «grande estadista» Francisco Franco, ameaçado pela movimentação das massas trabalhadoras que se erguem contra a continuidade da sua política, mascarada de insignificantes «aberturas» coerentemente aproveitadas.

Os presidentes e vice-presidentes dos conselhos de empresários das quatro províncias catalãs, após reunião conjunta, divulgaram um comunicado em que acusam o governo de responsável pela situação em que se encontram de «suportarem directamente a incoerência política da administração». Na sua declaração, os capitalistas acentuam a necessidade urgente de se alcançar a «imprescindível estabilidade política que permita restabelecer quanto antes a perdida confiança empresarial».

Como é evidente, a insegurança sentida pelo patronato, não assenta na oca demagogia governamental, mas no aproveitamento que dela está a ser feito pelas massas trabalhadoras espanholas. Sentindo-se ameaçada nos seus privilégios, a extrema-direita tende a anular quaisquer veleidades «liberalizantes», mesmo que de fachada, e a acentuar o carácter repressivo da política governamental. O que implica a divisão e consequente enfraquecimento das forças que defendem o capital. Mas também o possível ascenso dos mais acérrimos defensores do fascismo.

Enquanto a Espanha se convulsiona numa luta difícil entre um povo saturado da opressão fascista e um capitalismo temeroso da ameaça que esse mesmo povo em luta pode constituir — o imperialismo olha apreensivo o desenrolar dos acontecimentos noutros pontos nevralgicos da Europa e joga cartas sucessivas para tentar infectar em seu favor a evolução da vida política desses países.

Em Portugal, as forças de direita desdobram-se em esforços para evitar a estabilização de uma situação democrática que permitirá a continuidade de uma via progressista. Os préstimos da CIA, as mais variadas manobras do capital internacional, têm-lhe sido de valor inestimável.

Kissinger retoma as suas ameaças, declarando que a ascensão de partidos comunistas ao poder na Europa Ocidental, fortalecerá as forças isolacionistas nos Estados Unidos e poderá contribuir para fortalecer a Aliança Atlântica. Parece assim querer agravar os já agudizados temores dos patrões italianos e franceses face às perspectivas de uma vitória eleitoral da esquerda.

O «New York Times» insere mesmo nas suas páginas afirmações pouco dúbias de um comentarista ligado ao Departamento de Estado, em que se afirma: «Devemos dizer abertamente a verdade aos nossos amigos (europeus) da NATO: se estão com a democracia, os Estados Unidos estarão com eles, se se tornarem comunistas, ficarão só». E prossegue: «Devemos dizer claramente que o objectivo da NATO consiste em bloquear a expansão comunista e que nenhum governo comunista pode fazer parte da NATO».

Palavras nítidas, claras, mas muito possivelmente destinadas a irem encher o cesto de papéis da História. Se dirigidas ao patronato europeu, são ridículas. A ascensão da esquerda na Europa não se dá naturalmente por negligência sua, mas por impotência. Se dirigidas aos trabalhadores, são absurdas. As massas populares europeias sabem que género de «democracia» é apoiada por Washington. Como sabem o preço do domínio dos monopólios, do Estado organizado ao seu serviço.

A Itália, centro de um dos objectivos mais delicados da NATO — o controlo imperialista do Mediterrâneo — é objecto de particular atenção da Casa Branca. Na terceira semana de Março, a embaixada americana em Roma fez saber que, se o Partido Comunista Italiano chegasse a participar no Governo, Washington cortaria a sua ajuda económica e militar. Na senda da ingerência nos problemas internos dos outros países, a Casa Branca perdeu o senso do quadro político internacional que hoje impera.

Enquanto em Espanha a escalada da direita é evidente, numa França e numa Itália em que o imperialismo ianque tenta descaradamente intervir, as várias expressões organizadas do poder do capital degladiam-se publicamente. Os velhos gaullistas da UDR criticam abertamente Giscard D'Estaing. Em Itália, cenas de pugilato dividem o Congresso Democra-Cristão. Divisão que não significa de forma alguma incompatibilidade, nem tão pouco exclusão da hipótese de recurso à velha e sempre actual solução fascista. O imperialismo não a riscou do seu espírito. Conserva-a como velha aspiração hoje mais difícil de concretizar. Mas que se mantém como ameaça pendente sobre a cabeça dos povos. Os grupos neo-fascistas italianos, por exemplo, estão muito provavelmente preparando armas para impor a lei do terror onde possível.

Numa Europa em que a luta das massas trabalhadoras e das suas vanguardas operárias, ainda quando tateando caminhos tortuosos, ergue a esperança do futuro, ameaçados de facto os interesses do sistema capitalista internacional, a estrutura apodrecida do capitalismo monopolista de Estado — a força e a fraqueza relativas da direita e da esquerda determinarão o seu futuro imediato.

A vitória da esquerda unida significará passos de gigante na História de toda a Humanidade.

# O CONGRESSO DE BONA DO PC ALEMÃO ASSINALOU O REFORÇO DO PARTIDO

## Com o Partido Comunista Alemão contra o grande capital, pelos direitos sociais e democráticos, pela Paz, pela Liberdade e pelo Socialismo

A característica fundamental do Congresso de Bona do Partido Comunista Alemão, que decorreu no Palácio de Beethoven de 19 a 21 de Março, foi, sem dúvida, o equilíbrio entre a defesa intransigente dos interesses nacionais das massas trabalhadoras alemãs, o patriotismo ardente próprio dos comunistas, e o internacionalismo proletário, teoria e prática da classe operária de todo o mundo unida na luta pelo socialismo.

O lema do Congresso, dominando toda a sala, expressava esta unidade revolucionária: «Com o PCA contra o grande capital, pelos direitos sociais e democráticos, pela paz, pela liberdade e pelo socialismo».

Elitos pelas diferentes organizações do partido a nível de região, de fábrica e de escola, 767 delegados, 629 ordinários com direito a voto activo e 138 delegados convidados, além de 36 delegações de partidos irmãos representando trabalhadores de todo o mundo, assistiram aos trabalhos que se desenvolveram em clima de grande entusiasmo. Pelo nosso Partido, encontrava-se o camarada Pires Jorge, do CC.

A determinação e combatividade manifestadas no Congresso, a unidade e capacidade de decisão do PCA, a enorme força da juventude, potencial de grande importância no conjunto do partido, (a idade média dos delegados era de 36 anos), as iniciativas programadas no sentido de reforço do trabalho de massas e a exaltação do internacionalismo proletário, com um lugar de primeiro plano no Congresso, foram reconhecidas mesmo pela imprensa capitalista que, obviamente, reagiu de forma violenta à demonstração do fortalecimento do PCA.

A linha de orientação do PCA na luta pela libertação das massas trabalhadoras alemãs, manifesta nas conclusões do Congresso de Bona, foi sintetizada no Relatório do Comité Central ao Congresso, lido pelo camarada Herbert Mies (presidente do partido) na abertura dos trabalhos. Na sua magnífica intervenção, cuja projecção política enriqueceu o tesouro teórico do movimento comunista internacional, o camarada Mies abordou os seguintes temas: I — Quais são as principais tendências do nosso tempo e para onde caminha a RFA? II — Os monopólios e o seu Estado lançaram o nosso país numa crise profunda; III — A luta contra a tentativa de se lançar as consequências da crise para cima dos trabalhadores e pela defesa dos direitos democráticos; IV — O povo trabalhador da República Federal necessita de profundas transformações sociais, necessita do socialismo; V — Reforço do partido e das suas ligações com as massas trabalhadoras e com a juventude.

No início da sua intervenção, o camarada Mies referiu-se ao reforço do internacionalismo proletário e da sua natural emanção, a solidariedade internacional para com os povos em luta contra o fascismo e o imperialismo, ao fortalecimento do campo socialista de que o XXV Congresso do PCUS constituiu um formidável testemunho, expressou a condenação do PCA relativamente «à odiosa política dos dirigentes maquiavélicos de Pequim, que actuam em harmonia com as forças reaccionárias e o imperialismo». Exigindo a continuidade da política de desanuviamento

atinge 1 milhão e 300 mil trabalhadores, o emprego parcial que já toca milhares de pessoas, frisando que a política prevista pelos monopólios acentuará este flagelo porque se prevêem investimentos de racionalização de trabalho, tendo o governo já declarado que se continuará a manter um milhão de desempregados e salientou a intensificação do surto inflacionista que afecta os trabalhadores.

Eis um exemplo: «Com mil pessoas não possuem habitação decentes mas simultaneamente estão vazias cerca de 400 mil habitações e em 1974 deixaram de construir-se mais 300 mil novas habitações porque a população não pode pagar as rendas exorbitantes». Comparando a situação económica e social na Alemanha com a realidade dos países socialistas, o camarada Herbert Mies salientou que «as crises económicas tal como as outras manifestações de crise nos diferentes sectores sociais-saúde,

verbot) a quantos sejam suspeitos de actividades democráticas, o que contradiz os mais elementares direitos humanos.

«Nós comunistas estamos profundamente convencidos de que todas as necessidades e desejos do nosso povo jamais podem obter-se nas vias gastas do capitalismo. O povo trabalhador da RFA necessita de profundas transformações sociais, isto é do socialismo». Nesse sentido assume particular importância, o reforço do trabalho do Partido, o reforço com as massas populares e a juventude, questão que o camarada Mies abordou longamente, insistindo na preparação ideológica cada vez mais firme dos comunistas. Terminando com a reafirmação da adesão do PCA aos princípios do internacionalismo proletário, o camarada Herbert Mies, disse:

«Não esqueçamos que há certas diferenças de opinião entre os partidos irmãos. Mas elas não são o

bilhões de escudos) foram para pesquisa em armamento e de 1974 a 1975, 564 bilhões de marcos (5640 bilhões de escudos) foram consagrados às Escolas Superiores do Exército Alemão em Munique e Hamburgo. Foram dados exemplos da corajosa luta das populações contra a expansão progressiva do exército alemão que domina zonas vitais, destruindo o modo de vida local.

O PCA, pronunciou-se, veementemente, contra a expansão militar progressiva, contra a destruição de zonas vitais para as populações, que põem em perigo a vida das pessoas e contra os grandes capitalistas alemães do armamento, apoiados pelo governo de Bona, pela utilização pacífica da energia nuclear e pela realização da Conferência Mundial do Desarmamento proposta por 109 membros da ONU, exigindo ao governo alemão que apoie a iniciativa.

### A JUVENTUDE E O SOCIALISMO

A predominância que os problemas da juventude assumiram nos trabalhos do Congresso de Bona não é de admirar dada a composição do PCA, patente nos delegados cuja idade média era de 36 anos: um Partido da juventude com força crescente em largas massas juvenis que, em unidade, com os veteranos da luta anti-imperialista, reforçam o caudal do combate por uma Alemanha socialista.

As condições políticas e económicas da RFA, tem levado vastas camadas de jovens a inserirem-se



O Congresso do PCA constituiu uma vibrante demonstração da unidade e da força dos comunistas da República Federal da Alemanha

nome dos comunistas, da classe operária, e da maioria do nosso povo vos apresente as melhores saudações fraternais e de combate.

nuviamento internacional, e pela verdadeira liberdade, isto é pela paz e pelo socialismo. O Informe do CC do DKP, apresentado pelo camarada Herbert Mies, Presidente do Partido, é uma prova de que acabamos de afirmar. Cada Partido tem as suas particularidades e devemos ser cuidadosos quando nos pronunciamos sobre a orientação política de um Partido irmão. Mas, queridos camaradas, não resisto a dizer-vos que no citado informe são feitas afirmações bem ricas de conteúdo revolucionário com as quais nos sentimos profundamente immanados. Immanados também, e desde sempre, nos problemas do internacionalismo proletário e na fidelidade aos princípios do Marxismo-Leninismo.

«A vossa solidariedade prestada à nossa luta, bem patente na campanha para a reconstrução e o reapetimento dos centros de trabalho do nosso Partido destruídos pela violência fascista, é uma valiosa contribuição para qual vos estamos gratos. O vosso Congresso, Queridos Camaradas, é um contributo fundamental para o reforço da luta da classe operária, dos comunistas e de todas as forças progressistas da RFA, luta que sabemos ser difícil, mas que terminará vitoriosa».

Depois de analisar a situação no nosso país, as tentativas da reacção em boicotar o processo revolucionário, a determinação das massas populares em defender as conquistas da revolução, o nosso camarada Pires Jorge referiu-se aos apelos de unidade do nosso

Partido ao PS, sublinhando: «Mas a direcção do PS oferece uma obstinada resistência a esta aproximação unitária e têm-se negado a participar em qualquer conversação entre os dois Partidos. O mesmo não sucede com numerosos socialistas das organizações de base que compreendendo os perigos reais da situação participam dia a dia em acções concretas de defesa dos interesses comuns e de combate ao inimigo principal».

«Nesta política divisionista e anti-unitária, a direcção do PS encontra o apoio daqueles mesmos partidos sociais-democratas, como o SPD, que tudo fazem no sentido de salvar o poder dos grandes monopólios, não vacilando em praticar grosseiras ingerências nos assuntos internos de países soberanos. O próprio senhor Brandt confessou publicamente este facto há poucos dias na sua última visita ao Porto.

«Não há dúvida», declarou sorridente, «que esse boicote existiu e que numa determinada fase, o comércio externo, o turismo e outros sectores da economia portuguesa foram afectados. O nosso País, camaradas, está aberto a todas as pessoas de boa vontade. Mas ingerências não as admitimos. E foi com profunda indignação que os portugueses rejeitaram as declarações do senhor Brandt.

«Queridos Camaradas: O PCP tem a noção dos graves perigos que temos de vencer. Mas no nosso País existem forças políticas capazes de marchar unidas na construção de um Portugal democrático, rumo ao socialismo.

«Por isso confiamos na força inquebrantável do nosso povo em luta e na solidariedade fraterna das forças progressistas do mundo inteiro — a União Soviética e os outros Países Socialistas assim como a classe operária e as forças progressistas dos Países capitalistas».

«Viva a amizade fraterna entre o DKP e o PCP!»

«Viva o internacionalismo proletário!»

«Viva a luta pela paz, pela liberdade e pelo socialismo!»

Expressando o desejo de consolidação dos profundos laços que nos unem ao nosso partido irmão, PCA, o camarada Pires Jorge ofereceu ao Comité Central uma chapa em cobre com a gravada da primeira página do «Avante!», clandestino e a primeira página do «Avante!» legal, marcos fundacionais de uma mesma e única justa luta, à qual o Congresso de Bona, delegados e delegações estrangeiras, testemunharam um inequívoco apoio, que constitui um encorajamento e um estímulo preciosos para o combate contra o avanço da reacção.

Durante muito tempo, erguidos de punho cerrado, os delegados do Congresso de Bona, gritaram o socialismo. E gritaram a solidariedade para com Portugal. Um grito que é um estímul fundamental para a luta do nosso partido pela causa operária no nosso País, na RFA e em todos os países onde a opressão se encontra banida para sempre dando lugar a um futuro de paz, o futuro de uma sociedade socialista.

### da nossa enviada especial HELENA NEVES

finanças, ensino e cultura, de matérias primas, de ambiente etc, são exclusivamente os amargos frutos do modo de produção capitalista» e, como tal desaparecerão uma vez abolida a «ordem» dos monopólios.

Relativamente à luta a conduzir, o PCA insiste na unidade das classes não monopolistas: «Queridos camaradas, não continuamos a dizer aos camponeses e aos pequenos industriais: vocês não

determinante no nosso movimento que constitui a força política imensa com maior influência na cena internacional. A tendência predominante revela-se na continuação do fortalecimento do movimento comunista mundial, no seu crescimento e no alargamento da sua influência a novos grupos e classes sociais.»

As intervenções dos delegados ao Congresso de Bona e dos elementos do Comité Central centrali-

## A SOLIDARIEDADE CONDUZ À VITÓRIA!

A solidariedade internacional, arma poderosa na luta contra o imperialismo, foi uma das tónicas dominantes no Congresso de Bona do Partido Comunista Alemão. Nas conclusões do Congresso, que resumem a linha de orientação política e as tarefas do PCA até ao próximo Congresso, insiste-se na necessidade de intensificar a solidariedade internacional para com os povos em luta contra a opressão, pela liberdade e independência. Refere-se, com especial firmeza, a solidariedade activa do PCA para com os povos do Chile, de Portugal, da Grécia, de Espanha, Arábia e Palestina (exigindo-se o reconhecimento da OLP como movimento, legitimamente representativo do povo palestino), para com a República Popular de Angola e o MPLA, para com os povos do Laos, Camboja, Irlanda, Chire, para com a República Popular do Vietname, para com os 30 milhões de negros dos Estados Unidos e para com os milhões de pessoas que sofrem os regimes ditatoriais da África do Sul, da Rodésia, para com os árabes dos territórios ocupados por Israel. Outra palavra, para com os povos em luta na Europa, Ásia, África e América Latina.

«O PCA apoiará sempre solidariamente a luta dos povos contra o racismo, pela igualdade, pela amizade, enquanto parte da luta contra o imperialismo. As experiências na luta imperialista confirmam que a solidariedade conduz à vitória.»

pertencem à minoria que enriquecem com a crise. O vosso lugar é ao lado dos trabalhadores; o vosso futuro reside na luta comum contra o grande capital monopolista». O camarada Mies considerou fundamental prosseguir com a política de unidade na acção entre comunistas e sociais-democratas nas lutas contra o grande capital, a qual se tem verificado com objectivos concretos apesar «de a direcção de direita do PSD existir qualquer tipo de contacto de base com o nosso partido, com os comunistas do próprio país, deixando-os ser

zaram-se fundamentalmente em três grandes temas: a intensificação da luta das massas trabalhadoras, a luta contra o imperialismo e a luta pelos direitos da juventude.

Grande número de delegados de fábricas e empresas denunciaram os efeitos da crise que se abateu sobre os trabalhadores enquanto os lucros dos monopólios continuam em crescimento; falaram das lutas das massas e do descontentamento progressivo que se faz sentir contra o desemprego e o emprego parcial, contra o Berufs-

No texto aprovado relativo à unidade da classe operária e dos povos de todo o mundo, destaca-se a exigência de imediata libertação de Luis Corvalan, Secretário-geral do Partido Comunista do Chile e de todos os antifascistas detidos nas masmorras de Pinochet.

Relativamente ao nosso País, o Partido Comunista Alemão reafirma:

«... Apoiamos a luta dos comunistas, de todas as forças antifascistas e democráticas portuguesas em luta pela defesa das suas conquistas políticas e sociais e democráticas alcançadas com a queda do regime fascista, que tudo fazem para afastar do caminho o perigo de um golpe contra-revolucionário e fascista. Protestamos energeticamente contra a propaganda caluniosa e tendenciosa dos órgãos de comunicação social na RFA e exigimos informações fiéis à realidade sobre o desenvolvimento do processo revolucionário em Portugal.»

No seu discurso o camarada Herbert Mies, afirmando a solidariedade internacional para com todos os que lutam contra o imperialismo, o fascismo, o racismo e o neocolonialismo, referiu-se directamente também, ao nosso país, exigindo, em nome do PCA, que «a República Federal Alemã acabe de uma vez para sempre com as ingerências nos problemas internos dos povos que lutam pela liberdade.»

na batalha pela transformação radical da sociedade. Willy Brandt afirma que a política governamental concede grandes oportunidades à juventude... De facto, a juventude tem oportunidade de conhecer, intensamente, o desemprego, a falta de lugar nas escolas e nos postos de especialização, a discriminação no ensino (apenas 5 a 6% dos estudantes universitários são filhos de trabalhadores), o Berufs-

Sabemos que o DKP está desde sempre na vanguarda da luta contra os monopólios, contra a discriminação profissional por motivos políticos, em defesa dos direitos sociais e democráticos, pelo desa-

## EM TORNO DO CONGRESSO DE BONA DO PCA

● O Partido Comunista Alemão foi reconstituído em 25 de Abril de 1968, ao abrigo de uma lei especial. Esta reconstrução foi possível devido à mudança da correlação de forças a nível internacional a favor do campo socialista, aos êxitos na política de desanuviamento de que a derrota do CDU (União Democrática Cristã, partido reaccionário) constituiu uma das peças. O PCA é herdeiro das gloriosas tradições do movimento operário alemão, da vanguarda da luta das massas trabalhadoras conduzidas pelo Partido Comunista da Alemanha proibido a 17 de Agosto de 1956 pelo Governo Federal.

● O Partido Comunista da Alemanha, fundado em 1918, por um grupo de revolucionários, entre os quais Rosa Luxemburgo e Carl Liebknecht, vindos do Grupo Spartacus, teve a partir de 1925, como presidente o grande obreiro da luta revolucionária, Ernest Thälmann. Em Novembro de 1932, o Partido Comunista da Alemanha alcançou seis milhões de votos nas eleições para o Parlamento e contava com 300 mil membros, 2210 células de empresa, 6000 células de bairro e 6500 organizações locais.

Quando Hitler se tornou chanceler da Alemanha, o Partido Comunista da Alemanha foi proibido. Ernest Thälmann foi preso em Março e viria a ser morto num campo de concentração nazi.

O Partido Comunista da Alemanha foi a grande força mobilizadora da resistência contra o nazismo. Além do imenso exército de militantes desaparecidos e mortos «por causa natural» nos campos de concentração, durante o domínio hitleriano, foram assassinados mais de 35 mil membros do Partido Comunista da Alemanha.

● Depois da guerra, o Partido Comunista da Alemanha, sob a direcção de Wilhelm Pieck, lança um programa de reconstrução nacional. O Partido Social-Democrata, reconstituído em 1945, adere a este programa, estabelecendo-se unidade de acção entre comunistas e sociais democratas. A 21 de Abril de 1946, num Congresso, o Partido Comunista da Alemanha e o Partido Social-Democrata, unem-se formando o Partido Socialista Unificado da Alemanha. Mas uma ala direita do Partido Social-Democrata não aceita a decisão do Congresso e prossegue uma política reformista e oportunista, de submissão ao imperialismo. Hoje este partido, cujo presidente é o conhecido senhor Willy Brandt, detém as rédeas do poder na RFA.

● No após guerra, a política das potências ocidentais provocou a cisão da Alemanha em duas partes. Quando a RDA se formou em 1949, já a R.F.A. era um facto consumado por iniciativa dos governos norte-americano, inglês e francês. Com a constituição da RDA e a existência particular de Berlim Ocidental (cidade com uma situação ímpar no mundo que se mantém sob o estatuto de ocupação militar) os partidos operários, nos diferentes países são: na RDA, o Partido Socialista Unificado da Alemanha, representante do poder operário; em Berlim Ocidental, o Partido Socialista Unificado de Berlim Ocidental e na RFA o Partido Comunista da Alemanha. Estes partidos comunistas são dirigidos por revolucionários que haviam militado em conjunto no Partido Socialista Unificado da Alemanha, antes da divisão do país. Sob a presidência de Max Reimann, o Partido Comunista da Alemanha conduz a luta contra o imperialismo que se fortalece na R.F.A. O Governo proíbe o P.C. da Alemanha em 1956, no período de intensificação da guerra fria.

Em 1968, a classe operária volta a ver legalizada a sua vanguarda revolucionária que se reconstituiu com a constituição do Partido Comunista Alemão.

● Por altura do Congresso de Hamburgo, o Partido Comunista Alemão contava com 39 mil membros. O número actual de militantes é de 42.453. O PCA está organizado por células de fábrica, de escolas superiores, de bairros, de concelhos, de estados e federal. O presidente do PCA é o camarada Herbert Mies, de 47 anos, filho de trabalhadores. Em 1944, H. Mies interrompeu os estudos por se ter recusado a servir no Exército nazi. Entre 1956 e 1969 diplomou-se em Economia em Moscovo. Foi eleito membro do CC do PCA antes da proibição do partido. Depois da interdição do Partido Comunista da Alemanha, desempenhou várias tarefas no interior e exterior do país, sendo eleito membro da Comissão Política e Secretário do C.C. H. Mies conta-se entre os camaradas que em 1969, fundaram o Partido Comunista Alemão. Foi eleito presidente do PCA em 1973.

O vice-presidente do Partido Comunista Alemão é o camarada Hermann Gautier, de 55 anos, filho de trabalhadores, empregado de comércio de profissão. De 1941 até 1949 foi deputado ao Parlamento do Estado de Bremer. Em 1951 foi eleito para o Comité Central do Partido Comunista da Alemanha. Após a proibição do Partido, em 1956, desenvolveu actividades políticas na União dos Eleitores de Brema, uma organização legal progressista. Foi um dos fundadores da União para a Paz.

Os outros órgãos de direcção são a Comissão Política composta por 14 membros, o Secretariado do Comité Central formado por oito elementos, o Comité Central constituído por 89 membros, a Comissão de Revisão com nove membros e a Comissão de Controlo com nove membros.

● As organizações de vanguarda da juventude trabalhadora e estudantil são a Juventude Socialista Trabalhadora Alemã que, na altura do seu VI Congresso (Maio de 1974), contava com 29.500 membros e a Liga Estudantil Marxista-Leninista-Spartacus que englobava 4500 membros quando do seu último Congresso em 1975. A organização de Pioneiros existe desde 1 de Junho de 1974.

Os anteriores congressos do Partido Comunista Alemão realizaram-se em Essen (1969), em Dusseldorf (1971) e em Hamburgo (1973). Neste Congresso realizado em Bona, dos 769 delegados presentes, 76% (590) eram trabalhadores e empregados; 67 estudantes de diversos sectores de ensino; 57 intelectuais, 37 donas de casa e reformados, 13 agricultores e outros independentes; 3 diversos. Entre os delegados, 702 são sindicalizados, 335 sindicalistas activos e 189 exercem funções directivas a nível sindical; 603 são membros de diversas organizações de massas e associações. Entre os delegados, 42% tinham idade até 30 anos. A idade média era de 36 anos. Do conjunto de delegados, 715 eram dirigentes das organizações do PCA.

● O órgão central do PCA, «Unser Zeit» tem uma edição diária de 75 mil exemplares, além de uma edição semanal. O director do «U.Z.» é o camarada Georg Polikeit do C.C. do PCA. O último congresso do «U.Z.» realizou-se em 1975 nas margens do Reno, em Dusseldorf. Mas o conselho da cidade de Dusseldorf, numa demonstração de teor da «democracia alemã» proibiu que, de futuro, o PCA e o seu jornal utilizem as margens do Reno. O camarada H. Mies afirmou, com firmeza, no Congresso que «apesar de tudo, os congressos do «U.Z.» realizar-se-ão todos os anos».



O camarada Pires Jorge, que chefiou a delegação do nosso Partido ao Congresso do Partido Comunista Alemão, cumprimenta o camarada Herbert Mies, presidente do PCA

to. H. Mies disse: «os interesses pacíficos do nosso povo requerem uma participação activa da RFA na continuação da política de desanuviamento; requerem a renúncia a todas as actividades neocolonialistas e à ligação unilateral à CEE e à OTAN, assim como a todas as tentativas de criar «uma comunidade de defesa europeia» equipada com armas nucleares; requerem sobretudo a intensificação das boas relações com a URSS, a RDA e a totalidade da comunidade socialista». Como exemplo de que a política de desanuviamento e cooperação serve os interesses nacionais do povo alemão, H. Mies citou exemplos de postos de trabalho que se mantêm porque o desenvolvimento das relações comerciais com a URSS suavizaram os efeitos da crise.

Passando à análise da crise profunda em que os monopólios e o seu Estado lançaram a RFA e cujos efeitos pretendem que sejam suportados pelos trabalhadores, o camarada presidente do PCA referiu a baixa de produção industrial (7% em 1975) o desemprego que

perseguidos pelo Berufsverbot e ameaçados os membros do próprio partido com expulsão em caso de colaboração estreita com os comunistas.» E mais adiante: «O PCA exige uma mudança fundamental na política económica e financeira em prol do povo trabalhador. Para tal é preciso restringir a omnipotência do grande capital no Estado, na economia e na sociedade, é preciso impor direitos de participação e controlo democrático para os trabalhadores em todos os sectores da vida económica.» Depois de apontar medidas concretas de luta contra o desemprego e a baixa do nível de vida, o camarada H. Mies passou à denúncia da política relativa aos municípios e ao ensino, sector que o governo tem conduzido à beira de uma calamidade.

Afirmando o vigor que o PCA defende os direitos fundamentais estabelecidos na constituição do país, H. Mies salientou as violações de que esses direitos são constantemente objecto, particularmente a odiosa lei de Proibição do Exercício de Profissão (Berufs-

verbot, tendo-se pronunciado também contra a discriminação relativa ao trabalho feminino e ao trabalho de estrangeiros.

Relativamente à luta contra o imperialismo, foram vigorosamente denunciadas as ligações entre o imperialismo alemão e o imperialismo americano e a sua santa aliança contra o campo socialista, que visa o renascimento da guerra fria e da doutrina de Adenauer, chanceler da Alemanha cuja divisa consistia em «fazer desaparecer a URSS do mapa». A política agressiva da social-democracia alemã demonstra-se pelo crescendo dos seus compromissos com a NATO que no país detem a sua maior concentração de armamento de toda a Europa e força 40 mil trabalhadores alemães a venderem-lhe a sua força de trabalho, no aumento das despesas com armamento que subirão este ano de 11 a 15%, continuando uma política anticomunista que rouba investimentos aos sectores produtivos: por exemplo em 1970, metade dos gastos em sectores de investigação, ou seja, 2 bilhões de marcos (mais de 20

### VIVA A SOLIDARIEDADE PARA COM PORTUGAL!

Das trinta e seis delegações de partidos irmãos presentes no Congresso de Bona do PCA, intervieram nos trabalhos, as delegações do Partido Comunista da União Soviética, do Partido Socialista Unificado da Alemanha (RDA), do Partido Comunista da Polónia, do nosso Partido, do Partido Socialista Unificado de Berlim Ocidental, do Partido Comunista do Chile, do Partido Comunista Cubano, do Partido Comunista Francês e do Partido Comunista Italiano.

As demonstrações de solidariedade constantes com que o Congresso acolheu todas as intervenções atingiram intensa vibração no que se refere à intervenção do nosso camarada Pires Jorge, membro do Comité Central. De pé, o Congresso aplaudiu entusiasticamente destacamos: o camarada Pires Jorge, de cuja intervenção, «Queridos Camaradas: permiti que em nome do CC do PCP, em